



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT)
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

EDUARDO ANTÔNIO BORGES DOS SANTOS

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO REFORÇADO PELOS ESTEREÓTIPOS
NORDESTINOS EM DIFERENTES PERSONAGENS MIDIÁTICOS**

CATALÃO (GO)
2023

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Sheila De Carvalho Pereira Gonçalves, Professor do Magistério Superior**, em 27/02/2023, às 10:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **EDUARDO ANTONIO BORGES DOS SANTOS, Discente**, em 28/02/2023, às 14:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3550813** eo código CRC **6CD25C0E**.

Referência: Processo nº 23070.001117/2023-87 SEI nº 3550813

https://sei.ufg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=3847422&infra_sistema=1... 3/2

EDUARDO ANTÔNIO BORGES DOS SANTOS

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO REFORÇADO PELOS ESTEREÓTIPOS
NORDESTINOS EM DIFERENTES PERSONAGENS MIDIÁTICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Unidade Acadêmica de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Linha de pesquisa: Língua, Linguagem e Cultura.

Orientadora: Professora Doutora Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves.

CATALÃO (GO)
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Santos, Eduardo Antônio Borges dos
O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO REFORÇADO PELOS
ESTEREÓTIPOS NORDESTINOS EM DIFERENTES
PERSONAGENS MUDIÁTICOS / Eduardo Antônio Borges dos
Santos. - 2023.
152, CLII f.

Orientadora: Profa. Dra. Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Instituto
de Estudos da Linguagem, Catalão, Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Linguagem, Catalão, 2023.

Apêndice.

Inclui siglas, abreviaturas, lista de figuras.

1. Preconceito Linguístico. 2. Estereótipos. 3. Variação Linguística.
4. Exclusão Linguística. 5. Língua. I. Gonçalves, Sheila de Carvalho
Pereira, orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 28/2023 da sessão de Defesa de Dissertação de Eduardo Antônio Borges dos Santos, que confere o título de Mestre em Estudos da Linguagem, na área de concentração Linguagem, Cultura e Identidade.

Aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e três, a partir das quatorze horas, via Videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "O Preconceito Linguístico Reforçado Pelos Esteriótipos Nordestinos em Diferentes Personagens Midiáticos", de autoria do mestrando **Eduardo Antônio Borges dos Santos**, matrícula 2021100436. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves (PPGEL/UFCAT) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profa. Dra. Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida (PPGEL/UFCAT), membro titular interno; Prof. Dr. Cleber Cezar da Silva (PPG - ENEB / IFG), membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato (x) Aprovado () Reprovado por seus membros. Proclamados os resultados pela Profa. Dra. Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e três.

Observações:

Banca Examinadora de Qualificação/Defesa Pública de Dissertação/Tese realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo:

Art. 2º A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Sheila De Carvalho Pereira Gonçalves, Professor do Magistério Superior**, em 14/03/2023, às 17:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cleber Cezar da Silva, Usuário Externo**, em 15/03/2023, às 09:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabiola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida, Professora do Magistério Superior**, em 19/03/2023, às 20:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3574971** e o código CRC **3B533568**.

Referência: Processo nº 23070.001117/2023-87

SEI nº 3574971

*Dedico este trabalho à vida e a tudo de bom
que ela já me deu!*

AGRADECIMENTOS

Com a conquista deste título encerro a busca antiga de um sonho, adiado por fatores que vão da maldade humana ao medo silencioso que nos paralisa após alguma derrota, mas a vida é assim, construída sobre tristezas e alegrias e cabe a nós separarmos as que merecem nossa atenção. Com um sentimento de dever cumprido, agradeço àqueles que foram fundamentais até aqui:

À minha família, o núcleo! Mãe, obrigado por me manter vivo até aqui, me sentir amado e protegido foi fundamental. Pai, obrigado por acreditar em mim, fiz este caminho segurando em suas mãos. Edgar, obrigado pelo orgulho que sente de mim, é muito bom ser seu irmão. Morgana, obrigado por existir, ter seu amor é acolhedor e inspirador. Aos meus cunhados, Leticia e Vitor, somos mais felizes com vocês aqui, obrigado por chegar e ficar. Benício, a alegria, o alívio e a esperança de dias mais felizes, você é o laço que arremata todo o amor que existe em nós. Amo muito vocês!

À grande família, primas, afilhada, tias e tios, obrigado pelo carinho e admiração.

Aos meus amigos, Ana, Cris, Thalisson, May, Lets, Rô, Tita, Bel, Zé Renato, Bárbara, Janine, Eliane, Madrinha Lú e Tramontinas, que entenderam minha ausência, se interessaram pela minha pesquisa e que vibram minhas conquistas, vocês são o alívio de dias difíceis... Eu amo vocês!

À UFCAT e aos professores que me conduziram até aqui, obrigado pelas contribuições.

À minha amiga do mestrado, futura Doutora Silvânia. Você é luz!

Aos membros da Banca, Dra. Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida, obrigado pela generosidade e grandeza das contribuições. Dr. Cleber Cezar da Silva, fonte de inspiração e amor. Obrigado por tudo, amigo, esta vitória também é sua.

À minha orientadora, Dra. Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves, obrigado por ter aceitado meu projeto e por ter me dado a liberdade de caminhar até aqui.

À SEMEL/Caldas Novas por ter me permitido dedicação exclusiva para realizar este sonho e ao vereador Marinho da Câmara pela contribuição.

E por fim, aos que ficaram pelo caminho nestes últimos dois anos, mas que estão felizes em algum lugar, obrigado, Vô, Malu e Edimar.

Os Programas de Pós-Graduação stricto sensu que ainda estavam vinculados à Universidade Federal de Goiás (UFG) já foram migrados na CAPES para a Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Entretanto, a UFCAT ainda utiliza o Sistema Eletrônico de Informação (SEI) da UFG. Por este motivo, no Termo de Ciência e de Autorização (TECA) e na Ata de Defesa ainda aparecem a informação e a logo da UFG.

RESUMO

O preconceito linguístico é uma realidade na nossa sociedade, ele julga, estereotipa e termina por excluir quem o sofre, e este ocorre até mesmo durante o processo de ensino e aprendizagem, logo, tendo ciência desta realidade, propor estudos, intervenções e pesquisas que possam nos ajudar a compreender e a combater esse sentimento é essencial para que busquemos harmonia e meios para que todos os falantes, em suas mais variadas formas de se expressar, encontrem o respeito que lhes é de direito. Buscando colaborar com essa problemática, temos como objetivo geral apresentar uma análise da incidência de personagens nordestinos em diferentes obras audiovisuais, veiculadas em TV aberta ao longo das duas últimas décadas, que foram construídos sob diferentes estereótipos, mostrando que muitas vezes essa realidade rompe o entretenimento e termina por servir de reforço e legitimação para diferentes tipos de preconceito, mais especificamente o preconceito linguístico. Dentro do percurso metodológico, esta é uma pesquisa exploratória e documental de cunho qualitativo, que se enquadra na grande área da Linguística, Letras e Artes, em que os aspectos da Língua são analisados dentro das contribuições da Sociolinguística e Dialetologia. O *corpus* é constituído por sete personagens que ilustram os tipos recorrentes de estereotipia que vem acometendo ao longo dos anos as obras midiáticas. Como suporte teórico para abordamos Língua, Linguagem, Fala e Sociolinguística temos: Câmara Jr. (1995); Sapir (1969); Saussure (2004); Benveniste (2005), Cunha e Cintra (1985); Lima (2003); Chauí (2006); Lavob (2008); Camacho (2004); Rajagopalan (2003); Bakhtin (1997), entre outros. Para Identidade e Cultura: Benveniste (2006b); Bosi (1992); Laraia (1986); Hall (2003, 2004); Durkheim (1912); Eagleton (2005); Silva (2000). Para variação linguística, preconceito linguístico e estereótipos temos: Bagno (1999, 2003, 2004, 2006, 2008, 2009, 2014); Allport (1954); Crochik (2006); Gadamer (1988); Bhabha (1998); Soares (2002); Koller (1954), entre outros. Para contextualização histórica da região Nordeste temos: Andrade (2011); Ab'Sáber (2007); Cavalcanti (1993); Bernardes (2007), entre outros. Para a história e a influência dos meios midiáticos na sociedade: Albuquerque Jr. (2011); Pinto (2002); Lurçat (1995); Bucci & Kehl (2004), Kellner (2001), entre outros. Como resultado da pesquisa, confirmamos nossa hipótese de que as obras midiáticas abordam os nordestinos de modo estereotipado e esta realidade reforça o preconceito linguístico sofrido por eles, além de repetirem de modo sistêmico os mesmo perfis degradantes e menos prestigiados, pela sociedade, na construção destes personagens. Para contribuir com a solução deste problema, construímos uma proposta de intervenção, por meio de uma sequência didática que aborda o tema e ajuda na reflexão da necessidade de se combater o preconceito linguístico.

Palavras-chaves: Preconceito linguístico. Estereótipos. Exclusão Linguística. Língua. Variação Linguística.

ABSTRACT

Linguistic prejudice is a reality in our society, it judges, stereotypes and ends up excluding those who suffer from it, and this occurs even during the teaching and learning process, so, being aware of this reality, propose studies, interventions and research that can Helping us to understand and combat this feeling is essential for us to seek harmony and means for all speakers, in their most varied ways of expressing themselves, to find the respect that is rightfully theirs. Seeking to collaborate with this problem, our general objective is to present an analysis of the incidence of northeastern characters in different audiovisual works, broadcast on open TV over the last two decades, which were built under different stereotypes, showing that this reality often breaks entertainment and ends up serving as a reinforcement and legitimation for different types of prejudice, more specifically linguistic prejudice. Within the methodological path, this is an exploratory and documentary research of a qualitative nature, which fits in the large area of Linguistics, Letters and Arts, in which aspects of Language are analyzed within the contributions of Sociolinguistics and Dialectology. The corpus consists of seven characters that illustrate the recurring types of stereotype that have been affecting media works over the years. As a theoretical support for approaching Language, Language, Speech and Sociolinguistics we have: Câmara Jr. (1995); Sapir (1969); Saussure (2004); Benveniste (2005), Cunha and Cintra (1985); Lima (2003); Chauí (2006); Lavob (2008); Camacho (2004); Rajagopalan (2003); Bakhtin (1997), among others. For Identity and Culture: Benveniste (2006b); Bosi (1992); Laraia (1986); Hall (2003, 2004); Durkheim (1912); Eagleton (2005); Silva (2000). For linguistic variation, linguistic prejudice and stereotypes we have: Bagno (1999, 2003, 2004, 2006, 2008, 2009, 2014); Allport (1954); Crochik (2006); Gadamer (1988); Bhabha (1998); Soares (2002); Koller (1954), among others. For historical context of the Northeast region we have: Andrade (2011); Ab'Sáber (2007); Cavalcanti (1993); Bernardes (2007), among others. For the history and influence of media in society: Albuquerque Jr. (2011); Pinto (2002); Lurçat (1995); Bucci & Kehl (2004), Kellner (2001), among others. As a result of the research, we confirm our hypothesis that media works address Northeasterners in a stereotyped way and this reality reinforces the linguistic prejudice suffered by them, in addition to systematically repeating the same degrading and less prestigious profiles, by society, in the construction of these characters. To contribute to the solution of this problem, we built an intervention proposal, through a didactic sequence that addresses the theme and helps in reflecting on the need to combat linguistic prejudice.

Keywords: Linguistic prejudice. Stereotypes. Linguistic Exclusion. Language. Linguistic Variation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Círculo vicioso do preconceito linguístico	43
Figura 2 - Mapa político do Nordeste.....	51
Figura 3 - Post - preconceito - Eleições 2014.....	54
Figura 4 - Post 2 - preconceito - Eleições 2014.....	55
Figura 5 - Post 3 - preconceito - Eleições 2014.....	55
Figura 6 - Post 4 - preconceito - Eleições 2014.....	55
Figura 7 - Post 5 - preconceito - Eleições 2014.....	56
Figura 8 - Post 6 - preconceito - Eleições 2014.....	56
Figura 9 - Habilidades para Língua Portuguesa propostas na BNCC – Competências Específicas 4.....	66
Figura 10 - Representação esquemática da estrutura metodológica de uma sequência didática	81
Figura 11 - Domicílios com aparelhos de TV por região.....	86
Figura 12 - Cartaz do filme "Que horas ela volta?"	95
Figura 13 - Jesuíno (Cauã Reymond) e Açucena (Bianca Bin) em Cordel Encantado, 2011..	98
Figura 14 - Herculano (Domingos Montagner), 2011.....	99
Figura 15 - Herculano portando faca (Domingos Montagner), 2011.....	102
Figura 16 - Herculano (Domingos Montagner) e seu bando de cangaceiros, 2011.	103
Figura 17 - Maria do Carmo (Suzana Vieira), Lindalva/Isabel (Carolina Dieckmann) e Nazaré Tedesco (Renata Sorrah) – Senhora do Destino, 2004.....	106
Figura 18 - Retirantes, 1944, Candido Portinari - óleo sobre tela.....	108
Figura 19 – Seleção de comentários na rede social Twitter acerca do sotaque nordestino da personagem Maria do Carmo na novela Senhora do Destino.	109
Figura 20 - Fabiano disfarçado – Caras & Bocas (2009) – TV GLOBO	112
Figura 21 - Chicó (Selton Mello) e João Grilo (Matheus Nachtergaele) – O Auto da Compadecida – O Filme. (2000) – TV GLOBO	115

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
GO	Goiás
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
SD	Sequência Didática
TV	Televisão/televisores
UFCAT	Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO	21
1.1 Língua, linguagem e fala	21
1.1.2 Língua, identidade e cultura.....	27
1.1.3 Língua e sotaque.....	31
1.1.4 Sociolinguística: O falar não vaga sozinho	32
1.2 Considerações sobre o preconceito	34
1.2.1 O preconceito linguístico	38
1.2.2 A relação entre preconceito linguístico e a gramática normativa.....	42
1.2.3 A relação entre estereótipo e o preconceito.....	45
1.2.4 O preconceito regional: os estigmas nordestinos	50
1.2.5 A formação social da Região Nordeste e o preconceito como herança.....	56
1.2.6 A visão do preconceito linguístico na educação - PCN E BNCC	62
1.2.7 O preconceito linguístico na escola e na sociedade.....	67
CAPÍTULO II: METODOLOGIA DA PESQUISA	71
2.1 Caracterização da pesquisa	71
2.2 Apresentação do corpus	73
2.2.1 Resumo do corpus: personagens, obra e data do primeiro capítulo.	73
2.3 A escolha do corpus – método e razão	74
2.4 Introdução para uma proposta de intervenção	75
2.4.1. O nordestino em Caldas Novas	77
2.4.2 Documentos norteadores para a proposta de intervenção: PCN, BNCC.....	78
2.5 Metodologia do produto educacional – Sequência Didática.....	81
CAPÍTULO III: ANÁLISE DO CORPUS	84
3.1 Breve histórico da TV brasileira	84
3.1.1 Emissoras, radionovelas e telenovelas.....	86
3.2 A Influência dos produtos televisivos na sociedade.....	88
3.3 Estereótipo 1: O nordestino servil e ingênuo	92
3.3.1 Filme: <i>Que horas ela volta?</i>	92
3.4 Estereótipo 2: O nordestino ignorante e agressivo	97
3.4.1 <i>Jesuíno e Herculano em Cordel Encantado</i>	97
3.5 Estereótipo 3: O nordestino retirante.....	104

<i>3.5.1 Maria do Carmo em Senhora do Destino</i>	104
3.6 Estereótipo 4: O nordestino caricata, ingênuo e bobo	110
<i>3.6.1 Fabiano em Caras & Bocas</i>	111
<i>3.6.2 Chicó e João Grilo - O Auto da compadecida</i>	114
CONSIDERAÇÕES	117
REFERÊNCIAS	120
APÊNDICE: INTRODUÇÃO PARA UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	129

INTRODUÇÃO

O idioma português, como os demais idiomas do mundo, não é distribuído de forma simples e linear pelo solo brasileiro. E esta concepção demonstra a diversidade de variações linguísticas do país e ensina, ou nos sugere como apreciá-las. Utilizando essas variações, nome dado às diferenças que ocorrem no idioma, podemos perceber que a língua não ocupa o mesmo espaço que a linguagem, já que esta é a forma viva e atuante dentro da sociedade, isto permite ao falante flexibilizá-la e apropriá-la (Bagno, 2009). A linguagem não pode ser vista como algo isolado do ser humano, ela é a realização da língua, ao mesmo tempo em que é também a expressividade da cultura de um povo. Esta, por sua vez, está ligada a diferentes interesses multidisciplinares. Tomando em seu amplo sentido etnográfico [cultura], segundo Laraia (1986), é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Com isso, percebemos que a linguagem é flexível, ela possibilita ao falante uma customização, em que ele a atribui variações únicas, deixando-a assim, como uma marca registrada que traz consigo nuances de estilo, *status*, história e tudo que o constitui socialmente como um falante, ou seja, a língua falada é como um cartão de apresentação pessoal de quem a fala, quem fala escolhe o que quer apresentar. Porém, o que não podemos ignorar é que existem, dentro destas variações faladas, aquelas que são mais prestigiadas, consideradas “nobres” e que passam pelo ambiente social sem nenhum julgamento, normalmente aquelas atribuídas às classes econômicas mais favorecidas, e o seu inverso, aquelas que são consideradas “inferiores”, atribuídas às classes regionais, sobretudo às sociais, que são marginalizadas pela sociedade por diferentes fatores. Criando assim, uma variação linguística considerada “cultura” em detrimento às demais, o que faz surgir o preconceito linguístico (BAGNO, 2009).

O preconceito linguístico, segundo Bagno (2009, p. 31) “é todo juízo de valor negativo sobre variedades linguísticas presentes no nosso idioma”. E quando é encontrado pelo professor dentro da escola, entre as tantas possibilidades que a heterogeneidade de uma sala de aula pode proporcionar, o processo de educar pede destaque à necessidade de esclarecer a importância da diversidade cultural na formação de nós, indivíduos que convivemos em sociedade, seja ela educacional, ou algo ainda maior, como a sociedade em que coabitamos. E foi por perceber que o preconceito linguístico habita as salas de aula, lugar onde ele deveria ser veemente combatido é que nasceu o interesse por esta pesquisa.

Em reflexão de quais seriam os motivos que levam o preconceito linguístico a estar tão presente em diferentes setores da nossa sociedade, até mesmo dentro das escolas, é que surgiu a vontade de compreender e analisar essa realidade. Hipoteticamente, os meios de comunicação brotaram como possíveis meios de propagação deste preconceito, visto que uma aluna, já adulta, migrante nordestina, se posicionou contra os estereótipos nordestinos presentes em diferentes telenovelas na TV aberta. Durante uma aula sobre variação linguística regional, essa aluna disparou: “Eu sou nordestina desde que nasci, mas não falo daquele jeito lá não, muito diferente de mim e da minha família!”, tal desabafo foi referente à presença de uma personagem nordestina que ocupava o papel de protagonista em uma novela do horário nobre.

Por ter muitos alunos migrantes nordestinos que sofrem deste preconceito, pois segundo relatos deles mesmos, são classificados, tachados e conseqüentemente excluídos é que me dispus a realizar esta pesquisa. Segundo o último censo realizado pelo IBGE (2010), Caldas Novas tem dentre os seus 70.473 habitantes, 12.430 nordestinos. Isso representa 17% da sua população. Muitos migram para a cidade das águas quentes à procura de uma condição de vida melhor.

Após tomar ciência da realidade ao que concernem os migrantes nordestinos na cidade de Caldas Novas, **surgiram diferentes inquietações**: por que nos sentimos tão à vontade para atacar e ridicularizar um grupo de pessoas pelo modo que elas falam, se expressam, ou pelo lugar de origem? Quem deu à sociedade, ou quem reforça essa liberdade opressora e excludente? O que pode ser feito para que o preconceito linguístico não ocupe a sala de aula e conseqüentemente, outros lugares na sociedade? Essas perguntas não foram respondidas, portanto culminaram no **problema da pesquisa**: Análise do papel da mídia televisiva na construção de personagens carregados de estereótipos e como essa assertiva pode reforçar e legitimar o preconceito linguístico na sociedade.

Portanto, o tema desta pesquisa é o preconceito linguístico, mais especificadamente o sofrido pelos migrantes nordestinos do Brasil. Mas por ser um campo muito abrangente, delimita-se como foco a investigação e a constatação da presença dos estereótipos de personagens regionais nordestinos, e se são uma realidade constante construída pela mídia televisiva em diferentes segmentos (filmes, séries, minisséries e telenovelas), estando então, servindo como reforço para a disseminação deste preconceito.

Surgem as **perguntas da pesquisa**: seriam os meios de comunicação um dos responsáveis por fortalecer o preconceito linguístico que recai sobre as variedades linguísticas menos prestigiadas? O fato de retratarem personagens regionais de modo estereotipado está

interferindo no modo como a sociedade os vê na vida real? Quais os fatores históricos influenciam na composição de personagens estereotipados nas tramas que retratam os nordestinos?

As definições de estereótipo que foram utilizadas na pesquisa, seguem as que estão no dicionário Aurélio Online (2021) e foram no decorrer da construção teórica, para guiar os objetivos, relacionados às questões linguísticas. São elas:

Fig.: Esse padrão formado de ideias preconcebidas, resultado da falta de conhecimento geral sobre determinado assunto. 2. Fig.: Imagem, ideia que categoriza alguém ou algo com base apenas em falsas generalizações, expectativas e hábitos de julgamento. 3. Fig.: Aquilo que não possui originalidade; banalidade, chavão, lugar-comum.

A definição dada por Bhabha (1998) também é pertinente, segundo ele o sujeito recorre ao estereótipo como sendo uma forma de conduta a ser realizada para que se possa relacionar em sociedade. O estereótipo para o povo brasileiro, segundo o autor, vem do período colonial, em que os dominadores e invasores de diferentes partes do mundo legitimavam seus atos extremamente gananciosos e violentos por terem pintado o colonizado como inferior. Essa visão é uma simplificação que o dominador criou para representar a realidade que ele queria viver, rejeitando a alteridade e tornando suas ações justificáveis, linha de raciocínio que continua vigorando quando tratamos de variedade e preconceito linguístico.

Abordar o preconceito linguístico e falar sobre a diversidade cultural do Brasil, sem considerar a língua e a sua relação com a sociedade, seria ineficaz para compreender todas as consequências por trás deste ato de exclusão, afinal o gatilho para tal processo é a língua e tudo o que ela traz consigo: os diferentes sotaques, modos de falar, as expressões linguísticas, o falar em si. Todas essas ações fazem parte e estão intrinsecamente ligadas à língua e à linguagem.

Todo este caminho, cercado de perguntas e com poucas respostas, como visto, fez surgir a **hipótese** de que a mídia televisiva na construção de personagens estereotipados, reforça a visão preconceituosa sofrida por algumas regiões do Brasil, temos como certo que há personagens estereotipados. Mas o perfil, a frequência, o modo como se apresentam, se desenvolvem na trama, a sua postura ao que concerne sua origem, tudo isso é importante para alicerçar o objetivo desta pesquisa. Acredita-se também que compreender quais são os fatores degradantes utilizados na construção social dos personagens regionais, pode ajudar a traçar

uma reflexão das consequências desta realidade, que vão muito além da abstração que se espera com a veiculação de uma novela, filme, minissérie, etc.

Considerando a realidade imposta pela presença do preconceito linguístico, limites esses reconhecidos principalmente por que o sofre é que se fechou o **objetivo geral** desta pesquisa: apresentar uma análise da presença de personagens midiáticos que foram construídos sob diferentes estereótipos nordestinos, mostrando que por não condizerem com a realidade do povo representado por eles, rompem o entretenimento e terminam por servir de reforço e legitimação de diferentes tipos de preconceito, mais especificamente o preconceito linguístico.

Entre os **objetivos específicos** desta pesquisa, buscamos investigar quais são os estereótipos frequentemente atribuídos aos personagens midiáticos na representação do povo nordestino; seu processo de instauração na cultura nacional; os fatores degradantes que são estigmatizados com essa realidade; demonstrar aos professores, educadores e sociedade em geral que personagens estereotipados estão reforçando os fatores excludentes, tais como o preconceito linguístico, social e cultural do povo nordestino e principalmente, propor por meio da (re) educação um olhar crítico e a reflexão de que é preciso mudar o modo como construímos e enxergamos o povo nordestino. Para isso, após o levantamento teórico e a análise do *corpus*, com o intuito de potencializar as contribuições desta pesquisa, estruturamos uma proposta de intervenção em forma de sequência didática, esta foi pensada como forma de suporte aos professores para o combate do preconceito linguístico e a formação de telespectadores críticos, que consigam identificar os estereótipos e seus malefícios.

Dentro do **percurso metodológico**, esta é uma pesquisa exploratória e documental de cunho qualitativo, que se enquadra na grande área da Linguística, Letras e Artes, em que os aspectos da Língua são analisados dentro das contribuições da Sociolinguística e Dialetologia, e que abordaremos detalhadamente no Capítulo II.

O preconceito linguístico tem sido tema de muitos estudos já publicados em diferentes áreas, como a sociologia, antropologia e linguística. Podemos vê-los nas contribuições de Silva (2022), Bagno (1999, 2006, 2009), Santos (2013), Oliveira (2020), entre outros. E a presença de estereótipos nordestinos na mídia pode ser suportada nas contribuições de Batista, Leite & Torres (2014), Batista (2014), Pinheiro (2020), Dáu (2019), entre outros. O que esta pesquisa se propõe é contribuir com os estudos já feitos, utilizando dos avanços desta área para manter a necessidade de se combater o preconceito linguístico.

Esta pesquisa não tem a intenção de se aprofundar em um personagem em particular, por isso, o *corpus* se constitui de diferentes estereótipos regionais construídos e apresentados ao longo dos últimos vinte anos pela mídia televisiva, em especial a Rede Globo de Televisão. Todos os personagens são estereótipos do nordestino, criados por autores brasileiros e direcionados para o mesmo público, trazem consigo características carregadas da região que representam nas tramas e foram escolhidos por estarem compreendidos nas últimas duas décadas, possibilitando um recorte temporal maior por se distanciarem umas das outras em seus anos de exibição, além de possibilitarem a análise de personagens em diferentes recortes temporais ficcionais e sociais. Outro critério relevante para a escolha do *corpus* foi a diversidade dos estereótipos presentes nas obras, ou seja, na construção de personagens nordestinos não recaí apenas um tipo de estereotipia, temos o “cabra-macho”, o “caricata”, o “retirante”, “o bom-malandro”, o “servil”, etc. Por isso, ao selecionar as obras a serem analisadas como reforços desta realidade buscamos contemplar esses diferentes sujeitos criados pela mídia e que veem se repetindo ao longo da história.

Desta maneira, o *corpus* escolhido nesta pesquisa é composto por sete personagens escolhidos de diferentes tramas, representando um tipo recorrente de estereotipia utilizada na construção de personagens, mais especificamente dentro do período de 2000 a 2015, sendo quatro deles construídos para telenovelas (três obras diferentes) e três personagens de filmes brasileiros. Do cinema: Val (Regina Cazé) do filme “Que horas ela Volta?”, um filme brasileiro de 2015, do gênero drama, escrito e dirigido por Anna Muylaert; Chicó (Selton Melo) e João Grilo (Matheus Nachtergaele) de O Auto da Compadecida, filme brasileiro de comédia dramática, de 2000, dirigido por Guel Arraes, com roteiro de Adriana Falcão, João Falcão e do próprio diretor, o filme é baseado na peça teatral de mesmo nome escrita em 1955 por Ariano Suassuna. Das telenovelas: Maria do Carmo (Suzana Vieira), da novela Senhora do Destino, escrita por Aguinaldo Silva com a colaboração de Filipe Miguez, Glória Barreto, Maria Elisa Berredo e Nelson Nadotti de 2004; Herculano (Domingos Montagner) e Jesuíno (Cauã Reymond), personagens da novela Cordel Encantado, exibida em 2011, escrita por Duca Rachid e Thelma Guedes, com coautoria de Thereza Falcão, colaboração de Manuela Dias e Daisy Chaves e por fim, o personagem Fabiano (Fábio Lago) da novela Caras & Bocas exibida em 2009, escrita por Walcyr Carrasco, com colaboração de André Ryoky e Cláudia Souto.

Com isso, por meio desta pesquisa buscou-se concretizar os efeitos excludentes que a mídia televisiva ocasiona e legítima ao construir personagens tão estereotipados, carregados de fatores degradantes que refletem num cenário real cheio de preconceitos, mostrando assim

como a língua, a linguagem e a cultura de um povo devem ser respeitadas ao serem encenadas e interpretadas, pois não se trata apenas de entretenimento, mas sim de um pilar que sustenta as relações sociais de todo um país.

E assim, fazendo-se refletir sobre como a língua, o estereótipo, a identidade e a cultura se entrelaçam e se completam no espaço da vida individual e social de cada indivíduo, a partir de uma perspectiva estruturada pelos **aportes teóricos** já documentados, apoiamo-nos em Câmara Jr. (1995); Sapir (1969); Saussure (2004); Benveniste (2005), Cunha e Cintra (1985); Lima (2003); Chauí (2006); Lavob (2008); Camacho (2004); Rajagopalan (2003); Bakhtin (1997), entre outros. Para Identidade e Cultura: Benveniste (2006b); Bosi (1992); Laraia (1986); Hall (2003, 2004); Durkheim (1912); Eagleton (2005); Silva (2000). Para variação linguística, preconceito linguístico e estereótipos temos: Bagno (1999, 2003, 2004, 2006, 2008, 2009, 2014); Allport (1954); Crochik (2006); Gadamer (1988); Bhabha (1998); Soares (2002); Koller (1954), entre outros. Para contextualização histórica da região Nordeste temos: Andrade (2011); Ab'Sáber (2007); Cavalcanti (1993); Bernardes (2007), entre outros. Para a história e a influência dos meios midiáticos na sociedade: Albuquerque (2011); Pinto (2002); Lurçat (1995); Bucci & Kehl (2004), Kellner (2001), entre outros.

Para a estruturação da pesquisa a dividimos em três capítulos: no **Capítulo I** conceitos de língua, fala, linguagem, cultura e identidade fundamentam a importância que tais aspectos têm na formação do indivíduo, se mostrando interligados e essenciais para a vida e o bem estar da sociedade. No **Capítulo II** a metodologia de pesquisa para a análise dos dados é escalada a fim de guiar a interpretação dos dados colhidos na busca de responder as perguntas da pesquisa e de alcançar os objetivos. No **Capítulo III** apresentamos os personagens selecionados e os fatores degradantes que lhes são atribuídos por meio de estereótipos repetitivos, que culminam por viabilizar o preconceito linguístico sob o falar nordestino. Por fim, no **Apêndice**, está disponibilizada a sequência didática que aborda a presença de estereótipos nas mídias televisivas, possibilitando aos professores interessados introduzir esse complemento nas aulas que objetivam combater o preconceito linguístico de forma geral.

Em suma, **os resultados** desta pesquisa nos mostram como é importante manter em pauta o preconceito linguístico, a variação linguística, o poder que a língua tem na formação da identidade cultural e individual do seu falante, e que com isso desperte momentos de discussão e reflexão que gerem mudanças positivas, não somente nas escolas, mas na sociedade em geral, pois o modo como aceitamos sua presença deste sentimento entre nós vem sendo viabilizada cotidianamente por meio de personagens estereotipados, que muitas

vezes nos divertem, nos entretém, mas ao mesmo tempo nos alienam de questões essenciais para o bem-estar e direito do próximo.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO

Este capítulo será dedicado à fundamentação das teorias de língua, linguagem, cultura e do preconceito linguístico, pertinentes ao objetivo da pesquisa, passando pela concretização do português como língua oficial do nosso país, pelas contribuições dos estudos linguísticos, tais como a sociolinguística, tipos de variação, etc. e pelas implicações do preconceito linguístico ao que concerne o Nordeste, assim como também suas consequências para os diferentes setores da sociedade.

1.1 Língua, linguagem e fala

As contribuições mais promissoras da linguística e que a fundamentaram como uma ciência, se desencadearam quando Ferdinand Saussure expôs seu trabalho por meio da “Teoria do Valor”, no início do século XX, na Universidade de Genebra. Saussure trouxe à luz a língua como sendo um sistema, delimitada e constituída por aspectos e princípios linguísticos que ele foi desenvolvendo por meio de pesquisas, e que hoje fundamentam as pesquisas que buscam respostas a respeito da natureza da língua. Para essa pesquisa, o princípio linguístico mais pertinente apresentado por Saussure, que contribuirá com o objetivo aqui almejado, é o que difere língua, linguagem e fala.

Para Câmara Jr. (1955, p. 53) “a língua é um fato de cultura como qualquer outro; integra-se na cultura.” Dentro das pesquisas destinadas a compreender fatores linguísticos, sociolinguísticos, entre outros, é pertinente conceber a definição e a importância da língua, visto que apesar de algo visivelmente essencial para tais abordagens, ainda assim, podem ser vista de modo errôneo. Para essa pesquisa a língua não se resume em face dos atos não-vocais de uma sociedade, ou simplesmente como um instrumento de comunicação, mas sim como um instrumento essencial para expressar todos os outros aspectos culturais de uma sociedade, como expressão máxima do elo que liga o indivíduo ao grupo a que ele busca pertencer. A respeito da sua funcionalidade para essa pesquisa, a língua aqui assume uma das duas funções que Câmara Jr. (1955, p.55) a atribuiu, ele a divide em relação a sua função como “precípua da comunicação”, e para nós a mais pertinente é a segunda: “2) os membros participantes de uma atividade cultural influem uns sobre os outros através da comunicação linguística”.

Assim, em suma, a língua, na visão desta pesquisa, é parte essencial da cultura de uma sociedade, ao mesmo tempo que é também o próprio veículo propagador desta cultura, como se fosse além de tudo, o seu resultado, ela contribuirá não somente no campo específico que a

estuda – a linguística, mas também como fator antropológico na construção da identidade do falante (CÂMARA JR., 1955).

Para os interesses desta pesquisa, que busca compreender o preconceito linguístico relacionado a uma região geográfica específica é interessante citar Sapir (1969, p. 26), que foi o primeiro linguista a considerar a língua e sua relação com o ambiente físico do falante. Para ele, “a língua é um produto social”, a expressão cultural de um povo. E é por intermédio dela que podemos acessar a história de um lugar e compreender o momento atual de um povo.

Nas contribuições de Sapir (1969), a relação com a língua transcende a anímico e atua fisicamente e simultaneamente com o ambiente social do falante, sendo responsável por formar diferentes “fatores sociais” essenciais sem sua vida, entre elas a “religião, a política, a arte e os padrões éticos” que são pilares da sociedade há séculos. Compreender como o ambiente atua na formação cultural do falante, principalmente no seu falar, agindo sobre seu léxico, seu sotaque, suas expressões idiomáticas, etc. São contribuições muito pertinentes para esta pesquisa, visto que o *corpus* se trata de personagens oriundos de uma região com características físicas e ambientais muito distintas das demais.

O desejo de expressar seus pensamentos e sentimentos sempre acompanhou o homem, podemos ver pelas pinturas rupestres, símbolos e demais achados históricos que comprovam essa realidade. Mas o meio que melhor possibilitou a interação foi o desenvolvimento da língua e de outras formas de linguagem, por meio dela as relações sociais foram se concretizando, nem sempre positivamente, mas os pensamentos, ideologias, conhecimento puderam ser difundidos.

Para Saussure (2004, p.17), “a língua é uma parte determinada” que possibilita o exercício da faculdade da linguagem, mas não se confunde a ela, para ele “a língua constitui algo adquirido e convencional”, uma forma de “pensamento organizado da matéria fônica”. Ou seja, para Saussure a língua tem o papel de “servir de intermédio entre o pensamento e o som”. Benveniste (2005, p. 69) concorda com essa atribuição teórica e é mais específica ao interpretar as contribuições perante essa visão, expondo que:

Ora, essa língua configura-se no seu conjunto e enquanto totalidade. É, além do mais, organizada como combinação dos “signos” distintos e distintivos, suscetíveis, eles próprios, de decompor-se em unidades inferiores ou de agrupar-se em unidades complexas. (...) Para tornar-se transmissível, esse conteúdo [do pensamento] deve ser distribuído entre morfemas de certas classes, organizadas numa certa ordem, etc.

Com isso, a importância da língua é tida como fundamental na expressão do pensamento, sendo uma ferramenta de “transmissibilidade, sem ela, o pensamento pode ser reduzido a nada ou a algo tão vago” (BENVENISTE, 2005, p. 69), o que Saussure (2004, p. 130) tratou como “algo indeterminado”, restando apenas a “massa amorfa” ou a “volição obscura”.

Em suma, para Saussure (2004, p.18), na língua “de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas”. Mesmo passando a ideia de que língua está internalizada no indivíduo, é importante ressaltar que para Saussure a língua é um “fato social”. “Ela é parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 2004, p. 22)

Para explicar uma possível confusão entre ser algo psíquico, que nos dá a ideia de internalização, e ao mesmo tempo ser “exterior ao indivíduo”, Saussure (2004, p.27), explica a assimilação da língua em sociedade:

A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independente da vontade dos depositários.

Para Cunha e Cintra (1985, p.1), a língua é um “sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Meio através do qual uma coletividade se expressa, concebe o mundo e age sobre ele. É a utilização social da faculdade da linguagem”. Para eles a língua também é tida como um “sistema linguístico”, além do “gramatical”, citado acima.

Ainda em consonância de pensamentos, temos Rocha Lima (2003, p.5), que reforça a definição de língua como sendo um sistema único, “um conjunto organizado e opositivo de relações, adotado por determinada sociedade para permitir o exercício da linguagem entre os homens”. E mais uma vez, a língua aparece como um fator determinante para a concretização da linguagem, porém, ocupam espaços próprios. Outro ponto interessante para essa pesquisa, contribuição do mesmo autor, é de que a língua, mesmo sendo tratada como um “sistema” permite que o indivíduo possa personalizá-la por meio da seleção de recursos que estão

disponíveis para ele, e que mesmo assim, não há uma desfiguração ou ruptura das características gerais que a definem. (ROCHA LIMA, 2003)

Expandido a definição de que língua é um “sistema único”, temos Bechara (2001), que defende o conceito de que a língua é na verdade um conjunto de sistemas. Não que se contraponha as visões já citadas, mas referindo-se a língua como um diassistema, algo formado na sua complexidade de fatores e que não está plenamente pronta, finalizada, mas em processo contínuo de modificação. Sendo a língua assim, tanto histórica, quanto funcional.

Para Rajagopalan (2003, p.25) “a língua é tradicionalmente entendida como algo fechado em si e auto-suficiente [sic]”. E defende seu ponto de vista tecendo uma crítica, pois para ele, Saussure não teria compreendido que o esforço pela definição de Língua “trata-se de uma questão óbvia demais para merecer qualquer discussão mais aprofundada”.

Bakhtin trata a Língua, em suas contribuições para o tema, como sendo um meio de construir o sujeito, um instrumento que o faz evoluir historicamente, algo que também está em contínuo movimento, ele ainda explica que

[...] a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (BAKHTIN, 1997, p. 107-108)

A contribuição acima pode demonstrar como a língua é essencial para a inserção do indivíduo em sociedade, agindo nele como um despertar para o âmbito social que ocupara ao longo da sua vida. O que vale, principalmente para o que objetivamos com essa pesquisa, o contraponto, visto que sem a Língua o indivíduo seria privado, ou teria seu acesso dificultado à cultura, ideologias, identidades e etc.

Para muitos autores, inclusive para Saussure, explicar a Língua e todos os seus aspectos linguísticos fica mais fácil quando a visualizamos com relação as definições de Linguagem. Uma das primeiras definições para o termo, aparece na obra “Lógica ou arte de pensar”, escrita no século XVII por Arnaud e Lancelot a linguagem era a expressão do pensamento, uma espécie de sinais que passam pelo espírito do falante.

Para Severo (2013) a diferença entre Língua e Linguagem nem sempre é facilmente compreendida, pois muitas vezes são utilizadas como sendo sinônimos. Em alguns idiomas

isso ocorre pela falta de palavras que façam essa diferenciação, em outros, por serem muito próximos, acabam por evocarem o mesmo sentido. Lima (2014) traz em sua pesquisa dados que comprovam que tradutores e comentadores encontraram dificuldades com as terminologias “língua, linguagem e fala” ao popularizarem as contribuições da obra de Saussure, reforçando assim a dificuldade que muitos encontram em compreender a diferença entre tais termos.

Retomando a abordagem Língua x Linguagem utilizada por muitos autores e que faz parecer mais acessível a compreensão dessa dicotomia, temos a definição de Saussure (2004, p.17), que não necessariamente opõe os dois conceitos, mas os trabalha em correlação.

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Para o autor a linguagem é uma faculdade em que a língua se torna um produto social.

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; um cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. [...] A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação. A esse princípio de classificação poder-se-ia objetar que o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao intuito natural em vez de adiantar-se a ele. (SAUSSURE, 2004, p. 17)

Dentro desta abordagem, a conceituação de linguagem é muito pertinente ao objetivo desta pesquisa, pois é tida como um fator social, individual. A língua pertencendo a um sistema adquirido e convencional, e a linguagem sendo a expressão de liberdade para o seu uso, como uma mescla que faz a junção entre o social e o individual. “A faculdade da linguagem é um fato distinto da língua, mas que não pode ser exercido sem ela.” (SAUSSURE, 2004, p. 4)

Para Chauí (2006, p. 155), é uma espécie de fenômeno ideológico e sensorial em que o falante se conecta de diferentes formas consigo e com outro. Ele explica que

A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento, ela nos envolve e nos habita, assim como a envolvemos e a habitamos. Ter experiência da linguagem é ter uma experiência espantosa: emitimos e ouvimos sons, escrevemos e lemos letras, mas, sem que saibamos como, experimentamos e compreendemos sentidos, significados, significações, emoções, desejos, idéias. [...] É que a linguagem tem a capacidade especial de nos fazer pensar enquanto falamos e ouvimos, de nos levar a compreender nossos próprios pensamentos tanto quanto os dos outros que falam conosco. As palavras nos fazem pensar e nos dão o que pensar porque se referem a significados, tanto os já conhecidos por outros quanto os já conhecidos por nós, bem como os que não conhecíamos e que descobrimos por estarmos conversando.

A definição apresentada pela autora é muito pertinente com a linha que os objetivos desta pesquisa percorrem, pois entendemos que a linguagem é um dos pilares mais importantes que sustentam a vida em comunidade, ela, além de mediar as relações sociais, é o elo entre os mais diferentes âmbitos que constituem nossa sociedade.

E a fala? Em que parte a expressão concreta do uso da Língua e a expressão da Linguagem se relacionam dentro das contribuições iniciais da Linguística? Para Saussure (2004, p.22) a fala é a parte individual da Linguagem que é formada por um “ato [também] individual de vontade e inteligência.” Em relação a fala e língua o autor diz que “esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos [...]”

Inegavelmente existe uma relação entre os três termos abordados, e esta não se encontra somente nas questões de definição e competência. Há uma relação indissolúvel. “A língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que língua se estabeleça” (SAUSSURE, 2004, p. 27). Essa relação é reforçada pelas contribuições de Benveniste (2006), pois ao considerar os atos de fala, princípios regulados pelo sistema da língua, ele afirma que “não produzimos a língua fora de esquemas” e só assim, conseguimos expressar, por meio do falante, um ato de fala. Ou seja, há uma interdependência entre Língua, Linguagem e Fala que vai além do óbvio.

Essa seção teve como objetivo introduzir as noções sobre Língua, Linguagem e Fala, principalmente aquelas desencadeadas por Saussure, pai da Linguística e responsável por torna-la uma ciência, que desde então, passou a ser basilar quando se busca construir uma pesquisa sob o viés dos aspectos linguísticos de uma sociedade. A distinção entre os três

termos aqui, resumidamente definidos, deve ser considerada e respeitada, mas sem que se esqueçamos que que eles são fundamentais para a existência de um processo amplo e altamente importante para a sustentação de diferentes segmentos que constituem a nossa sociedade – a comunicação humana.

1.1.2 Língua, identidade e cultura

Os dois termos, Língua e Cultura, não são simples de se definir, principalmente o segundo, por não habitar especificamente o campo que atende as contribuições da Linguística, afinal, sua origem vem do latim *colere*, que significa, a priori, cultivar a terra. É como Benveniste (2006b, p. 220) iniciou sua reflexão sobre o assunto: “parece convir mais a um filósofo do que a um linguista [...]”, mas a relação que o homem tem com a língua modifica tudo a sua volta, e se faz necessário transpor as fronteiras entre as áreas de conhecimento para assim, compreender melhor os fenômenos inerentes à língua, à linguagem, ao homem, à sociedade e à cultura.

Para Bosi (1992, p. 308) o que existe são múltiplas culturas, não existe “uma unidade prévia que aglutine todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro.” Para ele, o termo cultura é concebido como “uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso” e seria mais pertinente, em sua visão, consideramos o a nomenclatura “culturas”, indo do singular para o plural.

Para Laraia o homem atingiu seu ápice evolutivo quando foi capaz de chegar ao estado de cultura, vindo de evoluções fisiológicas que o permitiram agir sobre o seu meio e expressar suas aptidões. Ponto de vista que casa com o de Levi-Strauss, que vê a consolidação do estado de cultura quando o homem passou a dominar a linguagem de forma adaptada às suas necessidades momentâneas e assim, ser capaz de estabelecer e respeitar regras de convivência, o que culmina com as contribuições de Alfred Kroeber, que defende a ideia de que a linguagem serviu à cultura, pois foi por meio dela que o homem foi capaz de aprender, ensinar e generalizar as noções necessárias para a vida em sociedade. (LARAIA, 1986)

Spececer-Oatey e Franklin (2009, p. 15) trazem definições que são importantes para o construto desta pesquisa, pois ao se propor estudar os comportamentos linguísticos do falante é preciso compreender como o ambiente cultural em que ele se expressa vê essa ação. De acordo com os autores,

- A cultura se manifesta através de diferentes tipos de regularidades, algumas das quais são mais explícitas que outras;
- A cultura está associada a grupos sociais, mas não há dois indivíduos dentro de um grupo que compartilhem exatamente as mesmas características culturais;
- A cultura afeta o comportamento das pessoas e as interpretações de comportamento;
- A cultura é adquirida e/ou construída por meio do envolvimento com os outros.

Em Hall (2003), temos a cultura definida como algo não ontológico, não finalizado, mas responsável por uma infinita necessidade de se pensar e refletir inserido dentro de um processo contínuo de ensinar e de aprender.

De acordo com Durkheim a definição também vaga dentro de um processo com trocas múltiplas, para ele “a cultura é um processo interativo, composto de traços culturais que interagem uns com os outros, formando novas permutações, combinações e sínteses. Eles atraem-se uns aos outros, repelem-se, dividem-se e se multiplicam” (DURKHEIM, 1912, p. 22)

Para Eagleton, a cultura é responsável por determinar o modo de viver sem sociedade, sendo o meio que viabiliza a interação e nos permite negociar “maneiras apropriadas de agir em contextos específicos”, sejam eles específicos para a vida em coletividade, quanto para as atribuições individuais do homem, como por exemplo, o modo que lidamos com as emoções, afetividade, espaço e prazer. (EAGLETON, 2005, p. 184)

Na amplidão do pensamento e das contribuições de Benveniste, considerar a linguagem como um simples instrumento é leviano, para o autor, atribuir características que possam enquadrar esse fenômeno nos princípios do behaviorismo descaracterizam a fluidez da língua/linguagem, e vai contra a premissa que ele defende, de que “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” e que a relação não é simplesmente de estímulo e reforço, pois “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem.” (BENVENISTE, 2005, p. 285). Ou seja, “há uma natureza do homem que pode ser pensada em uma relação de necessidade definitiva com a linguagem. A linguagem define o homem, como o homem, a linguagem.” (ibid, p. 99)

Figueredo (2009, p. 12) esclarece que

É primordial compreendermos a importância da língua na nossa construção social e cultural. A língua pode expressar, encorpar e simbolizar a nossa realidade cultural. Quando a língua e a cultura são colocadas juntas, elas revelam ao mesmo tempo os

valores e crenças dos sujeitos situados socialmente e historicamente em uma comunidade de fala. Podemos afirmar que língua é como uma entidade sócio interativa que abrange a representação do patrimônio social e, da mesma forma, também reflete as relações de poder e dominação entre os membros de uma sociedade.

O autor supracitado nos traz a eloquência que é necessária para percebemos a importância da relação entre língua e cultura, pontuando o quanto ambas contribuem para a consolidação da sociedade.

Câmara Jr (1955) também se ateu a estudar e explicar a relação entre Língua e Cultura, em que uma parte também está vitalmente ligada a outra, mesmo existindo de formas distintas. Para o autor, “a função [da língua] é expressar a cultura para permitir a comunicação social.” A cultura possui relações com outros aspectos culturais, conseguimos ver a relação da arquitetura com o momento religioso, por exemplo. Mas é à Língua que recorreremos para expressar todos os possíveis aspectos culturais existentes, ou seja, a Língua é essencial para a perpetuação da Cultura, “a língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente [...] as aquisições culturais são ensinadas e transmitidas em grande parte pela língua.” (CÂMARA JR. 1955, p. 53-4).

A relação entre Língua e Cultura é algo incontestável, com as diferentes contribuições teóricas apresentadas percebemos que há uma relação de interdependência entre elas, e que ambas são atuantes na formação identitária de um grupo, e/ou de um indivíduo. O que nos faz realizar o quanto convém incorporamos a relação entre os dois termos já comentados às definições de Identidade, ou seja, refletirmos como a Língua, a Cultura e a Identidade se relacionam de modo estreito e influem na sociedade.

Para Stuart Hall a formação da identidade do indivíduo reflete diretamente no ambiente cultural em que ele está inserido e que “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”, e sabemos que é por meio da língua que acessamos modificações e expressividade. (HALL, 2004, p. 12)

Para exemplificar melhor sua visão, o autor explica que

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem

identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.

A relação entre elas, ao contrário das suas definições, não é difícil de compreender, a cultura se constrói por meio da língua, que então, ao interpretar os aspectos culturais molda identidades.

Para Silva (2000, p. 89) a identidade “é um significado – cultural e socialmente atribuído”, o que a faz ser tida como flexível e variável, visto que não é algo a ser definido por uma única percepção. Para o autor, a identidade de um indivíduo é uma “construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada.” (SILVA, 2000, p. 97)

Vimos que um indivíduo se faz culturalmente ativo por meio da linguagem, e a utiliza para propagar os aspectos da sua própria cultura, fechando um ciclo, não restrito às demais fatores externos, mas que se autossustenta. Compreender que estamos continuamente sujeitos a influências externas na formação da nossa identidade é aceitar que a língua, a linguagem e a cultura são fatores a serem considerados para a nossa estabilidade emocional e sentimento de pertencimento social. Visto, que conforme Hall (2004, p. 12-13)

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Endossando com a ideia acima, temos Castell, que reforça o caráter influenciável da formação da identidade do indivíduo, segundo o autor, processamos frequentemente “matérias-primas” vindas dos mais diferentes setores da sociedade (religião, biologia, memórias, fantasias, política e etc.), e com isso extraímos os significados em “função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em [nossa] estrutura social, bem como em [nossa] visão de tempo/espaço.” (CASTELL, 2000, p. 24)

Bauman (2005) levanta outro aspecto inerente a triangulação da Língua x Cultura x Identidade, o sentimento de pertencimento. Esse sentimento, também visto pelo autor como instável, está sujeito as “decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso [...]” (BAUMAN, 2005, p. 17-18).

Por fim, faz-se necessário citar as contribuições de Sapir (1969), linguística que possibilitou a criação da ecolinguística, pois esta pesquisa se liga a um grupo de falantes que é notoriamente lembrado pelos fatores físicos e ambientais da região que são oriundos, o Nordeste. Para Sapir (1969) o meio-ambiente interfere nas forças sociais da sociedade, sendo responsável por contribuir efetivamente com a cultura, língua, identidade e demais fatores sociais que formam o indivíduo. Compreender que existe essa relação é grandioso para justificar a importância de pesquisas como esta, que se além a compreender a relação da língua que mantém uma estrutura inseparável com a cultura e com a identidade de um povo com características tão próprias, como podemos ver nos nordestinos e na região Nordeste.

Logo, com isso, podemos compreender que somos formados em um processo contínuo, somos frutos dos mais diferentes contextos sociais a que nos sujeitamos e somos expostos, e que a Língua, a identidade e a Cultura se incorporam de maneira ativa nas transformações que vivemos no nosso dia a dia. O elo que liga os três aspectos atua de maneira complementar e indissociável, ao menos no que tange a visão desta pesquisa, é ele o responsável por nos inserir na teia das relações sociais, e a quebra ou desrespeito entre essa relação, pode culminar na exclusão do indivíduo do meio social em que ele busca se sentir pertencente.

Então, trazer à luz tais contribuições para esta pesquisa é importante para compreendermos a importância da Língua na formação cultural e identitária do falante, revelando as consequências severas da presença do preconceito linguístico na sociedade.

1.1.3 Língua e sotaque

Se levássemos em consideração as inúmeras vezes que percebemos o estranhamento de alguém ao se deparar com um sotaque diferente do seu, não seria necessária tanta atenção em desmistificar o Brasil como um país estritamente monolíngue. Essa avaliação que nos comete ao estranhar o falar do outro é natural, afinal, mesmo sem uma visão acadêmica e científica, temos popularmente aprendido que a língua e suas nuances representam dimensões ideológicas, suprem valores e norteiam ações e comportamentos (SANTOS, 2017). E é por

isso que acreditamos que o sotaque, meio mais corriqueiro para identificar o regionalismo do falante, requer atenção desta pesquisa, pois ele é atravessado por interpelações sociopolíticas, ideológicas e históricas que atuam diretamente na vida do falante.

Alguns linguistas, como é o caso de Willian Labov, já na década de 70 mencionou em suas pesquisas linguísticas a importância de estudar esses aspectos da língua, destacando que por eles podemos revelar estigmas, aversões, estereótipos e sobre tudo, preconceito (LABOV, 2008).

Para Moreno Fernández (1998), o estudo do sotaque pode nos ajudar a compreender processos mais profundos da nossa sociedade, como por exemplo, a seleção de uma língua por comunidades que até então eram multilíngues, a inteligibilidade e para a área da educação pode ajudar a planejar o ensino de línguas.

De modo prático, sotaque refere-se a um modo de pronúncia (GILES, 1973). Apesar da definição sucinta, o que é adicionado à pessoa que expressa esse sotaque é carece atenção. Ao identificar um falante pelo sotaque a ele são atribuídas questões muito além da língua, de comentários depreciativos a contextos sociais relevantes. Muita coisa pode se desencadear do modo como uma pessoa fala (GILES & MARLOW, 2011).

Estudos revelam que a partir dos cinco anos de idade, o sotaque pode ser tido como fator decisivo nas avaliações que fazemos do outro, assim como a cor e o sexo. E que ao escolherem amigos para interação, as crianças sobrepõem o sotaque à raça (KINZLER, SHUTTS, DeJESUS, & SPELKE, 2009). O estudo em questão, além de muito interessante, comprovou mais uma vez a importância que os elos estabelecidos por meio da língua e tudo o que nela incumbimos, tem. O sotaque, por menor que possa nos parecer perante a grandeza da língua, é um mecanismo social significativo para a formação da nossa identidade e organização social do mundo social que criamos e pertencemos.

1.1.4 Sociolinguística: O falar não vaga sozinho

Não podemos discutir a linguagem isoladamente da sociedade, já que a conexão entre elas é a base sobre a qual a pessoa humana é construída, este é o princípio da sociolinguística. Segundo a história, a humanidade está estruturada em sociedades e tem um código, ou seja, um sistema de comunicação oral que é único para cada orador. Analisar este fenômeno da linguagem, apelidado de sociolinguística, não é simples, pois exige a consideração de muitos fatores históricos, como o ambiente social no qual residem as pessoas dedicadas à pesquisa deste fenômeno. Como resultado, as teorias da linguagem, sejam passadas ou presentes,

sempre tiveram perspectivas únicas e divergentes sobre a função da linguagem na vida social (SILVA E ESTEVAM, 2009).

O termo sociolinguística, fixado por Willian Lavob no ano de 1964, nem sempre esteve em harmonia com as teorias e abordagens da época, para a linguística alemã de August Schleicher, que teve um efeito significativo no século XIX, ela foi desprezada. Na sua visão a linguística é comparada com o nascimento, crescimento e morte de uma planta, bem como com a ideia de evolução de Darwin. Cada língua, afirma ele, é o resultado de uma combinação de produtos químicos naturais encontrados no cérebro e no mecanismo de fala. Assim, o estudo de uma língua é uma abordagem indireta a este assunto desconcertante. Assim, a variedade linguística depende da diversidade das mentes e dos órgãos dos homens, conforme determinada por sua raça. E a língua está inextricavelmente ligada à raça. É o critério mais adequado para classificar as raças da humanidade (ALKMIN, 2004).

Embora a conexão entre a língua e a sociedade não tenha sido o elemento decisivo no século XX, foi reconhecida como tendo um componente social e histórico, uma vez que descartou ideias anteriores, como a supracitada de Schleicher, mas ele não esteve sozinho neste percurso. De acordo com Mussalim e Bentes (2004) em seu livro “Introdução à Linguística”, Saussure, que elevou a linguística a um nível de ciência, tratou a linguagem como sendo o sistema que sustenta a atividade da fala; mais precisamente, é o sistema invariante que pode ser abstraído das muitas mudanças observadas na fala. A estilística, ou Linguística Externa de modo mais geral, se preocupará com a fala. A Linguística, falando corretamente, será encarregada de explicar a estrutura formal do idioma. Assim é lançada a chamada abordagem imanente da linguagem, que, em palavras saussureanas, implica em colocar de lado tudo o que é estranho ao corpo, ao seu sistema.

Para Bakhtin, estudioso da linguagem e fonte suprema de pesquisa na década de 1960, não, para ele a linguagem não era um fruto isolado, ela se concretiza na interação com o outro, ele traz consigo o conceito de comunicação social, considerando a heterogeneidade do falante ao produzir sua fala. Ou seja, traços arreigados à sociolinguística.

Cada período tem sua própria abordagem única para este fenômeno linguístico, com seus próprios métodos distintos de percebê-lo e interpretá-lo. Entretanto, sabemos que a sociolinguística investiga a região da diversidade linguística dentro de uma cultura particular, as variações que circulam dentro deste contexto social. E agora ela é mais valorizada e enfatizada no ensino-aprendizagem da língua materna na escola. A maioria dos instrutores está consciente de seu papel crítico na criação de cidadãos conscientes e engajados na vida social, melhorando assim seu desempenho, mesmo no mercado de trabalho (SILVA E

ESTEVAM, 2009).

A sociolinguística é um campo de pesquisa dedicado a estabelecer a covariação sistemática da variação linguística e social. Ou seja, conectar as variações linguísticas observáveis dentro de uma comunidade às diferenças observadas na estrutura social desse mesmo grupo. Assim, a sociolinguística examina a diversidade linguística e estabelece relações entre a variação linguística e certos fatores, tais como a identidade social do falante, como evidenciado pelo estudo da fala de várias classes sociais e entre falantes masculinos e femininos, ou a identidade do receptor, como evidenciado pelo estudo de diferentes contextos sociais nos quais os estilos formais e informais são estudados.

É fascinante ver como a sociolinguística se desenvolveu e expandiu durante todo o período do formalismo. Ela foi formada através de pesquisa e atividade. O que aconteceu foi que esta ocorrência da linguagem ganhou destaque e adquiriu um contexto social distinto. Numerosos linguistas e acadêmicos examinaram este fenômeno, demonstrando sua natureza multidisciplinar.

A sociolinguística é o estudo da linguagem falada como ela é vista, relatada e estudada em seu contexto social, ou seja, em circunstâncias reais. É um membro de uma comunidade linguística composta por indivíduos que se comunicam vocalmente e aderem ao mesmo conjunto de normas para o uso linguístico das palavras.

Em suma, para a sociolinguística cada língua é única; não é homogênea. Assim, a própria língua portuguesa é diversificada; seus falantes, sejam eles do Brasil, de Portugal ou de Angola, podem falá-la de diversas maneiras. A sociolinguística não vê esta variedade como negativa, mas sim como um componente necessário da linguística, acreditando que a língua não pode existir sem variação.

Assim, podemos ligar a sociolinguística à aquisição da língua materna, assim como a tudo o mais que um ser humano aprende no contexto social em que vive.

1.2 Considerações sobre o preconceito

Muitos são os setores da sociedade que estão sujeitos ao preconceito, talvez aqueles que primeiramente nos venham à mente de início sejam o preconceito racial, o social e até mesmo o com pessoas alguma deficiência motora ou mental, podem esses serem os mais comuns dentro do amplo aspecto social em que nos encontramos, mas não são os únicos, há outros tão devastadores quanto, mas que correm em sociedade esquecidos e muitas vezes silenciados

Para compreendê-lo faz-se necessário uma reflexão sobre sua designação semântica, e como a palavra “preconceito” se desvenda no nosso vocabulário e ocupa nosso léxico. Segundo o Dicionário Aurélio Online (2022) a palavra “preconceito” possui diferentes definições, destaca-se aqui aquelas que são pertinentes ao objetivo desse trabalho e que se correlacionam com o termo “linguístico”, que será abordado posteriormente:

Juízo de valor preconcebido sobre algo ou sobre alguém que se pauta em uma opinião construída sem fundamento, conhecimento nem reflexão; prejulgamento. Repúdio demonstrado ou efetivado através da discriminação de grupos religiosos, pessoas, ideias, sexualidade, raça, nacionalidade etc.; intolerância: o racismo, a xenofobia, a homofobia são tipos de preconceito. Comportamento que demonstra esse repúdio ou aversão. Convicção fundamentada em crenças ou superstições; cisma. Forma de pensamento em que uma pessoa chega a conclusões que entram em conflito com os fatos por os ter prejulgado.

Pela própria etimologia da palavra já nos atemos ao prefixo “pré” – que se refere ao que vem antes, antecede algo; e ao “conceito” – modo de pensar, de julgar, ponto de vista sobre algo. Lembrando sempre que o julgamento sem o conhecimento não é algo positivo, não estamos falando de criar expectativas isentas sobre o falar, mas sim sobre a exclusão, sobre a ridicularização, a exclusão que vem arreigada aos diferentes tipos de pré-julgamentos que fazemos com frequência.

Para Allport (1954) o preconceito está no eixo dos sentimentos, vem representado por uma antipatia generalizada, incorreta e indissolúvel que é fixada a um grupo. Adorno e seus colaboradores (1950) partiram da afirmação empírica de que se tratava de uma questão autoritária, em que o indivíduo que externava o preconceito lhe fazia por meio de sua personalidade expressiva, e Rokeach (1960) atribuiu o preconceito a uma limitação cognitiva do indivíduo, que por algum motivo internalizado possuía pouca habilidade para lidar com o que lhe parecesse diferente. Com isso temos o preconceito centralizado no indivíduo e nas experiências vividas, ouvidas e assimiladas de modo independente, ou pelo convívio social.

Não se consegue pontuar o momento exato para o nascimento do preconceito, visto que o tratamos aqui como um sentimento, forma pura da subjetividade humana, mas é possível tecer um constructo da sua evolução, não de maneira exata, pois como dito, o preconceito está em um campo difícil de se permear, isso implica toda sua variabilidade por ser um fenômeno social, e o que podemos fazer é estudar o momento histórico em que essa

palavra assumi sua funcionalidade semântica atual dentro do falar popular. Para Crochík (2006, p. 30-1):

O preconceito é um fenômeno conhecido há muito tempo, embora seu objeto e o seu conceito tenham variado historicamente. Assim, no passado significava o juízo fundado em experiências e em decisões anteriores, mais à frente coincidia com as verdades inatas ou com a percepção preordenada aos fatos, que possibilitavam o saber. Com o primado da razão e da experiência em conflito com os dogmas religiosos da Idade Média, os preconceitos foram adversários do conhecimento quer científico, quer filosófico, quer moral, sem que a necessidade de pré-conceitos pudesse ser eliminada da busca do conhecimento ou da orientação na vida cotidiana, pois os hábitos são fundamentais para se manter a vida e se adaptar às normas de convívio social.

Como definido acima, o preconceito de forma geral é um sentimento concebido sem exame crítico, hostil, generalizado e já caminhou lado a lado com a busca do saber, o que o torna ainda mais instigante, visto que atualmente é tido como uma despesa do ato de saber, a recusa do conhecer por achar que o que já se tem internalizado sobre alguém, ou algo já é o suficiente para se montar um julgamento e um *modus operandi*.

A palavra preconceito já foi utilizada em diferentes vieses antes de assumir sua atual denotação, Marcuschi (2008) traz seu uso pelo movimento da Contrarreforma no século XVI por parte da igreja católica, como sendo o termo que designava os dogmas que deveriam permanecer e serem aceitos para que não se gerasse um caos social.

Com visto, nem sempre na história humana a palavra “preconceito” carregou consigo uma conotação negativa, ao menos até o século XVIII com a estruturação do Iluminismo não era assim. Segundo Gadamer (1988, p. 270) a palavra preconceito “se referia apenas aos achados anteriores ao fim de algo [um objeto de estudo] que estava sendo examinado”, portanto não era utilizado com a terminologia de uma falsa concepção, mas como parte de um processo de conhecimento. Mas com a chegada do Iluminismo, movimento cultural que priorizava o conhecimento em detrimento da fé, a palavra assumiu essa concepção que até hoje permanece como um julgamento infundado, no caso, por ser utilizada durante um processo de conhecimento, que ao final era descartado ou refutado, e não na sua finalização, que de acordo com Gadamer (1988, p. 278) “essa [etapa do processo] é a razão para desacreditar os preconceitos e a razão científica, o conhecimento científico reivindicava sua exclusão por completo”, o que passou a dar à palavra o tom pejorativo.

Percebemos então, que o Iluminismo foi o marco cultural temporal que ativou o sentido negativo que hoje atribuímos à palavra preconceito, segundo Mariani (2007, p. 21) os estudiosos da época tinham o preconceito dividido em duas vertentes, uma em função da “autoridade humana” e a outra ao “excesso de pressa”, sendo essas a base que ativam o preconceito no indivíduo preconceituoso. A “autoridade” vem do princípio de que o indivíduo deve “fazer uso de seu próprio entendimento”, o que lhe valida ações de distinção do que lhe é diferente, claramente colocando-se superior ao que é comparado, pois a autoridade não tem a ver com conhecimento, ela está mais ligada à obediência, pois o indivíduo investido de poder pode impor aos outros sua forma de pensar, seus fundamentos e conhecimento, seja esse qual for. Já a “pressa” é a assimilação do conceito sem compreendê-lo, sem a interação com o que está sendo concebido, o que gera um estranhamento e uma repulsa quando de fato acontece o encontro, ou seja, é um processo solitário, pois o indivíduo usa apenas da própria razão (GADAMER, 1988). Estranho tais fatores serem concebidos dentro de um momento histórico cultural em que o conhecimento foi a força motriz, como foi o Iluminismo, mas o que temos hoje nasceu assim.

Essa linha de pensamento que nasceu no século XVIII se perpetuou no século seguinte, pois os românticos da época, outro movimento cultural de grande influência na sociedade, priorizava a tradição como uma ferramenta de condução social, sendo assim, caminharam propagando o que o Iluminismo concebeu como sendo o correto. Gadamer (1988, p. 282) explica essa concretização nos mostrando a visão romântica, pois para os estudiosos da época “o que foi sancionado pela tradição e pelos costumes tem uma autoridade” e deve ser seguida, “e nosso ser finito em termos históricos é marcado pelo fato de que a autoridade que chegou até nós, que nos foi passada [...]” faz parte de quem somos, muitas vezes podemos até não perceber, mas “de qualquer modo, estamos sempre situados entre tradições e isso não é um processo objetivo [...] faz parte de nós, um modelo ou um exemplo, um tipo de conhecimento cuja historicidade não percebemos”, mas a vivemos.

Outro contexto histórico que pode ajudar-nos a compreender o enraizamento desse sentimento hostil é a conceituação da mimese, que ganhou importância ao ser empregado por Platão na obra *A República* publicada no século IV A.C. Utilizando dessa teoria, Koller (1954) defende que estamos inseridos em uma sociedade que usufrui de diferentes processos miméticos, em que tendemos a aprender por aspectos originais de “representação”, “expressão” e “imitação”. Mas qual a relação da mimese com o preconceito? Simples, pois ao identificarmos um indivíduo ou um grupo que tem como expressão cultural e identitária algo diferente do que temos, somos levados a refutá-lo. No processo mimético não imitamos

aquilo que culturalmente não é valorizado por nós, o que não faz com que diferenças deixem de existir, mas exacerba um sentimento de algo inútil ao nosso aprendizado, logo, passamos a negá-lo e temos o diferente como algo que não devemos ser. Em outras palavras, o preconceito nasce pela refuta do que não identificamos em nós, ao que nos é diferente, ele vem de fatores psíquicos que alimentamos em nós mesmos por diferentes meios de convivência. (KOLLER, 1954).

Para Duckitt (1992) a aceitação de que o preconceito é uma distorção da realidade ligada à fatores psíquicos é algo relativamente recente, pois durante muito tempo diferentes paradigmas teóricos se contrapunham na compreensão da origem desse sentimento, ora era algo de aspecto individual, ora cultural, ou era tudo ao mesmo tempo às vezes. A falta de uma abordagem linear, fosse para obter resultados confiáveis, fosse para refutá-los fez com que estudos fossem abandonadas ou encerradas sem uma conclusão satisfatória para área da pesquisa.

Duckitt (1992, p. 53) agrupou em seus estudos cinco diferentes conjuntos de teorias sobre o preconceito que dominaram o último século de pesquisas, assim é possível vislumbrar o caminho que as diferentes abordagens percorreram para a compreensão desse fenômeno:

1. teorias que utilizam conceitos psicanalíticos para explicá-lo como produto de mecanismos de defesa que surgem frente à frustração. Os indivíduos preconceituosos procurariam um objeto para justificar a sua insatisfação com a situação devida;
2. teorias que consideram que o preconceito resulta de perturbações no desenvolvimento de estruturas psíquicas, o que levaria o indivíduo a tomar-se predisposto ele;
3. teorias para as quais o preconceito é fruto da socialização, ou seja, os indivíduos se adaptariam às normas e aos valores culturais transmitidos;
4. teorias que julgam ser o preconceito um produto dos conflitos entre interesses sociais diversos;
- e 5. teorias que consideram ser o preconceito um problema cognitivo. Ou seja, os indivíduos para poder compreender o mundo, simplificam-no através de estereótipos.

Para o autor as diferentes abordagens se complementam, não existe uma mais correta que a outra, e destaca que as que mais contribuíram com a área foram as que usufruíram de mais de uma delas, como é o caso das pesquisas desenvolvidas por Adorno *et al.* (1965) que são fonte de fundamentação e embasamento até hoje.

1.2.1 O preconceito linguístico

Há diferentes tipos de preconceito, mas como pontuou Bagno (2014, p. 21), apesar de uma “forte militância contra as mais variadas formas de preconceito, [...] esse combate não tem atingido um dos mais comuns na sociedade brasileira: o preconceito linguístico”, que traz consigo marcas tão expressivas quanto os mais corriqueiramente mencionados, ou seja, não é porque pouco se fala em preconceito linguístico que ele deixa de existir e deixa de se fazer sentir.

Como visto anteriormente, não há uma data exata para o nascimento de um sentimento, como é o caso do preconceito, que a partir daqui se desdobra em preconceito linguístico, ou seja, toda sua semântica negativa agora ligada ao falar, à língua, ao que é linguístico. O que conseguimos observar nas diferentes pesquisas já publicadas são alguns marcos históricos em que é possível perceber a sua existência. Para Camacho (2001, p. 85):

[...] esse tipo de preconceito, que infelizmente ainda se mantém, foi forjado pela tendência evolucionista do final do século XIX, segundo a qual diferenças culturais entre civilizações de diferentes estágios tecnológicos se correlacionariam a diferentes estágios na evolução da língua: assim, quanto mais ‘primitivo’ fosse o estágio cultural de um povo, tanto mais ‘primitiva’ seria a estrutura da língua que ele fala.

Com isso compreendemos que o preconceito linguístico não vem só, por intermédio dele, demais fatores na fala de um indivíduo são pré-julgados, ou seja, diferentes pontos sociais são deduzidos, como por exemplo, o *status*¹ social. Por isso não podemos limitar a existência do preconceito linguístico a fatores inerentes apenas a fala ou ao que lhe é inerente, pois ele é muito maior que isso, não por sua importância existencial ou contribuições, lógico, mas por estar ligado ao modo de falar, à língua em si, que sabemos é um fator cultural extremamente importante e que influencia toda a identidade social do indivíduo. E que fique claro que não estamos abordando à língua nos domínios formais a que compete a escolaridade ou normas cultas e gramaticais, mas sim àquela falada, que precede a língua escrita e que é a realidade da vida de milhares de pessoas que nascem, crescem, vivem e morrem sem jamais aprender a ler e a escrever. (BAGNO 2006, p.56)

¹ [Antropologia] Condição de algo ou de alguém em relação ao grupo de indivíduos com os quais se relaciona; Estado ou circunstância que algo ou alguém ocupa em determinado momento; condição, conjuntura. In. **Dicionário Aurélio Online**, São Paulo: 7 Graus, 2021. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/status/>> Acesso em: 10 de Jan de 2021.

Em consonância com essa questão é importante deixar à luz desta pesquisa que no Brasil não há uma unidade linguística que seja melhor que a outra, nem tão pouco que o país seja monolíngue, fazemos parte de mais de duzentos e dez milhões de pessoas que falam o Português, pessoas com idades diferentes, algumas escolarizadas, outras não, origens geográficas distintas e distantes, situações socioeconômicas que compõem um leque vasto de fatores extralinguísticos. Portanto, não há uma homogeneidade no falar do brasileiro e nenhuma delas é superior por pertencer a algum grupo ou classe dominante:

No Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país, que gera diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. (BAGNO, 2006, p.16).

Sendo o Brasil um país multilíngue, onde, segundo Bagno (2008, p. 27) “[...] são faladas mais de dezenas de línguas diferentes, entre línguas indígenas, línguas trazidas pelos imigrantes [...], línguas surgidas das situações de contato nas extensas zonas fronteiriças”, o que não se pode é refutar essas diferenças, classificando-as como inferiores, já que são apenas menos prestigiadas, ou até mesmo atribuindo a uma variedade linguística, diferente da sua, pré-julgamentos que vão além do simples falar. E não se trata apenas de linguagem formal *versus* linguagem informal, porque essa dialética está presente em todas as variedades linguísticas, ora mais acentuadas, ora menos, mas existem, e o problema vai além dessa vertente. Ele é maior.

Ou seja, a desigualdade social atenua o preconceito linguístico, visto que a norma culta, falada por aqueles que tiveram acesso à educação, é tida como sendo superior ao falar informal. Criando um estigma sobre aqueles que utilizam a língua para se comunicarem, mas que por algum motivo pessoal, não dominam regras e normas gramaticais.

Além do mais, o preconceito linguístico não pode ser ignorado pelo simples fato das demais nuances desse sentimento serem mais agressivas e opressoras (como muitos tendem a imaginar). Quando falamos de privação, constrangimento, exclusão educacional e social, estamos sim falando de um problema sério e com consequências devastadoras na vida do falante que sofre esse preconceito.

Em um dos diversos conceitos que abordam o preconceito linguístico, Bagno (2014, p. 26) nos traz essa reflexão:

[...] a atitude que um indivíduo ou um grupo social assume diante de algum modo de falar que é diferente do seu. [...] Como todo preconceito, o linguístico é a manifestação, de fato, de um preconceito social, porque o que está em jogo não é a língua que a pessoa fala, mas a própria pessoa como ser social.

Com isso vemos que não se trata de um fenômeno vivenciado pontualmente, de algo passageiro, o preconceito linguístico deixa marcas sociais, que estão além do falar. Sabe-se que ao sofrer o preconceito linguístico, o falante passa por um processo em que não se identifica mais dentro do grupo cultural em que está inserido, com isso, ele é jogado para fora do que a cultura nacional constrói em um indivíduo, como podemos observar em Hall (2004, p. 59): “[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional.” Vemos então, que o preconceito linguístico rompe com essa construção contínua da identidade do falante.

Um fator preocupante citado por Bagno e que também é uma consequência devastadora provocada por esse sentimento, acontece quando o preconceito linguístico não vem de outro, mas sim do próprio falante, que internalizou as concepções vivenciadas ao longo da sua prática de falante e passa a acreditar que tudo o que já viveu é parte imutável da sua identidade, como explica Bagno (2009, p. 96), o preconceito linguístico para alguns falantes que o sofre é:

[...] como algo que impregna de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo, fazendo com que, por vezes, muitos discriminem a si mesmos ao acreditar que “‘não sabem português’, que ‘português é muito difícil’ ou que a língua falada aqui é ‘toda errada’”.

Essa condição que o preconceito impõe ao falante que o sofre demonstra uma das consequências mais avassaladoras quando olhamos para o lado individual do falante

inferiorizado, que é a limitação imposta pela insegurança. O falante passa a se ver como incapaz de se socializar por meio da linguagem, pois foi condicionado a aceitar que não sabe se comunicar adequadamente. Um fator isolante vivido, principalmente, pelos migrantes, visto que estão circulados por diferentes modos de falar, sujeitos a constantes julgamentos.

Ainda com foco na internalização dos que sofre o preconceito linguístico terem para si a noção de que o “português é muito difícil” é preciso ressaltar que essa concepção se dá mais na concepção da língua escrita do que da falada, pois tanto um adulto sem escolaridade, quanto uma criança de 4 anos, ainda sem frequentar a escola, é capaz de se comunicar oralmente. Isso se dá pela complexidade das normas que regem nossa escrita, a gramática tradicional é realmente um campo inalcançável em sua totalidade, podemos dominá-la, mas não sem muita dedicação (BAGNO, 2003).

O julgamento de que alguém “fala tudo errado” pode ser provido de diferentes pessoas, não apenas aquelas com maiores condições intelectuais e ideológicas, sendo conservador ou não, o julgamento ao que nos é diferente é comum ao ser humano, o que muitos ainda não sabem é que suas consequências, muitas vezes, são tão graves. Bagno (2003, p.16) nos traz essa exemplificação ao deixar claro que “a língua falada é diferente da língua escrita”, pegando como exemplo a palavra “menino”, que pode ser proferida “minino”, “mininu”, “meninu” etc. E que mesmo quem utiliza uma variação diferente do padrão, vê no falar do outro o erro, ao invés de perceber a coincidência de ter outro também utilizando uma variação.

Para Bagno (2003, p.19) o que falta na sociedade é um:

[...] olhar para a língua dentro da realidade histórica, cultural, social em que ela se encontra, isto é, em que se encontram os seres humanos que a falam e escrevem. Significa considerar a língua como uma atividade social, como um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes toda vez que se põem a interagir verbalmente, seja por meio da fala, seja por meio da escrita (BAGNO 2003, p.19).

Para esta pesquisa, demonstrar a necessidade de uma intervenção no modo que nós, falantes do português, percebemos o falar do outro é fundamental, até porque estamos no mesmo nicho social, no mesmo grupo que aplica na língua diferentes variações.

1.2.2 A relação entre preconceito linguístico e a gramática normativa

Ao abordamos a lacuna que existe entre o português falado e o português escrito vê-se necessário um cotejo sobre o que acontece dentro da nossa sociedade que faz como que essa realidade propague e de certa forma, incentive o preconceito linguístico entre aqueles que tem seu falar mais distante da normal gramatical escrita.

Para Bagno (2009, p.93) trata-se de um “círculo vicioso” entre os elos estabelecidos pela “gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos”

Figura 1 - Círculo vicioso do preconceito linguístico



Fonte: (BAGNO, 2009, p.110)

Para o autor o círculo é uma questão de comodidade em se manter o tradicionalismo, uma espécie de zona de conforto em que a educação se entregou, e quando refere-se à educação, engloba-se nesse círculo todos os que orbitam esse universo (professores, educadores, livros de didáticos, teóricos e etc.). O que engatilha o “círculo vicioso” é a gramática tradicional, que por sua vez cai na monotonia da prática de ensino, que de certa forma é limitada pela existência de uma gramática tradicional e de um currículo a ser cumprindo, que por sua vez faz nascer a necessidade de um livro didático que auxilie esse processo, a indústria do material didático, buscando atender as necessidades dos que estão envolvidos, recorre as concepções tradicionais da gramática. Está construído o “círculo vicioso do preconceito linguístico”.

A relação entre as três estâncias que constituem o círculo pode não deixar claro o motivo de termos essa ação como um reforço sistêmico ao preconceito linguístico, mas não podemos esquecer que é pelo fato de termos uma gramática tradicional ditando o que é certo ou errado é que a escrita, que mais se aproxima dessas normas, se consolida no campo do correto e a fala, que flui livre e cheia de variações, no campo oposto.

Os avanços na área da educação são consideráveis, o próprio Ministério da Educação tem, nos últimos anos, feito esforços para que haja uma reflexão menos dogmática sobre a

disparidade da língua falada *versus* a escrita, como uma forma de se manter a “ética e a cidadania plena do indivíduo” (BAGNO, 2009, p.111).

As mudanças podem ser sentidas também no esforço que as editoras têm demonstrado em elaborar materiais mais compatíveis com a realidade, até porque os próprios PCNs passaram a reconhecer a necessidade de abordar o preconceito linguístico em seu texto:

[...] muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, são objeto de avaliação negativa. (BRASIL, 1998, p.31)

E realmente os livros didáticos apresentam melhoras nesse quesito, mas o processo de desconstrução é longo e falho, podendo muitas vezes dar um passo a frente e por algum intempérie, dar dois para trás. Se trata de um sentimento enraizado na sociedade e que percorreu um longo caminho de incentivo e reforço, desmontar essa realidade realmente exige tempo e esforço.

Bagno (2009) traz também, associados como frutos desse “círculo vicioso do preconceito linguístico”, alguns mitos que são difundidos e acabam por serem tidos como reais na sociedade, o que logicamente potencializa os efeitos negativos do preconceito linguísticos, em relação à gramática tradicional ao mesmo tempo que servem como incentivadores do próprio “círculo vicioso”, podemos exemplificar primeiramente com o “mito nº 3: ‘Português é muito difícil’”. A discrepância entre o falar e a existência de inúmeras regras que regem a escrita faz com muitos acreditem serem incapazes de aprender o idioma que falam, mesmo o utilizando incessantemente para se comunicarem. É como se todo o conhecimento adquirido para a habilidade da fala, de formular frases, adequar tempos verbais, usar conectivos e etc. fosse desprezado e não servisse de parâmetros para nenhuma aprovação social.

A falsa ideia de que dominar as regras básicas de funcionamento de uma língua não faz desse falante alguém apto a aprovações sociais só nos mostra como a supremacia gramatical impera sobre o processo que desencadeia o preconceito linguístico. Uma criança de sete anos já é capaz de se expressar adequadamente, utilizando os principais tempos verbais - passado, presente e futuro - perfeitamente, mas será vista por muitos como um indivíduo vazio perante o domínio da língua. Para que alguém seja visto como alguém que

“sabe português” ela “precisa demonstrar domínio gramatical, saber por exemplo o que é uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo ou saber distinguir um complemento nominal de um adjunto adnominal.” (BAGNO, 2009, p.63). E essa visão explica porque muitos concluem seus estudos básicos e se sentem incompetentes perante a língua portuguesa.

Outro mito apontado por Bagno (2009, p.79) é o de que “O certo é falar assim porque se escreve assim”, ao explicar essa tendência de pensamento difundida aos quatro cantos do Brasil, o que o autor trata não somente como um mito, mas como um preconceito, ele traz à tona a necessidade que as pessoas têm de excluírem alguns traços das variações linguísticas menos prestigiadas por não pronunciarem todas as letras que aparecem na forma escrita, como por exemplo, os falantes que dizem “muleque, bêjo, minino, bisôro” (p.79), e desvenda que tal ação é uma forma de preconceito ao comparar a pronúncia de palavras em outros idiomas, que constantemente suprimem consoantes, vogais ou até mesmo sílabas inteiras, mas que não passam por tal depreciação, muito pelo contrário, são hiper valorizadas.

Ao abordar e se posicionar contra a propagação desses mitos, Bagno não defende que é preciso repensar as normas da escrita, ou aboli-las, para ele o que “não se pode fazer [é] criar uma língua falada ‘artificial’ e reprovando como ‘erradas’ as pronúncias que são resultado da história social e cultural das pessoas que falam a língua em cada canto do Brasil.” Ou seja, não devemos excluir aqueles que por fatores culturais interpretam a forma escrita de um modo diferente da nossa, se admitimos isso em outras línguas e não criticamos, devemos fazer o mesmo pela nossa língua pátria e assim, começarmos a endossar as mudanças que são necessárias para romper com o “círculo vicioso do preconceito linguístico”.

1.2.3 A relação entre estereótipo e o preconceito

O preconceito é um sentimento social, assim comungam os grandes estudiosos sobre o assunto, ou seja, ele não é inato, o indivíduo não o manifesta de modo involuntário e isento, ele se liga à personalidade de quem o expressa por meio da convivência social, das experiências que foram vividas ou presenciadas, muitas vezes de modo imperceptível, como se fosse algo a ser aprendido para que a convivência em sociedade pudesse se estabelecer. As pesquisas de Allport (1946) e de Adorno et al. (1965) confirmam essa premissa, e ainda nos trazem a concepção de que o preconceito se funde durante o desenvolvimento de cada indivíduo como um produto das relações entre os conflitos psíquicos e a estereotipia do pensamento, o que o liga à personalidade de quem o tem, como se fosse um fator cultural que

foi passado da sociedade para o indivíduo. O que conseqüentemente também o faz aplicar esse sentimento nos mais diferentes aspectos sociais que encontrar pela frente, é como se houvesse um processo que espelhasse o preconceito aos diferentes tipos de estereótipos que possam ser encontrados na sociedade, gerando uma reação em cadeia e potencializando o surgimento do preconceito em todos os âmbitos possivelmente imaginados (CROCHIK, 2006).

Para Bhabha (1998) o sujeito recorre ao estereótipo como sendo uma forma de conduta a ser realizada para que se possa relacionar em sociedade. O estereótipo para o nosso povo, segundo o autor, vem do período colonial, em que os dominadores e invasores de diferentes partes do mundo legitimavam seus atos extremamente gananciosos e violentos por terem pintado o colonizado como inferior. Essa visão é uma simplificação que o dominador criou para representar a realidade que ele queria viver, rejeitando a alteridade e tornando suas ações justificáveis.

Para Crochik (1997, p.44) podemos ver o estereótipo como um produto cultural que nasce no “próprio processo de adaptação do homem à natureza, que na nossa cultura implicou uma dominação a mais, visto que o poder entre os homens - exercido inicialmente pela força” já não é mais aceito de modo comum. E tal processo transformou-se em meio de dominação subliminar, propagada pelas palavras na própria divisão social em que mitos e crenças foram criadas com a intenção de limitar acessos, ascensões e outras formas de domínio social.

Ao considerarmos as definições prévias do preconceito, tratando-o como uma simples verbete da língua portuguesa, já nos é possível concordar que a interpretação que nos vem se consolida sem uma conexão com a realidade, para muitos é algo inexplicável, ou até mesmo imperceptível, vivemos, cultuamos, mas quase nunca o percebemos, principalmente quando ele não recai sobre nós. O preconceito está ligado a um estereótipo que é de posse do preconceituoso, dificilmente de origem individual, quase sempre é uma produção cultural herdada ou cultivada em conjunto. E é assim que temos que percebê-lo, como uma expressão coletiva de “indivíduos que se apropriam de algumas representações culturais para que, juntos à hostilidade dirigida ao objeto, configurem o preconceito”, tudo isso por meio da existência do estereótipo, que para Cronchik (2006, p. 49):

[...] se caracteriza por um conteúdo específico dirigido ao seu objeto e por um determinado tipo de reação frente a ele, em geral, de estranhamento ou de hostilidade. Ao conteúdo podemos chamar de estereótipo, cujo significado inicial pode ser remetido à máquina de reproduzir tipos utilizada pela imprensa, que deve,

portanto, reproduzir fielmente as letras, mas que passou a ganhar o sentido também daquilo que é fixo, imutável.

Ao falarmos de estereótipo é importante mencionar uma das primeiras técnicas que foram desenvolvidas afim de colher dados relacionados a essa questão – “checklist” – método que possibilitou a realização de um conjunto de trabalhos que ficou conhecido como “Trilogia de Princeton”, conduzida por Katz, Coffman e Walters em 1969. De forma resumida, a pesquisa consistia em atribuir adjetivos pré-selecionados a grupos étnicos, religiosos, raciais e etc. Após colher respostas de 100 alunos participantes da universidade de Princeton, que selecionaram os adjetivos que, na opinião deles, melhor caracterizavam os grupos em questão, os pesquisadores puderam observar que houve um nível elevado de concordância entre os participantes ao descreverem os grupos, principalmente para os grupos de negros e judeus que foi de 75%.

Há também a pesquisa desenvolvida com referência ao modelo socioestrutural, que foi difundida por Fiske, Cuddy, Xu e Glick entre 1999 e 2002, que ficou conhecida como “modelo de conteúdo dos estereótipos”, técnica utilizada que descreve e almeja conhecer de forma organizada a colocação de determinados grupos dentro da sociedade, visualizar qual a posição de um determinado grupo perante os outros e assim, poder relacionar quais os tipos de preconceito que os membros de grupos situados em uma posição inferior possam vir a sofrer. Bergsieker, Leslie, Constantine & Fiske (2012) utilizando desse modelo enquadraram os estereótipos em duas dimensões: a sociabilidade e a competência. Classificando assim os estereótipos em oposição, ou seja, o que se atribui a um grupo de modo positivo, se projeta a outro grupo de modo negativo. Com isso, podemos ter uma dimensão do reflexo que recai ao grupo dos nordestinos, visto que as demais regiões do país o escolhem como sendo a mais inferior dentre as cinco existentes, o que lhe acarreta receber todas as características opostas dos demais.

Com o mesmo viés do método com base socioestrutural, temos a “teoria essencialista da categorização”, formulada por Pereira, Álvaro, Oliveira e Dantas em 2011, que nos diz que a essencialização “pode ser definida como um processo da categorização social caracterizado pela crença na existência de atributos imutáveis concernentes aos entes aos quais a categorização essencialista se aplica” (2011, p. 146). Ou seja, nas crenças que permeiam nossa sociedade, consideramos que há características essenciais em cada grupo, e quando percebemos o indivíduo como sendo parte de um grupo, ligamos ele ao que estava pré-

estabelecido ao seu grupo. No essencialismo algumas características físicas e biológicas são ancoradas a determinado grupo, o que ficou conhecido como “perspectiva naturalista”, e servem para identificar e alocar um indivíduo a um determinado grupo, como exemplos podemos citar as raças, cor da pele, cabelo e etc. Há também o processo de categorização e alocação por semelhança e proximidade entre os membros, conhecido como “perspectiva etitativa”, como o sotaque, a postura, costumes alimentares e etc. (PEREIRA, ÁLVARO, OLIVEIRA & DANTAS, 2011).

É importante manter uma relação sobre o que é estereótipo e qual sua ligação com o preconceito, pois ambos convivem em um campo de atuação interligado. Para Lippmann (1972) nossa realidade não é um acontecimento instantâneo, sempre que possível nós projetamos nossas expectativas antes que a ação se realize, nós "não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos". E nesse jogo mental que fazemos entre o antes e o agora é que está o estereótipo: são "os tipos aceitos, os padrões correntes, as versões padronizadas" que nós projetamos em pensamento antes mesmo de viver o presente. Lógico que imaginar, tentar antecipar o presente pode ser perigoso, pois acontece a frustração quando a realidade se concretiza, e para tanto, dentro desse mecanismo humano que se propaga pelo pensamento e pela linguagem é que surge o estereótipo, como sendo uma forma segura de esperar o que está por vir, um conceito de associação criado de evitar a frustração quando o presente pedir para acontecer.

É como se os estereótipos fossem “crenças ou representações cognitivas simplificadas da realidade, que dão significado às ações intergrupais” (TECHIO, 2011, p.36). Para o autor é a visão externa que um grupo tem perante outro grupo, mas que ao ser concebida cognitivamente se transforma em uma visão interna e generalizada, passando a constituir o grupo que está sendo visualizado como uma verdade absoluta.

Bosi (1977), na tentativa de definir a concretização dos estereótipos, também faz alusão ao que esperamos que aconteça (passado) e a realidade (presente). Para ele acontece “um processo de facilitação e de inércia. Isto é, colhem-se aspectos do real já recortados e confeccionados pela cultura. O processo de estereotipia se apodera da nossa vida mental”, ou seja, há um empréstimo das experiências vividas ou assimiladas para que ocorra uma construção, um arquétipo de determinado objeto² com a finalidade de não haver surpresas que destoem do que foi esperando, imaginado.

² O termo “objeto” está sendo utilizado nessa pesquisa como sendo parte acolhedora de tudo que possa ser alvo do preconceito, não somente ao que é inanimado, mas também ao indivíduo, povo, grupo e etc.

Tanto o preconceito quanto os estereótipos estão presentes na sociedade e na cultura do nosso povo de uma forma que são propagados como sendo ferramentas de pertencimento social e de blindagem de um grupo, veremos adiante que o sentimento indutor do preconceito é coletivo, o que não se diferencia da existência dos estereótipos, que para Baccega (2012, p. 8) “o indivíduo acaba por orientar-se através de estereótipos e de normas, conformando-se ao seu grupo, buscando garantir o êxito de suas ações e a aceitação social.” É como se o indivíduo herdasse as verdades do grupo em que se formou, não as contestando, apenas propagando-as.

Ao dizer que o preconceito é um sentimento predisposto ao indivíduo que o cultura faz-se necessário abordar a existência de um “objeto de gatilho”, não que seja possível apontar a vítima como merecedora de tal sentimento, jamais. O que Cronchik (2006, p. 48) nos mostra é que a existência de características em determinados objetos de preconceito não são “indiferentes” nesse processo, muitas vezes abordar a trajetória dos focos de preconceito podem ajudar muito a compreender o enraizamento desse sentimento. Para o pesquisador “um dos elementos do preconceito seria dado pela atribuição de características, comportamentos, julgados inerentes aos objetos, quando não o são”, o que acontece é que o indivíduo atribui distorções ao que está observando, e de certa forma tem isso como real, é como se o “objeto” do preconceito tivesse em sua natureza o que ele mentalmente imagina. Com isso, apesar de não desvendarmos a origem psíquica do preconceito no indivíduo, podemos compreender seu processo de propagação e como é importante romper com seu processo de multiplicação social, já que depois de instaurado o próprio sentimento cria meios de justificar sua autoridade sobre diferentes objetos.

Para Adorno e Horkheimer (1986) muito do que se perpassa ao indivíduo e consequentemente pode acionar o preconceito com algum objeto pode prover também de uma “situação histórica delimitada e substituída no estereótipo por uma série de características”, é como se os mitos e traços históricos de um objeto fossem absorvidos de maneira incontestáveis e tidas como verdadeiras, logo, a grande massa passa a associar o estereótipo e a propaga-lo ao longo do passar dos anos. Podemos citar como exemplos as expressões prontas que temos ao nos referirmos ao povo de um país: “os brasileiros são alegres e acolhedores”; “os turcos são ótimos comerciantes”; “os japoneses são inteligentes e reservados”; “os britânicos são pontuais e refinados” e etc. Tais expressões se propagam cronologicamente e servem como base de pré-julgamentos (ou seja, preconceito) para diferentes tomadas de interação e são originadas por algum fator histórico, seja ele real ou não.

Com a premissa mostrada acima, a generalização de um objeto pelo simples fato de pertencer a um determinado grupo, por mais limitado que seja esse elo de pertencimento é outro fator que propaga o preconceito. As supostas características que socialmente foram atribuídas ao objeto já são suficientes para que o preconceituoso acione esse sentimento. Adorno e Horkheimer (1986) ainda evidenciam essa motivação pela não quebra desse sentimento mesmo quando o objeto alvo do preconceito é conhecido de modo mais íntimo, separadamente do grupo a que fora pré-julgado, para eles “a experiência individual, o contato com o particular, são obstados pelo preconceito. [...] [elas] se dão através de categorias que permitem classificar os indivíduos, o que impede que a experiência individual possa se contrapor ao estereótipo”. Por isso, muitos acreditam que falas como “tenho um amigo negro”, “meu irmão é gay”, “meus avós são nordestinos” funcionam como cartões de apresentação que isentam o falante de ter no seu íntimo o preconceito enraizado, mas não é bem assim, na verdade não é nem um pouco assim, “as experiências, em geral, são pouco úteis para desfazer o preconceito, uma vez que o sujeito preconceituoso não precisa de contato com o objeto para desenvolvê-lo”. É como se o preconceito ativasse uma barreira que menosprezasse as experiências individuais com certo objeto, ignorando-o perante novos contatos com seus semelhantes (ADORNO E HORKHEIMER, 1986, p. 48).

Ao compreender todo o desdobramento que a existência de estereótipos culmina, fica o questionamento: Por que ainda continuamos a alimentar e propagar sua existência? De fato, a compreensão e aceitação de que temos que refletir e combater inicialmente em nós mesmos para não fazer parte da massa que tanto fere o seu semelhante é fundamental a primeiro passo. Mas a análise de Freud (1986) nos mostrou que a formação do “eu” é mediada pelo “princípio do prazer”, ao mesmo tempo que nos mostrou que a sua desconstrução é um processo doloroso, logo podemos por analogia a essa concepção entender porque é mais fácil pertencer e continuar a sermos quem fomos moldados para ser, do que nos despirmos de experiências acumuladas para a reconstrução do nosso novo “eu”.

1.2.4 O preconceito regional: os estigmas nordestinos

A região Nordeste representa 18% do território nacional, na região se encontra cerca de 28% da população brasileira, são 57.071.564 milhões de habitantes o que representa a terceira densidade demográfica do país, com mais de 36,06 habitantes por km². Região com predominância do clima semiárido, temperaturas elevadas e má distribuição de precipitações

(IBGE, 2020). Para Andrade (2011) e Ab’Sáber (2007) é a região de colonização mais antiga do nosso país. É formada por nove estados, estão assim organizados:

Figura 2 - Mapa político do Nordeste



Fonte: IBGE 2022

O fato de morarmos em um país com dimensões continentais deveria ser apenas algo positivo, afinal isso nos favorece em diferentes recursos que fazem de uma nação uma potência econômica, como terras para cultivo, diferentes biomas, fontes hídricas e etc. Mas nos esbarramos no distanciamento social que as dimensões geográficas proporcionam, e com elas culturas diferentes, hábitos alimentares e falares distintos. E aí surge aquele sentimento inerente ao homem, o desejo de ser superior, de ter o ego massageado por se pensar ser melhor, mais rico, mais capaz, geograficamente favorecido, enfim, tantas outras comparações que nos distanciam ainda mais do nosso semelhante.

Apesar da nomenclatura ser autoexplicativa, é importante trazer algumas ponderações sobre o que caracteriza o preconceito regional, e assim, buscar entender porque ele acomete determinadas regiões e para outras, são quase que inexistentes. Para Albuquerque (2013, p.11), a definição do que é o preconceito regional deixa claro que se trata de uma atribuição a um coletivo, que rompe com a individualidade e permeia a identidade do grupo:

O preconceito quanto a origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província de um Estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre, mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior.

Para Cavalcanti (1993, p. 26) “o fato é que há tremendo preconceito no chamado Sul, ou Centro-Sul, contra os brasileiros que habitam o país da Bahia para o norte”, preconceito esse muito arraigado aos desníveis regionais do nosso país, que se refletem diretamente nos desníveis sociais, antigamente tratados como “de classe”. Para o autor, muito dessa realidade foi consolidada por uma “conspiração sulista”, em que diferentes setores da nossa sociedade (economia, política, intelectuais e etc.) se uniram para construir esse arquétipo de desigualdade tão visível, tudo isso por meio de atitudes separatistas, em que os estados da parte de cima do país foram e têm sido ignorados em investimentos, participações em decisões e planejamentos econômicos, fatores esses que podem ser exemplificados pela revolta da seca nos estados nordestinos em 1958, que mostrou o quanto o nordeste estava/está em desigualdade de políticas públicas e atenção social perante os estados sulistas, e também o Manifesto Regionalista liderado por Gilberto Freyre em 1926, que abordou essa desigualdade e popularizou tal realidade.

A realidade regional, e aqui abordamos o fator literal da palavra “região”, não pode ser visto como o grande gatilho para o estigma que os nordestinos enfrentam rotineiramente, o do migrante que “rouba” oportunidades em outras regiões. Para muitos leigos os fatores naturais da região são os únicos motivos da migração desse povo para outros estados, mas não. A seca e o clima árido que constituem boa parte do Nordeste fazem parte da identidade desse povo, tanto é que o sonho da grande maioria dos que deixaram sua terra natal é retoma-la, até porque condições climáticas naturais não são ajustáveis. Andrade (1985, p. 31) esclarece esse mito e afirma que “[...] a seca não é o grande problema do Nordeste, mas apenas um dos seus grandes problemas, a região só se redimirá e se desenvolverá se houver decisões políticas que façam reformas estruturais [...]”. O que mascara e propaga esse mito é que as políticas públicas e a falta de investimentos potencializam o que a natureza é, trazendo a ideia de estarmos falando de uma região inóspita. Logo, não são os fatores naturais da região que provocam essa visão deturbada que muitos têm, mas sim a falta de responsabilidade dos gestores políticos em contorná-los e fazê-los valorizar.

Para Correia de Andrade (1993, p. 23), a questão regional do Nordeste é um caso mal resolvido que envolve o mercado de trabalho e a terra em si, uma supressão vinda das classes dominantes. “Portanto, as diferenças regionais são, antes de tudo, um problema do capitalismo, afirmando que a região é, portanto, anterior à questão regional”. Com isso o autor aponta a responsabilidade política sobre as mazelas que imperam na região, citando programas governamentais que fracassaram ao longo das últimas décadas por falta de investimento e organização, tais como: SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) – 1959; o CODENO (Conselho de Desenvolvimento do Nordeste) – década de 60; OPENO (Operação Nordeste) – desdobramento do CODENO; Operação Cisterna para todos – 2003, que sofreu paralização por falta de recursos.

Para ilustrar a questão de políticas públicas e também mostrar como a região Nordeste do país se encontra fora dos grandes investidores da economia nacional, podemos citar os dados recolhidos pelo IBGE (2012), que apesar de mostrar uma melhora na renda média mensal da região, sendo a que mais cresceu na primeira década dos anos dois mil, ainda se consolidava como sendo a mais baixa perante as demais regiões do Brasil: “Nordeste: R\$ 734,00; Norte: R\$ 921,00; Sul: R\$ 1.251,00; Sudeste: R\$ 1.255,00; Centro-Oeste: R\$ 1.309,00”. Comprovando que existe um movimento separatista de diversas áreas que compõem nossa sociedade, neste caso, incluímos a econômica também.

As políticas públicas não são inexistentes, mas incontestavelmente são ineficientes, visto que a realidade da região permanece carente de olhares. As intervenções que são positivas estabelecem melhorias lentas, e as políticas públicas dificilmente atingem a necessidade real da população, o que gera um círculo vicioso que cerca a massa trabalhadora, pois os rendimentos das atividades agrícolas são insuficientes visto que estão sobre o domínio político da burguesia agrária-mercantil, Shishito e Coguetto (2010, p.4) apontam a contextualização desse problema:

Dentre esses problemas podemos destacar a pobreza da massa trabalhadora, os baixos rendimentos das atividades agrícolas, o domínio político da burguesia agrária-mercantil, a falência dos municípios como o exemplo das capitais que se apresentam como fortes receptores da migração desordenada em função da desorganização da economia regional e dos problemas agrários, gerando enormes problemas urbanos e por fim, a dos estados constituintes da região que se tornam dependentes das políticas centralizadoras e perversas da União, tornando-os cada vez mais dependentes dos favores do governo, inibindo assim sua autonomia.

Ao falar de olhares e políticas públicas pode parecer que não estamos falando de língua, de cultura e logo, pode parecer que não é pertinente ao objetivo da pesquisa, mas são muitos os fatores que orbitam o estigma que tanto fazem sofrer o povo nordestino, a questão perpassa por fatores sociais, políticos e culturais. E faz-se necessário conceituar o que é estigma, visto que este já nasce impregnado a boa parte dos nordestinos. Para Goffman (1963), se trata de algo a ser evitado, aquilo que remete ao mal, uma marca, um símbolo que representa uma ameaça. E que é uma ação comum construída pela sociedade em si, que estigmatiza um indivíduo, um grupo e estabelece por meio disso um modelo a ser utilizado na identificação de outros que dividam uma semelhança – no caso, o local de origem, lógico, de forma deteriorada.

O estigma propagado pela sociedade sobre os nordestinos, que é viabilizado pela falta de interesse público, também é, muitas vezes, reafirmado pela mídia, para Albuquerque (2011), a postura dos meios de comunicação ao retratar traços regionais do Nordeste é sempre igual, pois destaca a miséria, a violência e a seca, e quando querem aliviar a carga negativa, trazem comumente o folclore e os costumes alimentares, como se esses não fossem também alvo de maldizeres e inferiorização, visto que sempre destacam os preparos com vísceras e demais ingredientes que são desprezados em outras regiões, como por exemplo a buchada de bode e o sarapatel. Para o autor são muitos os traços reafirmados pela mídia que alimentam a visão de uma “região inferior”, que na sua representação, quando buscada, trazem sempre os mesmos critérios culturais: cangaço, pessoas com pouca escolaridade, atraso intelectual, conservadorismos morais e religiosos, etc. Fatores arcaicos que nunca, ou não mais representam de fato a região, e que viabilizam o estigma desse povo por parte dos demais. Um exemplo atual dos efeitos dessa realidade é a culpabilização do Nordeste nas eleições de 2014, onde sulistas e demais regiões culpam os eleitores nordestinos pela “falta de êxito” no projeto da oposição, como se os eleitores daquela região fossem incapazes de compreender o melhor cenário político para a época, ou simplesmente, não tivessem o direito de participação ativa na escolha do governante nacional.

Figura 3 – Post 1 - preconceito - Eleições 2014



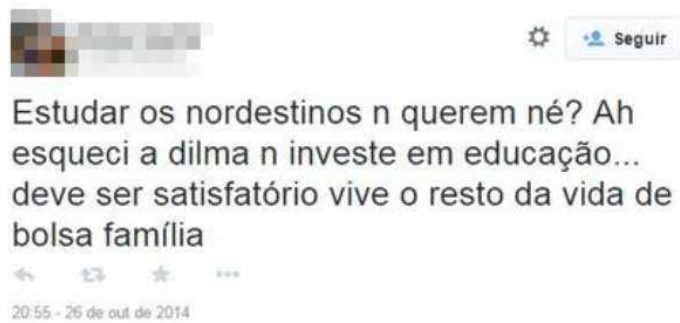
Fonte: Twitter, 2014

Figura 4 - Post 2 - preconceito - Eleições 2014



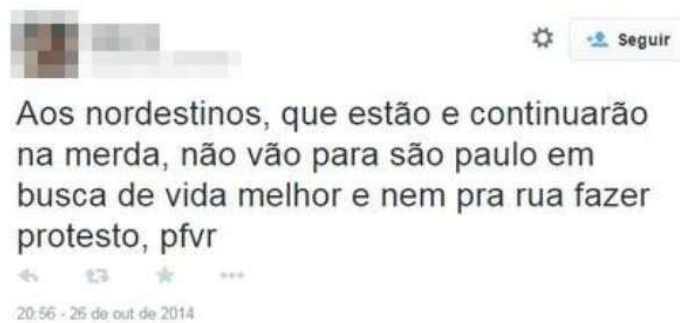
Fonte: Twitter, 2014

Figura 5 - Post 3 - preconceito - Eleições 2014



Fonte: Twitter, 2014

Figura 6 - Post 4 - preconceito - Eleições 2014



Fonte: Twitter, 2014

Figura 7 - Post 5 - preconceito - Eleições 2014



Fonte: Twitter, 2014

Figura 8 - Post 6 - preconceito - Eleições 2014



Fonte: Twitter, 2014

Os ataques ilustrados acima se caracterizam como uma demonstração explícita de preconceito e discriminação, todos foram retirados de uma única rede social e junto com suas profanações estavam os nomes e fotos dos seus autores (foram descaracterizados por não serem pertinentes à pesquisa), assim como data e horário de cada publicação (como é possível ver nos recortes), ou seja, em cada perfil é possível colher dados e informações pessoais os autores sem muito esforço, mas mesmo assim eles se sentiram à vontade para tais expressões criminosas. O que nos mostra como o estigma do nordestino faz com que muitos não se sintam cometendo um crime, mas sim praticando a liberdade de expressão.

1.2.5 A formação social da Região Nordeste e o preconceito como herança

Diferentes imagens são evocadas quando citamos a Região Nordeste, para alguns o que ilustrará a região são suas características geográficas, o bellissimo recorte litorâneo, as praias cheias de coqueirais, ou até mesmo a paisagem da vegetação seca do semiárido formada por cactáceas, a terra craquelada pela água do açude seco e arbustos espinhosos e etc.

Para os mais ligados às características culturais, as imagens do Nordeste serão de danças folclóricas, o frevo, o carnaval dos trios-elétricos, maracatu, literatura de cordel, xilogravuras, o cangaço, a figura do vaqueiro com suas vestimentas de couro e etc.

Ao falarmos sobre o processo histórico da formação da Região Nordeste é preciso entender que ela não existiu como é atualmente desde sempre, o que vemos hoje é resultado de diferentes delimitações geográficas que ocorreram ao longo do tempo e de várias interferências políticas vindas desde a época da colonização. O Nordeste, assim como boa parte do Brasil, carrega consigo marcas muito expressivas da apropriação feita pelos colonizadores, que aconteceu de modo muito distinto do que faziam seus primeiros habitantes, as tribos indígenas, que infelizmente pouco deixaram de herança ao que temos hoje. Na verdade, “a formação do que um dia viria a ser o Nordeste está diretamente ligada à história do espaço colonial brasileiro.” (BERNARDES, 2007, p. 43).

Os colonizadores não só dizimaram milhares de indígenas, sua política de dominação alterou o contexto cultural em todos os aspectos, de novas nomenclaturas à vegetação natural, tudo foi submerso pelos interesses da colônia. O comando de ordem para o contato com os nativos era o de submissão e ordem, caso não fosse possível, a destruição. Animais inexistentes na fauna foram introduzidos e a vegetação nativa cedeu lugar para novas plantas e culturas até então desconhecidas no Brasil.

Bernardes (2007, p. 44-5) destaca que muitas dessas alterações são sentidas e possuem seus reflexos presentes na sociedade atual, por isso a importância de compreender o processo que resultou em uma região tão em foco do preconceito e da marginalidade perante às políticas públicas.

Nas áreas mais férteis, especialmente, mas não unicamente, próximas do litoral, em um espaço que compreende grande parte dos atuais estados, do Ceará à Bahia, a anterior paisagem de extensas florestas foi substituída pelos campos de cana-de-açúcar, pela instalação dos engenhos, pela casa-grande dominadora do espaço e dos homens, pela capela, pela senzala. Paisagem esta que, com algumas modificações sociais, ainda se faz presente em alguns de seus elementos essenciais. Isto é fundamental acentuar: a persistência de uma estrutura produtiva, com sua peculiar apropriação e utilização do espaço e dos recursos naturais, que, implantada no momento inicial da colonização, ainda hoje persiste em muitos dos seus traços fundamentais.

A dominação do colonizador, apesar de ser muito expressiva, não passou livre de assimilar a cultura daqueles que lá já habitavam, a experiência indígena no cultivo da terra, no

conhecimento topográfico da região foi explorado e contribuiu muito com todo o processo de desenvolvimento dos interesses do colonizador. Houve a popularização da farinha de mandioca, por exemplo, que nada mais é do que a suma do conhecimento indígena que permeou a época e é viva até hoje. A presença de grande número de escravos contrabandeados do continente africano, devido a demanda pela expansão do cultivo da cana-de-açúcar, também deu origem a interferências na cultura local, visto que foram retirados do seu local de origem com hábitos culturais já enraizados. Ou seja, mesmo com a supremacia cultural imposta pelos colonizadores, a miscigenação das culturas dos dominados se fizeram presentes.

A visão que temos hoje de delimitação espacial e cultural não existia na época, para os colonizadores não havia diferença entre cariocas, paulistas, nordestinos e etc. Tudo era imposto em favor aos interesses da nação colonizadora, logo, os traços culturais que eram considerados eram aqueles que viam ou derivavam da colônia. Para a Região Nordeste, o primeiro sinal histórico de pertencimento regional surgiu com a chegada dos Holandeses por volta dos anos 1630 a 1654, que ocuparam uma boa faixa territorial entre o que hoje está Alagoas e o Maranhão, a presença do novo colonizador provocou, em consequência da busca pela tomada de novas fazendas, engenhos, escravos e etc. um sentimento de solidariedade, pois houve uma falsa visão de libertação do opressor, o que na verdade seria apenas uma troca. (BERNARDES, 2007)

A consolidação do sentimento de pertencimento regional veio com a criação da companhia de comércio pela coroa portuguesa, denominada Companhia geral de comércio de Pernambuco e Paraíba, entre os anos de 1750 a 1780. Os proprietários de fazendas, cultivadores de algodão, engenho e demais detentores de poder da região foram atingidos pela ação da Companhia, financeiramente prejudicados, e mesmo estando em capitânicas distintas se uniram em devesa dos seus interesses.

Após essa formação vinda dos interesses políticos da grandes proprietários de terra, a criação da diocese de Olinda firmou culturalmente os elos de solidariedade e o sentimento de pertencimento à Região Nordeste. A diocese implantou a estrutura eclesiásticas e criou o Seminário de Olinda em 1800, e passou a receber estudantes de toda a região, criando uma teia de sociabilidade com seu apogeu por volta de 1817.

Compreender o nascimento do sentimento de pertencimento e identificação com o local regional em que se vive é importante para essa pesquisa, faz parte da vida social e comunitária do indivíduo e logicamente nos ajuda compreender seus atos e percepções sobre o outro e sobre seus costumes. Não podemos desprezar a análise crítica da formação de uma

comunidade³, é uma questão fenomenologicamente geográfica e social ao mesmo tempo. Para Bonnemaison (2002, p. 91) “a correspondência entre o homem e o lugar, entre uma sociedade e sua paisagem, está carregada de afetividade e exprime uma relação cultural no sentido amplo da palavra”.

Dando sequência aos acontecimentos importantes para a consolidação da Região Nordeste temos a instauração da sede da monarquia portuguesa no Rio de Janeiro (1808) e a eclosão da Revolução Constitucionalista no Porto (1820), uma estabeleceu o sentimento de territorialidade nacional, visto que a sede do governo agora estava em território nacional, esse processo viabilizou decisões e interferiu muito na forma em que vivemos nossa cultura, língua e demais traços que formam uma comunidade.

Já a Revolução Constitucionalista trouxe transformações ainda mais concretas e palpáveis, instaurou-se o sentimento de soberania nacional, o que fez cair a censura à imprensa, popularizou livros e movimentos sociais com a participação ativa da população. E entre as idas e vindas do rei D. João VI para Portugal, as forças políticas locais, agora melhor organizadas e com o sentimento de territorialidade, passaram a assumir poder sobre seu território, elegendo governantes locais em prol dos seus próprios interesses.

Essa nova realidade, apesar de ser maciçamente constituída pela elite (militares, proprietários de terras, letrados, altos funcionários, clérigos e comerciantes), ultrapassou os interesses políticos e econômicos e culminou-se em um “sentimento de identidade comum”, sentimento esse avesso ao colonizador. Fortalecia assim, a identidade regional dos brasileiros. (BERNARDES, 2007, p. 52).

Com a independência e a criação do Estado nacional soberano em 1822, o movimento unificador comum as diferentes regiões do país foi a manutenção da escravidão, herança da colonização. Com a demandada do colonialismo, criou-se a divisão macrogeográfica de Norte (Bahia ao Amazonas) x Sul (São Paulo ao Rio Grande do Sul), e começou aí a desigualdade na tomada de renda dessas províncias, movidas pelos interesses e relações pessoais entre os presidentes locais (escolhidos pelo imperador) e o a corte. A taxaço entre as regiões eram as mesmas, mas as que estavam mais próximas à sede local do governo eram beneficiadas pelas relações econômicas e investimentos da coroa, por tanto a arrecadação não. O que fazia, ao abater os impostos da coroa, sobrar muito pouco para as capitãias da região Norte.

³ Chamamos de comunidade uma relação social na medida em que a orientação da ação social – seja no caso individual, na média ou no tipo ideal – baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes. (WEBER, 2005, p. 71)

Essa desigualdade no tratamento entre Sul x Norte foi discutida na época, a insatisfação dos presidentes locais era notória. Um manifesto publicado no Diário de Pernambuco em 11 de novembro de 1845 ilustra esse descontentamento.

No Sul está o governo, a cujo influxo imediato tudo se anima e desenvolve, a cujo contato vivificam-se as indústrias, com cujo fomento as forças naturais fazem a riqueza do país. Como quem está mais perto do fogo melhor se aquece, tem o favor do governo levantado no Sul empresas de melhoramento que desenvolvem a iniciativa e a fortuna. Um clima adaptado à vida dos emigrantes da Europa tem tornado profícua no Sul essa colonização que não há quem chame para o Norte, onde lhe faltam todos os favores e vantagens. [...]. E, todavia, as leis do imposto são gerais; tanto paga ao fisco o capital improdutivo e morto do Norte do Império, como o do Sul, que se reproduz com rapidez pela assistência do governo. [...] O Norte vende a escravatura, o instrumento inútil do trabalho, e o Sul, que lha compra, multiplica a sua riqueza. (MELLO, 1975, p. 653-4)⁴.

A realidade política da região Nordeste também foi marcada por movimentos, que apesar de conflituosos, culminaram no sentimento de pertencimento, identificação com seu local de origem e foram fundamentais para a formação do espaço geográfico que temos hoje, como por exemplo a Revolução de 1817, a Confederação do Equador em 1824, a Revolução Praieira em 1848, a Guerra dos Marimbondos em 1852, a Quebra-quilos em 1874 e a Guerra de Canudos em 1896-1897. Os conflitos citados não foram somente por interesses econômicos e de domínio de terra, alguns envolveram um forte apelo social e geográfico, principalmente as três últimas citadas.

Os nortistas, com o passar do tempo e com a consolidação do sucesso produtivo sulista, passaram a ser desprezados nas decisões econômicas da época pelo próprio Ministro da Agricultura, o que gerou fortes críticas ao império e também fez com que os proprietários das províncias nortistas passassem a se reunir por si sós, o que os aproximou, mas ressaltou ainda mais a má distribuição de investimentos e interesses em créditos destinados à região (BERNARDES, 2007)

Com a abolição da mão-de-obra negra em 1888, a economia do Norte sofreu mais um baque significativo, visto que os imigrantes vindos da Europa eram destinados em favoritismo à região Sul, pois esta tinha maior condições de negociar assalariamento e necessitava de uma maior substituição para o trabalho braçal. A demora nesse processo provocou perdas

⁴ Apreciação de Pernambuco em sua relação com o Império. Suas rendas. Seus sacrifícios. Atual fisionomia da Província. In, José Antônio Gonsalves de Mello (1975, p. 653-654).

consideráveis aos produtores de cana-de-açúcar e demais culturas, o capital precisava girar pra poderem arcar com as despesas da vinda dos imigrantes, mas muitos, pelos prejuízos do momento, não conseguiram se reerguer. Boa parte dos produtores recorreram à relações não capitalistas com a nova mão-de-obra para não sucumbirem a crise, mas esse tipo de tramite, apesar de mantê-los vivos economicamente, os excluía da dinâmica econômica nacional e internacional.

Com a chegada da República em 1889 toda a organização regional precisou ser repensada, visto que essa nova configuração fez emergir condições de domínio dos espaços estaduais por parte dos mais afortunados da época. E criou-se uma abertura maior para a defesa dos interesses regionais por parte dos deputados e demais governantes, podemos citar o discurso do deputado cearense Idelfonso Albano, que após a seca compreendida entre 1917 e 1919, defendeu historicamente a necessidade de atenção a Região Nordeste, seu discurso ficou conhecido como “O secular problema do Nordeste” e popularizou a realidade nordestina no enfrentamento da seca. Epitácio da Silva Pessoa, eleito presidente da República para o mandato de 1918-1922, implementou novos programas com foco no combate à seca, empenhou-se em estratégias inovadoras e deu esperança à região, mas nenhum dos seus sucessores deu continuidade aos seus feitos, visto que suas ações tinha sido fortemente criticadas pela imprensa e pelo parlamento da época.

O parlamento da época não só criticava as ações destinadas ao problema da seca nordestina, muitos defendiam seu total abandono para que os recursos públicos pudessem ser destinados a infraestrutura do Sul e Sudeste. E como solução para o povo que seria abandonado pela União, propunham que os nordestinos fossem trazidos para as demais regiões, onde seriam integrados ao mercado de trabalho mantido pelas lavouras.

No decorrer dos anos e com a intensificação dos períodos de seca outros programas foram pensados e aplicados, mas não supriram a necessidade da região, visto que não foram contínuos e sofreram com retaliações e corrupção. Os fatos históricos que formaram o Nordeste servem para mostrar como o enraizamento de um olhar desprovido de admiração por essa região se instaurou na nossa sociedade ao longo dos anos, fenômenos coloniais, políticos, republicanos e sociais perversos foram destinados à região, ora como questão de interesse econômico, ora como indiferença, mas se perpetuaram e hoje frutificam estereótipos e estigmas que maltratam o povo nordestino (BERNARDES, 2007).

Todo este percurso histórico que foi cruel com a região termina por ser, muitas vezes o responsável pelo apagamento da potencialidade cultural e natural da região. O Nordeste é uma região riquíssima culturalmente, recebe milhares de turistas devidos as belíssimas praias e

culinária típica, sem nos esquecermos do forró, o frevo, o axé e todos os ritmos que são peculiares à região.

Portanto, para esta pesquisa, compreender os fatores históricos da região Nordeste pode nos ajudar na visualização dos fatores que servem como base de inspiração para a criação de personagens estereotipados, e conseqüentemente a combater a presença destes na obras midiáticas que nos são apresentadas.

1.2.6 A visão do preconceito linguístico na educação - PCN E BNCC

A língua falada nunca andou de forma espelhada com a língua escrita, ambas coexistem dentro do idioma, mas a oralidade pertence ao campo do improvisado, da criatividade do falante, enquanto a escrita é limitada por normas e padrões estilísticos que a mantem sempre dentro da mesma caixinha, salvo raras exceções. Essa visão é amparada pelas considerações da sociolinguística, que abordaremos detalhadamente mais a frente, pois esse viés linguístico considera a língua como produto do meio social e da realidade do falante. Ou seja, a língua é a expressão cultural de quem a fala, o meio de comunicação utilizado na interação e que está disponível a adaptações, recortes e personalizações que só a língua falada possibilita, é com essa premissa que revisitaremos o trajeto dos documentos norteadores da educação, buscando perceber suas contribuições para a área da variação e preconceito linguístico.

Montar um paralelo entre o que as propostas curriculares trazidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) (2000), doravante PCN e a nova Base Nacional Comum Curricular (2017), doravante BNCC, podem trazer à luz as contribuições desses norteadores da Educação para combater o preconceito linguístico, mostrando falhas, evoluções e ajudando a planejar uma realidade em que as conseqüências desse sentimento não afete mais alunos e a sociedade em geral.

Marcuschi (2008) já trouxe em suas contribuições teóricas que sempre houve no Brasil uma busca utópica pela padronização da língua, lógico, buscando parâmetros no falar sulista, visto que é nessa região que estão os “falares” mais prestigiados, e destacamos a expressão “falares” no plural, pois mesmo sendo referência para elaborações de provas, exames e seleções de vestibulares, a região sul também não é formada por uma única variante, mas mesmo assim é buscada como fonte de referência do que é mais correto. Essa realidade contraditória que ainda é existente nos dias atuais, visto que mesmo com os olhares mais atentos dos órgãos reguladores da Educação, ainda existem no meio, variedades mais

prestigiadas do que outras, mitos linguísticos que valorizam sotaques regionais e desprezam outros, fazendo propagar o preconceito linguístico em todos os âmbitos da sociedade.

O ponto de partida para um olhar mais cuidadoso voltado à discrepância entre as diferentes variedades da língua falada foi aceitar que ela existe, parece algo óbvio, mas nem sempre a sociedade tratou a variação linguística como um fator importante na formação do indivíduo e da própria comunidade em que ele está inserido. Os próprios PCN esclarecem essa questão ao trazerem em seu texto a seguinte afirmação: “a variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis”, acrescenta que “ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa” (BRASIL, 1998, p. 29). Essa percepção só veio à tona com a contribuição de diversos estudos linguísticos na área, que fizeram notar que o domínio da norma-culta padrão também servia como uma ferramenta de dominação, inferiorizando e excluindo do processo educacional os de classes sociais não-privilegiadas, consequentemente falantes de uma variedade mais distante da norma escrita. Logo, inserir essa discussão no meio educacional fez-se necessária (LABOV, 2008).

A primeira abordagem ao tema em documentos norteadores da educação apareceu em 1992 com a Proposta Curricular destinada ao estado de São Paulo, em que trouxe no seu texto a orientação para os professores estimularem seus alunos a observarem as diferenças entre a escrita e a oralidade, incluindo na sala de aula diferentes formas de textos. “[...] cabe um trabalho que remeta o aluno à observação/utilização de aspectos relativos à organização textual, à função do texto, a sua tipologia, aos diferentes elementos que o constituem, ao material linguístico de que se serve.” (SE/CENP, 1992, p. 15).

Em 1998, o ministro da Educação, Paulo Renato de Souza consolidou a publicação dos PCN, documento norteador para todas as áreas da educação básica. O documento traz consigo orientações curriculares com a finalidade de normatizar o ensino no território nacional, dividido em diferentes frentes, abordando cada disciplina de um modo específico, ajudando toda a comunidade escolar a adaptá-lo às necessidades locais.

Em seu texto de apresentação para um dos tópicos pertinentes à disciplina de Língua Portuguesa, os PCN (1998, p. 18), após as contribuições e indagações acerca do ensino da língua guiado pela gramática normativa, assim incluíram o tema, destacando a necessidade de um

[...] esforço de revisão das práticas de ensino da língua, na direção de orientá-las para a resignificação da noção de erro, para a admissão das variedades linguísticas próprias dos alunos, muitas delas marcadas pelo estigma social, e para

a valorização das hipóteses lingüísticas elaboradas pelos alunos no processo de reflexão sobre a linguagem e para o trabalho com textos reais, ao invés de textos especialmente construídos para o aprendizado da escrita.

Sendo essa a primeira menção documental que abordou a necessidade de se falar em sala de aula sobre a diferença entre fala e escrita, não só pontuando essa realidade, quanto desmistificando um dos maiores mitos lingüísticos apresentados por Bagno (2009, p. 79), o de que “o certo é falar assim porque se escreve assim.” Passou a ser possível, oficialmente, o combate a propagação do preconceito lingüístico pela concepção do que é errado e do que é correto.

Na sua segunda edição, publicada no ano de 2000, os PCN reforçaram as orientações sobre noções de erro e explicitaram a existência de mitos lingüísticos, fator importante para o educador planejar sua prática e adequar as especificações à realidade da sala.

Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar - a que se parece com a escrita - e o de que a escrita é o espelho da fala - e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (BRASIL, 2000, p. 31 - grifos originais).

O documento normativo é dividido em duas partes, uma a grande área da Língua Portuguesa, fazendo uma apresentação e contextualização com a área específica. E a outra, se atem aos objetivos do ensino, sendo constituída de diretrizes e demais orientações. Os trechos retirados em citação, que abordam a temática “variação lingüística” são destinados no documento ao terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, o que corresponde do 6º ao 9º ano. Faz-se necessário lembrar que o preconceito lingüístico está intrinsecamente ligado à variação lingüística, a sua aceitação, refutação, prestígio ou desprestígio. Logo, abordar a necessidade de reconhecer a existência desse fenômeno da língua falada também é combater o preconceito lingüístico.

Os PCN trouxeram em seu texto um capítulo dedicado a explicar a necessidade de se trabalhar a variação lingüística, dando orientações didáticas e deixando claro que é “a escola [que] precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação lingüística.” O documento foi bem objetivo ao reconhecer que a fala não pode ser alvo de preconceito

linguístico por se concretizar em um local em que não haja proximidade normativa com a língua escrita, afirmado que para isso a escola “não pode tratar as variedades linguísticas que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixaram na escrita como se fossem desvios ou incorreções”. (BRASIL, 1998, p. 82)

Praticamente vinte anos após as contribuições dos PCN com a área da variação linguística e demais fenômenos ligados a ela, surge a BNCC, apresentada em 2017 com a finalidade de diminuir a desigualdade educacional entre as diferentes regiões do país. Em seu texto ela se apresenta como “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BNCC, 2017, p. 7). O processo de consolidação desse documento durou dois anos, ele foi primeiramente disponibilizado em versão reduzida sob nota técnica de consulta e apreciação no ano de 2015, mas precisamente no mês de outubro, permanecendo com essa finalidade até março de 2016. Então, houve o período dedicado ao debate e revisão, agora com a versão ampliada que se estendeu de maio de 2016 a junho do mesmo ano, sendo finalmente homologado em 2017 pelo Conselho Nacional de Educação (CNE).

Apesar de estarmos falando no mais recente documento norteador da Educação Nacional, a BNCC já estava prevista, com sua atual finalidade, na promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, na parte que prevê que “serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1998, Art. 210). E reaparece em sua essência na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 20 de dezembro de 1996, mais precisamente no artigo 26:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996, Art. 26).

A BNCC é composta por quatro divisões, que são na verdade as áreas de conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas. E abrange todas as etapas da educação básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental I (1º ao

5º ano); Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio. Ao que compete o foco desta pesquisa, a área de Linguagem é a mais importante, visto que é nela que se enquadra a disciplina de Língua Portuguesa. O documento, apesar de buscar uma equiparação na base curricular, deixa por meio do que ele nomeia “parte diversificada”, o que corresponde a 40% do currículo, a liberdade para cada região/instituição escolar inserir no seu processo de formação os aspectos da sua cultura local, ficando os outros 60% para a parte comum da educação regular.

Apesar da BNCC não ser em sua essência um currículo a ser seguido, visto que sua finalidade é “orientar os sistemas na elaboração de suas propostas curriculares” (BRASIL, 2016, p. 24), é por meio dessa liberdade de adaptação para a realidade local que ela espera que se forme o combate a qualquer tipo de preconceito, pois há a abertura para que se flexione o currículo para que ele inclua as discussões a respeito das variedades linguísticas. Ao direcionar as habilidades que se espera serem assimiladas pelos alunos durante do processo de aprendizagem, temos diferentes expectativas que mostram a atenção dada às variações da língua e ao preconceito linguístico:

Figura 9 - Habilidades para Língua Portuguesa propostas na BNCC – Competências Específicas 4

HABILIDADES
(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.
(EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017, p. 494).

Na primeira habilidade (EM13LGG401) é sugerido que o professor trabalhe com diferentes tipos de texto, mostrando aos alunos que existem intenções pertinentes a cada gênero textual, o que vai muito além da estilística, o texto é uma manifestação de diferentes fenômenos, e isso deve ser aprendido em consonância com a segunda habilidade (EM13LGG402), ou seja, perceber essas variações e intenções e despistar a interpretação textual de qualquer tipo de preconceito. O próprio documento, sugere um caminho detalhado de como trabalhar essas habilidades, dizendo aos educadores que os estudantes precisam

[...] analisar e compreender as circunstâncias sociais, históricas e ideológicas em que se dão diversas práticas e discursos. Isso significa interpretar de modo contextualizado tanto produções artísticas (uma pintura como *Guernica*, um romance como *Macunaíma*, uma obra literária como *Terra sonâmbula*, uma peça musical para coro e orquestra como *Choros nº 10* ou uma canção como *O bêbado e a equilibrista*, um espetáculo de dança como *Gira* em suas relações com a música do *Metá Metá* etc.) quanto textos de outros campos (o remix político *George Bush/Imagine*, determinado projeto de lei, uma notícia acompanhada de artigos de opinião em algum veículo jornalístico, entre muitos outros exemplos). Desse modo, os estudantes poderão compreender a pluralidade dos discursos e produzi-los de maneira posicionada – valorizando e respeitando as individualidades, as diferenças de ideias e posições e pautando-se por valores democráticos –, e também atuar de forma reflexiva, cooperativa e empática, sem preconceitos e buscando estabelecer o diálogo. (BRASIL, 2017/2018, p. 492).

As contribuições do mais recente documento normativo estão muito bem posicionadas para que professores e todos os demais envolvidos no processo de ensino/aprendizagem possam compreender funcionalidade da língua, sua heterogeneidade, sua expressão como um fenômeno vivo, cheio de variações, adaptações e intenções, “ainda que continue em jogo a aprendizagem da norma-padrão, em função de situações e gêneros que a requeiram, outras variedades devem ter espaço e devem ser legitimadas.” (BRASIL, 2017, p. 504). Assim, o aluno estará pronto para decidir livremente o modo de se comunicar que melhor lhe convir, dentro e fora da escola, utilizando da reflexão linguística ensinada em sala para respeitar outras formas de discurso, combatendo o preconceito linguístico.

1.2.7 O preconceito linguístico na escola e na sociedade

Linguagem e ideologia são indissociáveis, quando uma classe dominante elege seu modo de falar como o único socialmente aceito, ela está invalidando as demais, silenciando ideologicamente todos os grupos que utilizam de uma variação diferente (MODESTO, 2009). Já discutimos que os mitos linguísticos contribuem muito para a propagação do preconceito linguístico, pois em suma, eles estabelecem a língua escrita como o padrão para o que é certo, é como se a Língua Portuguesa fosse reduzida “[...] a gramática normativa padrão, sendo ignorado e tido como feio e errado o que seja diferente do que está na doutrina gramatical.” (MODESTO, 2009, p. 13). Para isso é preciso compreender como os danos do preconceito atingem o falante em sala de aula e como isso impacta a vida social extraclasse, “as variações linguísticas são condicionadas por fatores internos da língua ou por fatores sociais, ou por ambos ao mesmo tempo” (POSSENTI, 1996, p. 35). Logo, é impossível considerar que o que

acontece no ambiente escolar fique isolado na vida estudantil do aluno, ele é um ser social, e tudo está correlacionado.

Consequentemente, ao falarmos de gramática normativa padrão vamos de encontro à escola, à sala de aula, pois é nesse ambiente que o aluno tem contato com essa habilidade. E obviamente, é papel da escola ensinar gramática, mas o que se espera é um ensino de uma gramática ativa, viva e que possa ser reconhecida nas vivências extraescolares do aluno. Caso isso não aconteça, o aluno se sentira distante do que lhe foi ensinado, não lhe causando identificação com o que lhe é transmitido, fator esse, muito importante para o sucesso do processo de aprendizagem.

Para Modesto (2009, p. 19), o papel da escola de conseguir juntar o ensino gramatical normativo em sala com a realidade da língua falada fora dela é fundamental, pois para ele:

A escola é, talvez, o lugar onde o preconceito linguístico circula com mais facilidade, talvez o lugar onde ele nasce e se desenvolve. Dada à nossa tradição escolar de associar a Língua Portuguesa à Gramática Normativa, e condenar tudo o que está fora deste padrão de língua que nos é estranho, inclusive o que falamos, nos tornamos escravos de nossa própria ignorância.

Um exemplo muito recorrente que mostra a escola como um lugar que muitas vezes viabiliza o preconceito linguístico é a frequência com que o professor corrige o modo de falar do aluno, muitas vezes não por ter valores antiquados em questão à variação linguística, mas por ter arreigado à sua formação que este é o seu papel. Cabe ao professor também saber administrar casos em que os próprios alunos apontam à variedade falada diferente da sua, muitas vezes o aluno que traz consigo um novo falar é ridicularizado e julgado pelos demais. O professor deve estimular uma reflexão sobre as diferenças regionais do nosso país, acolhendo seus alunos e combatendo o preconceito linguístico por meio do ensino. Caso professor e escola ignorem essa realidade, estarão fomentando ainda mais os danos sociais trazidos por esse sentimento.

Desta forma, o professor e a escola, e mesmo o sistema, presos a essas tradições banais e improdutivas, desestimulam o aluno, quando o deviam estimular, depreciam sua cultura, sua língua, sua fonética, quando deviam respeitá-las, tê-las como princípio para a atividade da educação linguística. E isso gera o preconceito linguístico. Este, saindo dos domínios da escola, toma uma amplitude tal, que atinge toda a estrutura social (MODESTO, 2009, p. 20)

Para Bagno (1999) as instituições educacionais precisam considerar a diversidade da língua falada, destacando que ao negarem ou se prestigiarem unicamente a normal padrão – que está vinculada à escrita – estarão contribuindo para uma sociedade ainda mais desigual.

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão (BAGNO, 1999, p. 18)

Os autores, que muito contribuíram para a necessidade de se trabalhar com a variação linguística na escola, não defendem a abolição do ensino da norma culta padrão, o que é evidenciado por meio dos estudos linguísticos é que negá-la faz crescer ainda mais o abismo social que se instaurou entre os diferentes falares do nosso país.

A proposta pedagógica de uma escola transformadora, na área da linguagem, é reconhecer a necessidade de que as camadas populares adquiram o domínio do dialeto de prestígio, não para que ele substitua o seu dialeto de classe, mas para que se acrescente a ele, como mais um instrumento de comunicação (SOARES, 2002, p.74).

A responsabilidade em se combater o preconceito linguístico é gigante, professores e escola precisam estar alinhados as normativas e diretrizes da Educação que sustentam essa necessidade, terem a sensibilidade de reverterem um sentimento tão hostil em um aprendizado. Ao serem capazes de realizar tal ação, as instituições educacionais estarão rompendo os elos que ligam o preconceito linguístico a todas as outras mazelas sociais, que para Cagliari (2004) reforçam muito o peso de como esse sentimento recai sobre quem o sofre. Ou seja, quando mais vulnerabilidade social o falante apresentar, mais o seu modo de falar será julgado e desprestigiado. Para o autor, a questão é muito mais complexa do que apenas mais um ato de *bullying* escolar, para ele:

Esconde-se no fundo, mais uma vez, o preconceito de que pobre é diferente e por isso precisa ser colocado em seu lugar, não podendo se beneficiar da companhia daqueles afortunados que falam o dialeto de prestígio, porque dessa maneira o

aprenderá mais fácil e rapidamente e criará problemas de estratificação social na nossa sociedade, zelosa pelo que é propriedade de cada um, incluindo os “erros dialetais” do português (CAGLIARI, 2004, p.21).

Infelizmente o preconceito linguístico, tratado por muitos como algo irrelevante, quase sempre a título de uma piada inofensiva, é na verdade um disfarce para outros tipos de preconceitos sociais, ao criticar a fala de alguém, não é língua que carrega a carga negativa do sentimento, mas sim a própria pessoa. O indivíduo quando exclui alguém pelo seu modo de falar, o está fazendo não individualmente, mas socialmente (BAGNO, 1999)

Para Bagno (1999, p. 168) a escola precisa incluir e acolher, seu papel sempre ultrapassará o que está previsto em um plano de aula, e com isso ela irá:

Ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ela fala sua própria identidade como ser humano. Ensinar para o bem é acrescentar e não suprimir, é elevar e não rebaixar a auto-estima do indivíduo. Somente assim, no início de cada ano letivo, este indivíduo poderá comemorar a volta às aulas, em vez de lamentar a volta às aulas.

Com isso percebemos a importância que tem a escola e o trabalho dos educadores em romper com mitos e preconceitos linguísticos, visto que os prejuízos ocasionados não se restringem somente ao indivíduo que o recebe, mas em toda a comunidade que ele faz parte. É uma questão de políticas públicas, “o uso da norma não-padrão é mais visível em falantes que estão em pior situação econômica” (BAGNO, 1999, p. 16), vítimas da má distribuição de renda do Brasil, prover meios de combater mais esse estigma posto sobre os menos afortunados deve ser visto como uma questão de justiça social a ser intermediada pela escola.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo objetiva-se em apresentar a metodologia utilizada na elaboração da pesquisa, assim como seu *corpus* e os caminhos que foram percorridos para sua seleção. Os resultados das observações e análises serão apresentados no próximo capítulo em consonância com a fundamentação teórica tecida nos capítulos anteriores a este.

Como esta pesquisa se dedicou também na construção de uma proposta de intervenção por meio de uma sequência didática, os princípios metodológicos que a alicerçaram estão apresentados nesta seção, mas também podem ser vistos na parte em apêndice, visto que são utilizadas como parte norteadora para sua compreensão e aplicação, facilitando o trabalho do professor educador.

2.1 Caracterização da pesquisa

Várias são as possibilidades de se classificar o modo que uma pesquisa se desenvolverá, mais complexo ainda são os aspectos que influenciam na escolha do melhor método e processo – área de conhecimento a ser pesquisado, a natureza, os objetivos, as possibilidades físicas, limitantes e etc. (GIL, 2019). Dentro de uma grande área, por se tratar de uma pesquisa que busca “descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis e classificar processos dinâmicos [...]” (RICHARDSON, 2011, p. 80), optamos por uma abordagem qualitativa, “pois parte do entendimento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito [da pesquisa], isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do indivíduo” (MATIAS-PEREIRA, 2007, p. 71).

Considera-se ainda, que os dados buscados pela pesquisa não são fatores isolados e singulares, ou seja, acontecimentos fixos, logo não são observados em pequenos e efêmeros momentos de interação, mas em um contexto fluente de relações. Segundo Chizzotti (2001, p. 79) “E na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos”. Outro fator importante que enquadra esta pesquisa dentro do campo qualitativo vem de Godoy (1995, p. 62), que aponta como uma das principais características desse viés metodológico “o significado que as pessoas dão às coisas e a sua vida como preocupação do investigador”, visto que dentro desta pesquisa buscar-se-á demonstrar como são construídos os personagens nordestinos que constituem o nosso *corpus*.

Considerando as grandes áreas de conhecimentos elaboradas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), esta pesquisa pertence à área 8 –

Linguística, Letras e Artes, e aos seus componentes constitutivos, Sociolinguística e Dialetoлогия, visto que a pesquisa busca contribuir com os estudos linguísticos por meio das mudanças e desdobramentos da variação linguística, neste caso, regional, e suas consequências, tais como: preconceito linguístico e difusão de estereótipos.

No que tange aos objetivos, nossa pesquisa é exploratória, pois “tem como propósito sugerir maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” (GIL, 2019, p. 177), visto que se acredita que há na mídia uma consistente elaboração de personagens nordestinos estereotipados, o que por sua vez, tende a viabilizar o preconceito linguístico. O que está em consonância com Marconi e Lakatos (2017, p. 12), pois consideram como uma das principais finalidades dessa abordagem a “realização de uma pesquisa futura mais precisa [que possa]; modificar e clarificar conceitos”.

E por se tratar de um *corpus* que é, em sua totalidade, partes de produtos midiáticos, disponíveis em catálogos digitais, consideremos nossa pesquisa também como sendo documental, que segundo Godoy (1995) é a pesquisa que não se atém somente a um grupo de pessoas, mas aos materiais escritos e aos elementos iconográficos, como é o caso das telenovelas e das obras cinematográficas, caracterizando-se como documentos secundários, visto que a análise é feita por quem não os produziu. Para Godoy (1995, p. 22) “uma das vantagens desse tipo de pesquisa é que permite o estudo de pessoas às quais não temos acesso físico [...] sendo também apropriada quando queremos estudar longos períodos de tempo, buscando identificar uma ou mais tendências no comportamento de um fenômeno”.

E como qualquer trabalho científico requer uma busca por artigos, dissertações, teses, livros, entre outros, para se fundamentar, caracterizamos esta pesquisa também como sendo bibliográfica, visto que utilizamos das contribuições já realizadas e publicadas na construção desta pesquisa. Segundo Fonseca (2002, p. 32) este tipo de pesquisa se dá “a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos [...] com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios [...]”.

A pesquisa aqui apresentada, na sua essência, não é inédita, o preconceito linguístico e a presença de estereótipos que influem na sociedade já foram focos de muitas pesquisas, mas segundo Gil (2019, p. 176), “nada impede que as pesquisas básicas sejam utilizadas com a finalidade de contribuir para a solução de problemas de ordem prática”, que neste caso, além do conhecimento produzido pelo entrelaçar da fundamentação teórica com a análise dos dados, esta pesquisa propõe, por meio dos seus apêndices, uma proposta de intervenção, que objetiva-se em ajudar educadores e alunos a lidarem com o preconceito linguístico e com os estereótipos de maneira interdisciplinar e incisiva, emancipando suas interpretações sobre a

importância de se respeitar a variação linguística, além de expandir o aproveitamento dos dados levantados durante o processo de pesquisa.

2.2 Apresentação do corpus

Para guiar e dar suporte aos objetivos desta pesquisa, optamos pela definição do *corpus* que se alinha aos interesses da Linguística, visto que a Língua e suas nuances são os pilares deste trabalho. Segundo o dicionário de Linguística construído por Galisson e Coste (1983, p. 763), “trata-se, pois, de uma coleção de documentos quer orais (gravados ou transcritos) quer escritos, quer orais e escritos, de acordo com o tipo de investigação pretendido.” No caso desta pesquisa, o *corpus* se apresenta por meio audiovisual, por se tratar de novelas e filmes.

Portanto, o *corpus*, é constituído e analisado respeitando a ordem cronológica em que foram apresentados ao público: são sete personagens de diferentes tramas, dentro do período de 2000 a 2015, sendo três deles construídos para telenovelas (três obras diferentes) e três personagens de filmes brasileiros (sendo dois deles pertencentes a um mesmo filme). Chicó (Selton Melo) e João Grilo (Matheus Nachtergaele) de “O Auto da Compadecida”, filme brasileiro de comédia dramática, de 2000, dirigido por Guel Arraes, com roteiro de Adriana Falcão, João Falcão e do próprio diretor, o filme é baseado na peça teatral de mesmo nome escrita em 1955 por Ariano Suassuna; Maria do Carmo (Suzana Vieira), da novela “Senhora do Destino”, escrita por Aguinaldo Silva com a colaboração de Filipe Miguez, Glória Barreto, Maria Elisa Berredo e Nelson Nadotti de 2004; Fabiano (Fábio Lago) da novela Caras & Bocas exibida em 2009, escrita por Walcyr Carrasco, com colaboração de André Ryoky e Cláudia Souto; Jesuíno (Cauã Reymond) e Herculano (Domingos Montagner) personagens da novela “Cordel Encantado”, exibida em 2011, escrita por Duca Rachid e Thelma Guedes, com coautoria de Thereza Falcão, colaboração de Manuela Dias e Daisy Chaves; e por fim, Val (Regina Cazé) do filme “Que horas ela volta?”, um filme brasileiro de 2015, do gênero drama, escrito e dirigido por Anna Muylaert.

2.2.1 Resumo do corpus: personagens, obra e data do primeiro capítulo.

Personagem	Obra	Ano
João Grilo e Chicó	O Auto da Compadecida	2000

Maria do Carmo	Senhora do Destino	2004
Fabiano	Caras & Bocas	2009
Jesuíno e Herculano	Cordel Encantado	2011
Val	Que horas ela volta?	2015

Buscando a “representatividade”, defendida por Sinclair (2005, p. 6), esta pesquisa selecionou personagens distribuídos ao longo das duas últimas décadas, separadas entre si por uma média de quatro anos (entre capítulo inicial e final, no que diz respeito às novelas), de modo que o *corpus* pudesse de fato “espelhar comportamentos linguísticos” suficientes para se ter uma noção da repetição com que estes surgem na mídia televisiva, o que será melhor explicado no capítulo seguinte.

A opção pela variação entre personagens presentes em filmes e em telenovelas foi tomada com base na ideia de que “um *corpus* deve ser balanceado, ou seja, deve ter um equilíbrio de gêneros” (SINCLAR, 2005, p. 8).

Como essa pesquisa não tem a pretensão de descrever minuciosamente as falas das personagens que compõem o *corpus*, ou esgotá-los em uma análise linguística, acreditamos que tenhamos acertado na decisão de manter quatro personagens para consolidar um “*corpus* do tamanho adequado” (SINCLAR, 2005, p. 8).

2.3 A escolha do corpus – método e razão

Além de levarmos em considerações os fatores mencionados na apresentação, que incluem “representatividade”, “tamanho adequado” e “balanceamento do *corpus*”, há outros fatores que quando explicados, ajudarão na compreensão dos resultados desta pesquisa (SINCLAR, 2005).

Para seleção do *corpus* fizemos o seguinte esquema: 1 selecionamos qual o recorte cronológico a ser considerado para a seleção das possíveis obras que forneceriam os personagens de interesse da pesquisa; 2 quais obras, dentro do recorte, tinham em seu enredo personagens nordestinos bem desenvolvidos, que permanecessem durante todas as fases da obra; 3 com a listagem das possíveis obras que atenderam o item anterior, subdividimos o recorte cronológico para que houvesse uma possível distância temporal entre a data de exibição da obra, para que contemplassem o recorte cronológico de maneira linear; 4

descartamos as obras com similaridade no perfil dos personagens que seriam o foco da análise, buscando uma variedade maior de estereótipos; 5 demos prioridade para uma diversidade temporal, espacial e social das personagens, priorizando as obras que tivessem em seu enredo essas diferenças; 6 por fim, optamos por contemplar de maneira diversificada a origem midiática das obras, selecionando personagens de telenovelas que foram exibidas em horários distintos e uma obra que contemplasse o cinema nacional.

Ao nosso ver, faz-se necessário uma contemplação melhor do processo descrito no item 4, citado no parágrafo acima. De um modo empírico, durante a curadoria das possíveis obras e já com a fundamentação teórica em andamento, percebemos que existe um padrão que se repete na construção do estereótipo nordestinos: ora temos um fanfarrão, uma espécie de parvo que beira o palhaço; outra a figura de um machão ignorante, vinculado repetidamente à figura de lampião; o estereótipo servil e ingênuo, como se estivesse constantemente em um lugar inferior, mas grato por estar ali; a figura do retirante corajoso, aquele personagem que sai da sua terra natal e fica conhecido massivamente pela sua origem, etc. Logo, a existência desses perfis estereotipados fora decisiva na escolha do *corpus*, na intenção de analisar uma variedade maior e pode-la comparar com a teoria aqui levantada, mostrando por meio da linha cronológica das obras que há essa criação cíclica de personagens nordestinos para as tramas televisivas.

Definido o *corpus*, foi necessário criar uma conta privada na plataforma de *streaming* Globo Play⁵, que funciona como um catálogo de novelas, séries e filmes de programas relacionados à emissora Globo. O aplicativo possui versões para *smartphones*, *tablets* e *smart TV*, o que possibilitou acessar as mídias do *corpus* de diferentes modos e quantas vezes fizeram-se necessárias. A existência dessa plataforma, mesmo que paga, também foi um fator decisivo para a seleção do *corpus* (todos produtos vinculados ao grupo Globo), visto que adotar algum outro produto televisivo que não estivesse disponível para acesso livre e atemporal, inviabilizaria a análise dos dados.

2.4 Introdução para uma proposta de intervenção

O homem é um ser que tem consciência da sua existência, talvez seja o único ser vivo com essa habilidade. Somos regados à subjetividade, singulares por natureza e capazes de nos envolvermos em diferentes universos, interagindo em sociedade, criando mundos individuais

⁵ <https://globoplay.globo.com/>

e explorando tudo o que a mente humana nos proporciona. Esta por sua vez, a mente humana, sempre foi alvo da curiosidade popular e de pesquisas, das mais sérias às mais mirabolantes. Dominar a mente humana, ler pensamentos, decifrar, alcançar seu total potencial, ser capaz de realizar ações apenas com o poder da mente são assuntos que instigam as mais ecléticas rodas de conversa.

Mas será que a mente humana já não está sendo influenciada, ou até mesmo dominada? Temos as mídias comunicativas que são um bom objeto de reflexão para se construir uma resposta à pergunta acima. Nós vemos o mundo hoje pelas lentes da TV, dos smartphones, dos computadores e etc. Somos bombardeados por propagandas muito bem elaboradas, estratégias de *marketing* que são capazes de nos despertarem os mais ímpetos desejos consumistas, programas que nos fazem sonhar e brotar novos modos de pensar, de agir, nos vestir, construindo arquétipos do imaginário, contextos sociais, novos sentidos e que modificam nossa subjetividade constantemente. É importante lembrar que não estamos invalidando o lado positivo de tudo isso, muito menos criando uma teoria de dominação em massa, dessas que os mais fanáticos propagam por meio de *fake news* e discursos de ódio, o objetivo é despertar a ciência de que somos influenciados, não temos como fugir desse processo, somos o fruto da construção que fazemos por meio da interação com o meio que vivemos.

Não podemos desprezar o que é considerado um dos maiores segmentos econômicos do mundo, que é a indústria midiática, muito menos o seu poder de alcance. Segundo pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) em 2019, a televisão está em 96,3% dos lares brasileiros, dos quais em 89,8% já contam com conversores para o recebimento do sinal digital. A TV ainda é a maior ferramenta de comunicação e entretenimento utilizada por todas as classes sociais.

Com uma representatividade tão grande na vida do brasileiro não podemos deixar de considerar os efeitos negativos que esse meio de comunicação espalha pelas casas em que está presente, aqui trazemos para a discussão a presença maciça de personagens fictícios que compõem o elenco de novelas, minisséries e filmes, diariamente exibidos pelos canais de TV aberta, personagens estes carregados de estereótipos, que fogem da representação real da cultura a que se propõem representar. Neste caso, apesar de termos um leque de opções em que minorias sociais não são corretamente construídas, escolhemos os nordestinos, personagens que são comumente carregados de estereótipos, construídos sobre um viés raso e preconceituoso, servindo como chacota, válvulas de escape para o humor e disseminação errônea de toda uma cultura que já é a décadas tratada como inferior pelas demais.

O que ignoramos é que um meio de comunicação tão comum está há anos servindo de veículo para a propagação de uma visão prejudicial à língua, aos costumes culturais das minorias e dos povos que já são excluídos por diferentes fatores. Silva e Santo (2009, p. 3) nos mostra que:

O poder de manipulação da mídia pode atuar como uma espécie de controle social, que contribui para o processo de massificação da sociedade, resultando num contingente de pessoas que caminham sem opinião própria. Subliminarmente, através da televisão, das novelas, jornais e internet, é transmitido um discurso ideológico, criando modelos a serem seguidos e homogeneizando estilos de vida.

Por tanto, é necessário a discussão para uma possível intervenção a essa realidade, podemos não conseguir romper com o ciclo de fabricação de personagens tão problemáticos, mas inegavelmente podemos nos preparar para criticá-los e mostrar para a sociedade que eles não representam a suma da cultura de um povo, com isso, sermos capazes de não absorver conceitos que nos são passados que inferiorizam nossos semelhantes pelo simples fato de falarem com um sotaque diferente. Logo, combater o preconceito linguístico e social que os nordestinos e caipiras sofrem em razão do que foi e é ilustrado e reforçado pela TV por meio dos estereótipos.

2.4.1. O nordestino em Caldas Novas

A cidade de Caldas Novas está localizada no sudeste do estado de Goiás e segundo o último censo, realizado em 2010 conta com uma população de 70.473 (a estimativa para o ano de 2021 é de 95.183) dos quais 12.430⁶ são migrantes nordestinos, certa de 17,6% da população da cidade.

Os nordestinos migram para Caldas Novas a procura de trabalho na rede hoteleira (fonte maior de empregabilidade local), de condições de uma vida mais digna. E hoje representam a força motriz que move, em sua maioria, a economia braçal da cidade, trazendo com eles os aspectos culturais que lhes são característicos: a alegria, a força, a resiliência, além de um sotaque marcante e um léxico peculiar.

⁶ Em 2010, segundo o censo a população real era de 70.473, o valor apresentado é a estimativa, realizado pelo órgão para o ano de 2019, visto que em 2020 não houve o recenseamento por negativa financeira do Governo Federal.

Porém, o falar nordestino, que é facilmente identificado, não é tão bem aceito por todos, muitos sofrem o preconceito linguístico, são tratados de maneira desigual e por vezes, excluídos da sociedade. A cidade possui uma feira popular, conhecida por “Feira dos Nordestinos”, que comercializa produtos característicos da culinária nordestina, como as variedades de farinha e outros preparos de grãos, tecidos, doces e etc. Além de um bairro, popularmente chamado de “Bairro Nordestino”, cujo os moradores são na sua maioria migrantes de estados do Nordeste.

Com uma diversidade tão grande presente no dia a dia de uma cidade turística, visto que Caldas Novas é a maior instância de águas termais do mundo e recebe, segundo o IBGE, mais de 3 milhões de turistas por ano, o preconceito linguístico não deveria ser uma realidade, afinal, um local que recebe pessoas de diferentes lugares deveria ser receptivo ao que lhe é diferente. Não é o que retrata os migrantes moradores da cidade.

Muitos professores já se depararam com o preconceito linguístico em diferentes estágios da Educação Básica no município, relatos de alunos que foram vítimas desse mal também é frequente, além de ser possível tal constatação quando se levanta o assunto em sala de aula, muitos desabafam sobre o que passaram e passam por terem um sotaque que claramente não é daqui.

Logo, vemos que a identificação para o alvo do preconceito sofrido é o falar, o sotaque que tão bem representa o local de origem, por isso, por ser uma proposta que se aplica a uma cidade do interior de Goiás, e com a finalidade de mostrar que se aqui praticamos o preconceito linguístico com os migrantes nordestinos, somos também passíveis de sofrê-lo ao deixarmos nosso estado natal, afinal, um “[porrrta], [porrrteira]” e outras expressões regionais características do falante goiano, chamado vulgarmente de caipira, também são motivo de piada em muitos outros estados do Brasil. Combater o preconceito linguístico, nos colocando no lugar de quem o sofre, por fazermos parte de uma minoria linguística que também é tida como menos prestigiada, pode ser um reforço para a erradicação desse mal, por meio da conscientização social.

É relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico.

2.4.2 Documentos norteadores para a proposta de intervenção: PCN, BNCC

Alguns avanços por parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCN, e da Base Nacional Curricular Comum, doravante BNCC, podem ser sentidos no que se refere à variação linguística, novas propostas de abordagem foram inseridas nas reformulações educacionais a que esses documentos se aplicam, e tanto o preconceito linguístico, quanto a variação linguística passaram a compor os conteúdos obrigatórios a serem trabalhados em sala de aula.

Na apresentação de práticas pedagógicas para se trabalhar a variação linguística, os PCNs, documento norteador do ensino publicado em 1998, já abrem com uma afirmação que nos conforta enquanto professores e pesquisadores, pois deixa claro que “a variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa.” É importante esse reconhecimento, não que ele estivesse estreando no meio educacional, mas por citar as “ações normativas”, visto que muitos linguistas, como por exemplo Bagno (1999), afirmam que a ideia de uma língua normativa defendida pela escrita e pela gramática ajudam a fixar as variações linguísticas e o ato da fala como sendo errôneos, e conseqüentemente inferiores. O que vai contra o posicionamento do supracitado documento, pois ele tem traz como objetivo para a sala de aula que o educando, por intermédio do professor, seja capaz de se “posicionar contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (BRASIL, 1998, p.7).

A BNCC, documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagem fixada no ano de 2018, também reforça a necessidade de se trabalhar a variação linguística, apresentando no seu eixo de análise de linguagem e semiótica a seguinte afirmação:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2018, p. 81)

O documento também toma ciência da existência de uma lacuna entre o falar e escrever e reforça que “em função do privilégio social e cultural dado à escrita, tendemos a tratar as outras linguagens como tratamos o linguístico [...] sem muitas vezes prestarmos

atenção em outras características das outras semioses que produzem sentido”. Com isso, propondo intervenções na prática de ensino com o objetivo de diluir esse afastamento, o que consequentemente ajudaria a combater o preconceito linguístico.

O documento ainda traz algumas outras orientações em seus eixos temáticos afim de orientar o planejamento e a sequência didática a ser seguida para se atingir objetivo de ensino, algumas delas estão presentes na parte constituinte de apresentação, outras na parte de “Competências específicas de Língua Portuguesa”, abaixo elencamos as mais pertinentes e que justificam a proposta de intervenção desta pesquisa.

<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos. (BRASIL, 2018, p. 83)
<ul style="list-style-type: none"> • Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica. (BRASIL, 2018, p. 83)
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. (BRASIL, 2018, p. 161)
<ul style="list-style-type: none"> • Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico. (BRASIL, 2018, p. 87)
<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos. (BRASIL, 2018, p. 87)
<ul style="list-style-type: none"> • Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos. (BRASIL, 2018, p. 113)

O apanhado acima, coletado da BNCC, vem ao encontro do objetivo central dessa proposta, que é oferecer aos professores e alunos a chance de reconhecer os prejuízos ocasionados pelo preconceito linguístico, antes que ele se instaure ou deixe suas marcas traumatizantes. Todo o conteúdo aqui apresentado já está proposto pelos documentos normativos que fundamentaram essa discussão, as diretrizes de trabalho já existem e estão sendo abordadas pelas escolas, mas uma cidade que conta com mais de 17% da sua população sendo migrantes nordestinos que relatam episódios de preconceito, sentimento de não pertencimento e exclusão social, além de estar localizada no interior de Goiás, berço do

“caipirez”, é válido uma reflexão mais eficaz para combater tal realidade, a própria BNCC (2018, p. 70) afirma que “é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico.”

Em suma, o que essa proposta almeja é uma adequação mais consciente da sua realidade, que venha combater o preconceito linguístico na fonte do saber – a escola. Adequando seus Projetos Políticos Pedagógicos (doravante PPP) com a finalidade de atender melhor às necessidades sociais dos educandos, reforçando os conteúdos sugeridos pelos livros didáticos, regionalizando a abordagem a ser discutida ao mesmo tempo que construa educandos mais conscientes dos danos ocasionados pelo preconceito linguístico e pela refuta de estereótipos tão frequentemente mostrados na TV aberta, o que influencia tal mazela social.

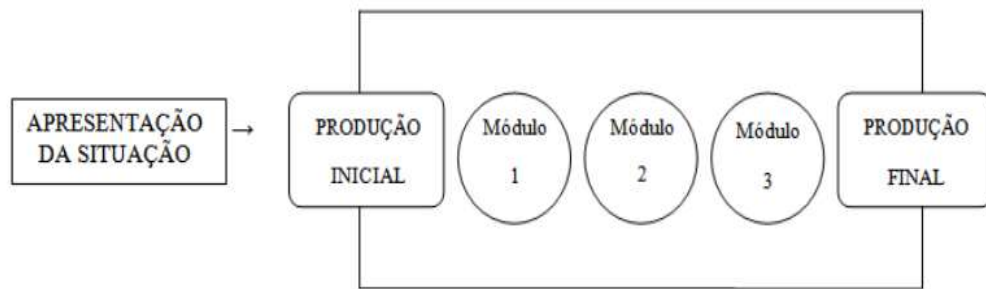
2.5 Metodologia do produto educacional – Sequência Didática

Para buscar contemplar os objetivos desta pesquisa, a melhor opção pensada até o momento se encaixa em uma sequência didática (doravante SD), cujo objetivo é auxiliar o professor a compreender os benefícios das contribuições dos estudos linguísticos e evoluir na contemplação final dos seus benefícios, sanando assim, as dificuldades dos alunos em reconhecer as variedades linguísticas, reconhecer estereótipos, os efeitos do preconceito linguístico e assim, serem capazes de combatê-lo.

Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” Para esses autores, a SD “procura favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação”.

Para a construção da sequência didática foram consideradas as contribuições de Marcuschi (2008), que afirma ser possível ensinar diferentes conceitos de maneira ordenada, que é o que a SD propõe em sua essência, orientando os professores afim de sanar e/ou diminuir as dificuldades dos alunos durante as aulas que contemplaram o foco dessa proposta.

Figura 10 - Representação esquemática da estrutura metodológica de uma sequência didática



Fonte: (MARCUSCHI, 2008, p. 213)

Nessa SD, inicialmente contempla uma seção de abertura, apresentando a situação de estudo por meio oral ou escrita, em que os alunos conhecerão de maneira detalhada a tarefa a ser realizada. A “produção inicial” servirá para um diagnóstico em que o professor avaliará as dificuldades apresentadas e os conhecimentos já adquiridos sobre o tema, possibilitando assim escolher qual será o melhor *feedback* para ajudar na próxima etapa. Os “módulos 1, 2 e 3” consistem em atividades sistemáticas e evolutivas e suas quantidades podem variar de acordo com a necessidade de cada aluno/turma, abordando características temáticas que forem necessárias após a “produção inicial”, são na verdade as atividades que estão propostas, cabendo ao professor selecionar as que contemplem melhor a realidade de cada sala, podendo ou não utilizar todo o material elaborado. A “produção final” é a aplicação dos conhecimentos adquiridos nos “módulos” na melhoria da “produção inicial”, em que o aluno internaliza os conhecimentos adquiridos por meio das atividades propostas, em que essas contemplarão todo o processo anterior.

A construção da SD foi feita com a possibilidade de uma interdisciplinaridade de diferentes matérias, mobilizando professores e suas frentes a trabalharem juntos, o que potencializará as chances de um produto final bem sucedido, proporcionando uma maior interação do grupo escolar.

A apresentação da SD aos professores e membros da unidade escolar poderá se dar na semana de preparação didática, que acontece na primeira semana letiva de cada ano escolar, em algum encontro coletivo ou formação pedagógica previstos no calendário escolar.

Para isso, segue um material de apoio sugerido para inclusão no PPP das unidades de ensino que atendam desde o Fundamental I até o Ensino Médio, mas com foco no Fundamental II, com suas respectivas orientações e sugestões de adaptação. O material busca combater o preconceito linguístico iniciando a abordagem pelo processo de migração,

mostrando seus diferentes motivos, contemplando a variação linguística, fazendo refletir sobre a influência midiática em nossa sociedade e finalizando com os efeitos negativos do preconceito linguístico, não com o objetivo de substituir o que já é trabalhado, mas de somar e reforçar o trabalho que tem sido desenvolvido, afinal, a soma de conhecimento não resultará em prejuízos e um material que possibilite uma maior identificação pessoal, local e social pode ocasionalmente arrebatrar maiores entusiastas, que além de aprenderem em sala de aula, poderão também se transformarem em propagadores das boas novas.

CAPÍTULO III: ANÁLISE DO *CORPUS*

Neste capítulo faremos uma breve contextualização sobre a história da TV brasileira, focando em sua trajetória cronológica, buscando compreender como ela se popularizou, tornando-se um dos produtos do entretenimento brasileiro mais popular das últimas décadas. Focando em seus produtos que frequentemente apresentam estereótipos regionais: novelas, programas humorísticos e filmes. Faremos também a apresentação e análise do corpus, mostrando como a figura nordestina é construída e divulgada nos produtos televisivos, influenciando a sociedade, descaracterizando a essência de um povo e alimentando o preconceito linguístico sofrido pelos nordestinos.

A análise dos personagens *corpus* não tem como objetivo uma descrição centrada unicamente no modo como eles interpretam o sotaque nordestino, mas em sua construção como um todo, que constantemente resulta em um tipo estereotipado e de fácil identificação, o que vem acontecendo ao longo das últimas duas décadas.

3.1 Breve histórico da TV brasileira

O aparelho eletrônico que é o centro da sala de estar dos domicílios brasileiros é relativamente novo, a criação da televisão aconteceu em 1920 por meio das pesquisas de John L. Baird, foi fruto de uma junção de diferentes componentes eletrônicos da época, mas só gerou uma imagem razoavelmente aceita cinco anos depois. Item de ostentação da elite nacional na metade do século passado foi se popularizando no país com a inauguração da TV Tupi, pelo jornalista Assis Chateaubriand em 18 de setembro de 1950⁷ (BRASIL, 2017, p.14).

As primeiras imagens transmitidas alcançaram cerca de 500 aparelhos, todos exclusivamente na cidade de São Paulo, esse número cresceu rapidamente e em pouco mais de três meses já alcançava a marca de dois mil aparelhos (LEAL, 2009, p. 5). “O Brasil foi o primeiro país da América Latina a ter uma emissora de televisão e o sexto no mundo, perdendo apenas para Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha e Holanda” (JAMBEIRO, 2002, p. 51).

“O novo meio apareceu primeiro nos centros mais desenvolvidos do país – Rio de Janeiro e São Paulo – e somente anos mais tarde foi implantado em outras capitais e grandes cidades” (JAMBEIRO, 2002, p. 51). Durante a década de 50, diferentes emissoras de TV

⁷ Há registros de transmissões particulares no país desde 1939, mas sem oficialização documental. (PEDROSA; FERREIRA, 2020)

foram se estruturando, visando o mercado comercial promissor que a nova tecnologia apresentava. Em 1951 é inaugurada a TV Tupi Rio de Janeiro e a Rádio Televisão Paulista, em 1953 surge a TV Record, TV Excelsior fundada em 1959, mas sua maior popularização ocorre em 1957 quando as transmissões, até então centralizadas no eixo Rio – São Paulo, se expandem e inicia-se em diferentes cidades do país

De forma geral, as emissoras construíram suas grades de programação baseadas na mesma estrutura das rádios da época, a TV “teve de se submeter à influência do rádio, utilizando inicialmente sua estrutura, o mesmo formato de programação, bem como seus técnicos e artistas” (MATTOS, 2002, p. 49). Sendo assim, a década de 50 ficou resumida a estruturação técnica das emissoras, inaugurações, junções, construções de físicas e expansão do sinal de transmissão, Jambeiro (2002, p. 53) faz uma síntese da década e apresenta a seguinte do seguinte modo:

Embora a era da TV no Brasil comece oficialmente em 1950, somente nos anos 60 o novo meio de comunicação vai se consolidar e adquirir os contornos de indústria. Nos anos 50 a televisão era operada como uma extensão do rádio, de quem herdou os padrões de produção, programação e gerência, envolvidos num modelo de uso privado e exploração comercial. Nos anos 60 a televisão começou a procurar seu próprio caminho, a adquirir processos de produção mais adequados às suas características enquanto meio e transformou-se assim no poderoso veículo de transmissão de idéias e de venda de produtos e serviços que é hoje.

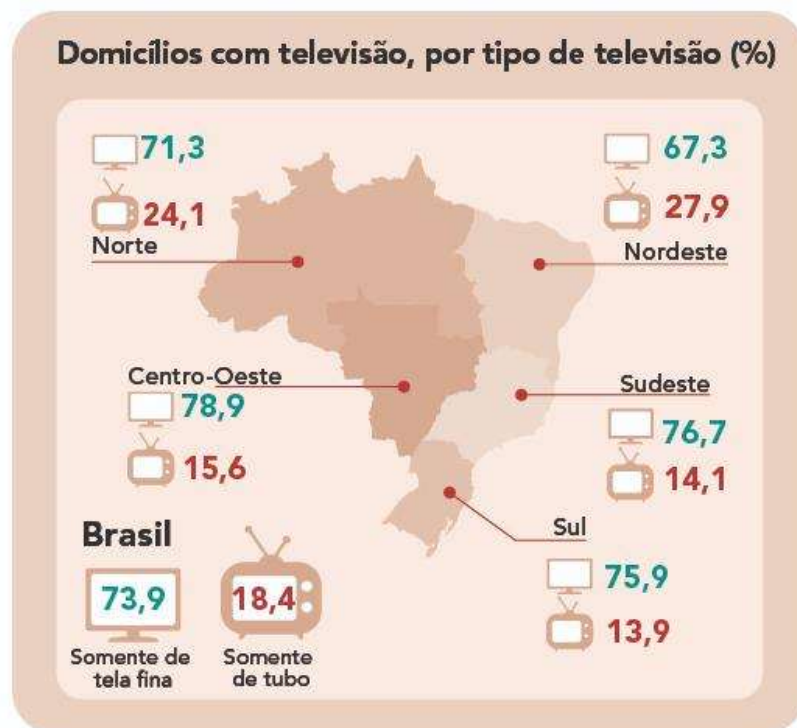
O período que se sucedeu foi de grande impacto para as emissoras de televisão, com o golpe militar em 1964 houve a instauração da Doutrina de Segurança Nacional da sua Escola de Guerra e “os meios de comunicação de massa se transformaram no veículo através do qual o regime poderia persuadir, impor e difundir seus posicionamentos, além de ser a forma de manter o *status quo* após o golpe” (MATTOS, 2002, p. 34).

A popularização da TV se desenvolveu junto com a evolução tecnológica, a qualidade do sinal foi ficando cada vez melhor. Temos o lançamento da TV de tela plana, de LCD/Plasma (*Liquid Crystal Display*) no final da década de 90. Nos anos 2000 houve a popularização das TV com resolução HD (*high definition* = alta definição). Em 2004 a primeira TV de LED, uma evolução da LCD que melhorou ainda mais a qualidade da imagem. Em 2010 a tecnologia 3D passou a fazer parte dos aparelhos e em 2011, surgem as *smart TV*, que além das funcionalidades básicas já existentes, por meio do acesso à internet são capazes de acessar *streamings* (em resumo, é a transmissão de conteúdos pela internet,

sem a necessidade de o usuário fazer download), aplicativos de vídeo e navegar pelo mundo digital.

Atualmente a TV está em quase todos os domicílios brasileiros, em 2019, segundo o IBGE, 96% das residências possuíam um tipo de aparelho de TV, sendo a Região Norte a com o menor índice (91,6%) e a Região Sudeste com o maior indicativo (97,7), a pesquisa mostrou também o aumento pelo interesse em aparelhos tecnologicamente mais avançados:

Figura 11 - Domicílios com aparelhos de TV por região.



Fonte: IBGE, 2019.

Dados como esse nos mostram que os aparelhos de TV ainda estão massivamente presentes na rotina dos brasileiros, sendo fonte de informação, lazer e entretenimento, destacando assim que a TV aberta tem grande potencial de influência e transmissão de valores para a sociedade, fato esse que falaremos de modo mais profundo adiante.

3.1.1 Emissoras, radionovelas e telenovelas

As telenovelas brasileiras, assim como quase todos os programas veiculados pelas emissoras de TV, são inspirações ou adaptações do que já existia nas rádios do país, por isso

se faz necessário uma breve abordagem da histórica sobre as radionovelas, para então entendermos o avanço tecnológico ocorrido com a chegada das TVs.

Durante a década que se seguiu, as radionovelas passaram a ocupar um espaço permanente e muito prestigiado na programação das rádios locais, autores nacionais investiram na escrita de tramas envolventes que cativavam os ouvintes, causando uma comoção popular ao redor dos aparelhos de rádio. Grandes obras e seus respectivos autores merecem ser citadas: “A Predestinada”, de Oduvaldo Vianna, primeira radionovela de autor nacional, lançada em 1940; “O Direito de Nascer”, considerada o maior sucesso nacional quando se fala de radionovelas, adaptação feita da obra do escritor cubano Felix Caignet e lançada em 1951; “As várias obras de sucesso de José Castellar, são 102 obras radiofônicas de sucesso nas rádios nacionais” (CALABRE, 2007, p. 74).

Já as telenovelas surgem um ano após a primeira transmissão televisiva nacional, no ano de 1951, mais precisamente em dezembro. De maneira muito diferente do que temos hoje, a primeira novela exibida pela TV Tupi, “Sua vida me pertence” era transmitida ao vivo, visto que não existia ainda a possibilidade de gravação armazenada, que só se tornou real com o invento do videoteipe. Como o processo de transmissão, atuação, cenário e etc. era feito ao vivo, as telenovelas não eram transmitidas diariamente, mas sim duas a três vezes na semana, mas esse espaçamento entre um capítulo e outro fazia com que o público perdesse a continuidade da narrativa, mostrando as emissoras que era necessário um esforço maior para que os capítulos pudessem ser diários, formato que se faz presente até hoje.

A nova cena brasileira para as telenovelas se consolidou a partir de 1970, “houve a nacionalização geral do gênero” (XAVIER, 2020). E com uma maior identificação por parte dos telespectadores e com o aumento expressivo de aparelhos de TV nos domicílios brasileiros, além dos avanços tecnológicos de aparelhos utilizados na produção, a Globo viu a possibilidade de emplacar seus títulos em três horários diários, utilizado até hoje pela emissora e responsável por fazer dela a líder na teledramaturgia brasileira (XAVIER, 2020).

As concorrentes da época não conseguiram se igual ao sucesso propiciado pelas telenovelas da Globo, a TV Excelsior foi fechada pela ditadura miliar em 1970, a Rede Record se dedicou mais aos programas musicais, também sucessos para época, sobrando para a TV Tupi fazer concorrência com a promissora emissora, mas a emissora carioca minou a concorrência contratando os grandes escritores da época (Ivani Ribeiro, Geraldo Vietri, Sérgio Jockyman, Teixeira Filho, Silvio de Abreu, Rubens Ewald Filho, Janete Clair, Jorge Andrade e Cassiano Gabus Mendes), assumindo o direito sobre suas obras e consolidando sua hegemonia.

Na década de 80, com o surgimento do SBT e da TV Manchete, novas produções surgiram, mas as emissoras optaram por adaptações estrangeiras e a Globo já tinha se consolidado como a grande emissora nacional responsável por exibir sucessos em três horários diários.

Segundo Xavier (2020) a Globo, nos anos 90, com o interesse das outras emissoras em produzir telenovelas, instaurou uma cuidadosa ouvidoria popular, um canal de comunicação entre emissora e o povo, e quando uma de suas obras começava a perder a audiência para concorrência, a emissora ajustava ao gosto do telespectador, estabelecendo mais um vínculo de sucesso para se consolidar no mercado perante as concorrentes.

Na última década, com o avanço da internet, chegada das *smart TV*, as emissoras se viram obrigadas a investirem no segmento, pois estavam perdendo audiência para os computadores, *smartphones* e etc. A Globo saiu na frente e criou a plataforma de *streaming* “Globo Play”, onde disponibiliza boa parte dos seus títulos e que podem ser assistidos a hora que o telespectador preferir, as demais emissoras criaram suas plataformas, mas com um investimento muito menor e sem grandes obras de sucesso a serem disponibilizadas. A Record consolidou seu interesse pelo público alvo, os evangélicos e manteve o gênero bíblico em suas telenovelas. O SBT passou a investir em novelas infantis adaptadas, e garante sua parte na audiência nacional.

Para Távola (1996, p. 55), o sucesso do produto se deu porque “as telenovelas configuram um produto que precisa misturar, dosando, elementos artísticos, mercadológicos, empáticos, permanentes, conteudísticos, formais, impermanentes, novos, culturais, emocionais, racionais, dramáticos, cômicos, espetaculares, reflexivos”. E com um leque tão grande de abordagens na sua construção fica mais fácil para o telespectador encontrar um núcleo dentro do enredo que lhe cativa.

3.2 A Influência dos produtos televisivos na sociedade

O surgimento da televisão no Brasil, na metade do século XXI, trouxe para a sociedade transformações muito fáceis de serem sentidas, a imagem vinculada ao som proporcionou uma comoção nacional em diferentes setores, ditando hábitos e costumes que são copiados ao longo do Brasil. A publicidade alcançou novos públicos, programas foram pensados e criados para grupos específicos de telespectadores e tudo isso movimentou nossa sociedade até os dias atuais, talvez não com a mesma força, mas a TV ainda o grande canal comum de comunicação entre as diferentes camadas sociais.

Por muitos anos defenderam a ideia de que a TV tinha como função uma relação entre educar, entreter e informar o telespectador, mas a evolução tecnológica, os muitos canais pagos, os *streamings* e principalmente a internet, trouxeram ao indivíduo a possibilidade de escolher o que melhor lhe convém, portanto, para Pinto (2002) a TV passou a alienar, servindo como válvula de escape para os problemas que rodeiam a sociedade, o que a fez abdicar da função de educar, visto que esta não era mais uma premissa promissora para prender o telespectador.

Muitos autores dedicaram a compreender os efeitos da TV na vida em sociedade, principalmente na década de 90, em que o aparelho eletrônico se tornou comum até mesmo para as classes sociais menos favorecidas. Andrés (1995) associou o interesse e as interferências da TV ao modo que cada indivíduo o compreendia, explicando que por isso o sucesso em prender a atenção do jovem era tão grande. Para Gomez (1995) a TV se consolidou como a necessidade recreativa da família. Pindado (1996) o tempo dedicado pelos jovens à TV só perdia para o que era gasto na escola e dormindo. Segundo Flores (2002) o que a TV proporciona é uma forma de democratização da experiência, em que os mais diferentes tipos de telespectadores podem ter acesso ao mesmo conteúdo, desfrutando e se identificando com o que lhe melhor convir. Reia-Batista (2005) a TV trouxe, por meio das telenovelas, o principal meio de comunicação cultural e formação social já existente. É importante para essa pesquisa que definições e visões de décadas passadas sejam pontuadas, visto que crianças e jovens da época são os adultos de hoje, ou seja, os frutos sociais da experiência televisiva de anos frente ao aparelho mágico do entretenimento brasileiro.

O que é comum para muitos pesquisadores que têm acompanhado os efeitos da televisão na vida em sociedade é que ela não se limita à função que foi criada, o entretenimento não é mais uma única vertente possível das diferentes grades a disposição, e até um programa pensado exclusivamente para fazer rir, possibilitará diferentes experiências ao ser interpretado por quem o assiste. Logo, nada é absolutamente neutro, pois o que é transmitido é subjetivo e passível de diferentes modos de sentir e compreender. “Caminha-se cada vez mais rumo a universos em que o mundo social é descrito/prescrito pela televisão. A televisão se torna árbitro do acesso à existência social e política” (BORDIEU, 1997, p. 29).

Para Lurçat (1995) a TV ultrapassou a função de entretenimento e pôs-se no lugar de fenômeno social, visto que influencia nos hábitos de quem a assiste, modificando modos de pensar, agir e se comportar. A autora ainda nos traz o fenômeno da “impregnação” que é um meio que o homem utiliza para aprender diferentes conceitos e que talvez seja o mais recorrente no contado telespectador *versus* televisão. Nesse processo, assimilamos o que

estamos presenciando, mas sem a noção de que o estamos fazendo, é como se estivéssemos sendo ensinados a repetir um comportamento de modo involuntário. Tal realidade faz jus a afirmação de que “a televisão, que se tornou o fenômeno cultural mais impressionante da história da humanidade, é a prática para a qual os cidadãos estão menos preparados” (FERRÉS, 1996, p. 9).

Segundo Bucci & Kehl (2004, p. 15) “hoje, a televisão, acima de todas as outras mídias, ocupa o lugar da grande produtora de mitos [...]”, pois com sua forte adesão as mais diferentes classes sociais, a televisão, por meio da telenovela, por exemplo, por representar aos telespectadores um momento de descontração e prazer, vai disseminando regras, opiniões e traços culturais que acabam por se tornarem padrão para quem os retém. O telespectador assume o lugar de um consumidor de ficção e passa a tê-la como parâmetro para suas vivências em sociedade, “a TV só influencia porque é o elo que industrializa a confecção do mito e o recoloca na comunidade falante” (p.19).

Para Lopes *et al.* (2002, p. 23) a influência da TV constitui parte importante na formação da identidade do telespectador, “a telenovela é entendida como um construto que ativa na audiência uma competência cultural e técnica [...], que passa a ser um repertório compartilhado de representações identitárias, seja sobre a realidade social, seja sobre o próprio indivíduo”. O que é aprendido ao acompanhar a ficção passa a ser repetido na vida real do indivíduo.

O alcance das telenovelas, apesar de ter perdido força, ainda é representa uma supremacia quando comparado aos demais programas que compõem a grade das emissoras. Em uma pesquisa realizada pelo Painel Nacional de Televisão (PTN) da Kantar IBOPE no ano de 2019, cerca de 22 milhões de telespectadores brasileiros são assíduos aos capítulos das novelas que estavam em execução na data da pesquisa. Só em São Paulo, principal área de monitoramento, visto que é a maior cidade do Brasil e detêm o maior interesse por parte dos publicitários, cerca de 7,5 milhões de telespectadores acompanhavam a novela do horário nobre da Rede Globo.

Com um público numericamente expressivo que atinge todas as classes sociais é previsível que aconteça, devido a tanta informação que a TV despeja sobre o telespectador a falta de compreensão e a não assimilação do que ele está assistindo. Quem assiste não consegue absorver tudo o que está acompanhando e acaba por descontextualizar a mensagem e seu conteúdo (KELLNER, 2001), talvez aí esteja a explicação das diferentes interpretações de cenas, personagens, falas e informações.

Para elucidar a interferência despreziosa que a TV pode ocasionar, visto que nem tudo que ela desperta na sociedade é programado ou intencional, podemos citar:

Uma das mais extraordinárias consequências da TV na Inglaterra foi o ressurgimento dos dialetos regionais. Um sotaque regional ou um “r” gutural constituem equivalentes vocais da antiga botina de abotoar. Esses sotaques sofrem uma contínua erosão por parte da cultura letrada. Seu súbito ressurgimento na Inglaterra, em regiões onde antes apenas se ouvia o inglês padrão, é um dos acontecimentos culturais mais significantes do nosso tempo. (MCLUHAN, 2007, p. 348).

O que aconteceu na Inglaterra, por meio da TV, é a prova de que muitos telespectadores acabam por incorporar os elementos culturais televisivos, e o meio social sofre as consequências expostas por esse veículo de comunicação. O que nos ajuda a compreender o poder de influência da TV nas nossas vidas, mesmo quando a intenção não é claramente percebida.

O que vemos é a cultura e os hábitos sociais sendo moldados constantemente pelo contato com os produtos televisivos, interferindo na formação da identidade do telespectador e na sua relação com o outro:

As pessoas assistem com regularidade a certos programas e eventos; há fãs das várias séries e estrelas com um grau incrível de informação e conhecimento sobre o objeto de sua fascinação; as pessoas realmente modelam comportamentos, estilos e atitudes pelas imagens da televisão. Os anúncios por ela veiculados de fato desempenham certo papel na manipulação da demanda do consumidor; e mais recentemente, muitos analistas concluíram que a televisão está desempenhando papel fundamental nas eleições, que estas se transformaram numa batalha de imagens travada nas telas da televisão, e que a televisão está desempenhando papel essencial na nova arte de governar (KELLNER, 2001, p.303).

Para muitos a TV está interferindo apenas no que tange ao consumismo, como se apenas as propagandas fossem capazes de atingir o público e manipulá-lo dentro do mercado capitalista, mas o poder de influência vai muito além da venda de um produto. Ele está presente nas nossas escolhas públicas, no nosso senso político, social, moral e comportamental, ou seja, é uma construção ideológica constante, impossível de mensurar o impacto dessa influência, mas “ainda assim não há como negar que, sofisticados ou não,

somos influenciados pela TV, não tanto no modo como pensamos, mas naquilo sobre o que pensamos” (CASHMORE, 1998, p.54).”

Dentro dessa construção da identidade individual que avança sobre o social, Kellner (2001, p. 304) enfatiza que a TV é sim um dos principais formadores do que somos socialmente:

[...] argumentamos que a televisão e outras formas da cultura da mídia desempenham papel fundamental na reestruturação da identidade contemporânea e na conformação de pensamentos e comportamentos. Em outro local, afirmamos que a televisão hoje em dia assume algumas das funções tradicionalmente atribuídas ao mito e ao ritual, ou seja, integrar os indivíduos numa ordem social, celebrando valores dominantes, oferecendo modelos de pensamentos, comportamento e sexo para imitação, etc.

Para o autor, a TV não só contribui com a construção do indivíduo e do seu modo de existir, mas ela também fortalece os vínculos que ele exerce em sociedade.

3.3 Estereótipo 1: O nordestino servil e ingênuo

Nessa seção, apresentaremos os resultados de personagens presentes em telenovelas da rede Globo, que foram construídos sobre a figura do nordestino servil e ingênuo, quase sempre representado por uma figura sem estudos, submissa aos padrões e sem ambição na vida. O objetivo dessa análise não é se aprofundar na densidade dos personagens nordestinos em questão, mas demonstrar que a estereotipia tem sido repetitiva em suas construções, seguindo uma espécie de padrão ao longo dos anos.

3.3.1 Filme: Que horas ela volta?

Filme brasileiro que estreou em 2015, “Que horas ela volta?” é um filme que transita entre os gêneros da comédia e do drama, dirigido e roteirizado por Anna Muylaert, o filme dos estúdios Globo Filmes conta a história de Val, interpretada por Regina Casé, uma migrante nordestina que deixa a família em Pernambuco para trabalhar em São Paulo como doméstica e babá. A rotina de Val, que vive na casa em que trabalha e foi responsável pela criação do filho dos patrões é transformada pela chegada da sua própria filha, Jéssica (Camila Márdila), que vem para a capital paulista prestar vestibular.

O filme leva o telespectador ao contraste de duas gerações, vindas do mesmo lugar, mas com colocações de mundo diferentes. De um lado está Val, a mulher que apesar de viver anos na casa do patrão, de escutar diversas vezes que “é como se fosse da família” vive em um quartinho isolado da mansão que habita há muitos anos. Val é o exemplo do resquício colonial brasileiro, que traz consigo o “vício serviçal”, uma forma de idolatria aos patrões, muitas vezes representado por um olhar servil, que se manifesta na falta do contato visual, de cabeça baixa e fala mansa, uma espécie de respeito vinculado ao medo. Val trabalhou com uma relação materna com o filho dos patrões, pois foi a babá que o cuidou desde pequeno, com esse trabalho ela mandava dinheiro para a família do nordeste.

A quebra do conforto para os moradores da mansão acontece quando Jéssica chega. São duas mulheres, mãe e filha, mas que são representações diferentes da época e do modo como foram criadas. Jéssica não se coloca no lugar que a mãe se enxerga, não está condicionada a servir e não vê a mansão como um templo sagrado cheio de limites a não serem ultrapassados, o que já acontece com Val. Para Jéssica, a mãe era a figura da mulher bem sucedida, que lhe visitava nas férias cheias de presente, e essa visão foi fundamental tanto para a decepção ao conhecer a realidade da mãe, quanto para não querer jamais aquele lugar para si. A mãe, apesar de estar há anos naquele lugar o vê com limitações, um local que não lhe pertence, vive o sonho de entrar na piscina da casa, mas não se acha merecedora daquele “luxo” e se choca ao ver a filha usufruindo do bem. “Jéssica aportou em São Paulo como aqueles velhos descobridores – como uma verdadeira colonizadora às avessas” (SILVEIRA, 2015, p. 1)

O comportamento de Jéssica, que não se vê em um lugar inferior aos patrões da mãe, causa um estranhamento a todos daquele lugar. A filha da empregada que almeja cursar arquitetura na USP, uma das melhores faculdades da cidade, provoca surpresa e ironias aos senhoris, pois é a mesma instituição em que planejam matricular o filho único. Os homens da casa, Fabinho (Michel Joelsas), filho do casal e Carlos (Lourenço Mutarelli) pai da família, veem a adolescente nordestina como uma presa em potencial, há olhares e abordagens de tons sexuais, uma relação de patrão x empregada que por vezes parece que vai culminar em cenas de sexo, mas acabam por se transformarem em um movimento negativo quando realizam que Jéssica não aceita entrar na antiga relação senzalas e as casas-grandes.

Bárbara (Karine Teles), a mãe da família, ao perceber a imposição de Jéssica e tomar ciência de que ela não vinha com a carga servil da mãe usa a expressão “da porta da cozinha pra lá”, ao desabafar sobre a filha da empregada, que por muitas vezes questionava a postura resignada da mãe. A patroa impõe sua violência à filha da empregada de maneira sutil, em

forma de violência emocional, como no trecho que manda trocar a água da piscina ao saber que o filho lá, havia empurrado Jéssica, afirmando ter visto um rato nadando na piscina. Com Val Bárbara atua diferente, ela alimenta a relação de servidão com pequenos gestos de bondade, como na cena em que dá dinheiro para Val comprar um colchão para que a filha pudesse dormir no quatinho da mãe e com isso cria “uma relação tão fortemente hierarquizada, a retribuição esperada não é material, mas emocional: a expressão de um sentimento que demarcaria a ‘posição permanente’ da empregada em relação à patroa – ou seja, sua ‘servidão’” (COELHO, 2001, p. 275).

Jéssica instaura reflexões no modo de pensar da mãe, fazendo indagações como “Não posso sentar aqui, então, onde vou comer?”, ao ver a filha ir sentar na mesa dos patrões. “Como você aguenta ser tratada como uma cidadã de segunda classe? Isso aqui é pior que a Índia!”, exclama a filha ao ver o local onde a mãe vivia e que passaria sua estadia em São Paulo. Em um misto de incômodos emocionais e afetivos, Jéssica é a personificação das mudanças sociais que a contemporaneidade vem buscando a décadas (SILVEIRA, 2015).

A relação da doméstica servil com a patroa bem sucedida está clara no filme, mas a questão social que assola a realidade das classes trabalhadoras, no filme representada pela classe das domésticas, é mais complexa de ser racionalizada. Val é a mãe ausente, que abandonou a filha biológica para criar o filho da patroa, não só no que diz respeito as necessidades básicas da criança, Val representa a estabilidade emocional do menino, foi ela quem cumpriu, além do braçal, o afetivo, tal relação é tão importante ao enredo que o a tradução da obra para o cinema estrangeiro foi “*The Second Mother*” (A Segunda Mãe). Logo o que se perpetua é a engrenagem que faz o abismo social se prevalecer, pois a patroa consegue ser vista não só como uma mulher de negócios bem sucedida, mas também como uma mãe zelosa, que ofereceu ao filho os melhores cuidados, ao passo que Val é a mãe que abandonou sua cria para tentar a vida longe da sua terra natal.

Figura 12 - Cartaz do filme "Que horas ela volta?"



Fonte: Globo Filmes, 2022.

Na obra de Anna Muylaert, Val é estereótipo do nordestino migrante que veio para servir, aquele que foi forjado ao ritmo da colonização e que herdou da cultura opressora o dever de ser servil. Os tempos são outros, não há um cenário de violência explícita, mas as relações são controladas pelo que Rezende (2001) chama de “limite da sociabilidade”, em que há uma relação pessoal, há a interação, mas limites são impostos pela classe socialmente favorecida para que ela permaneça nesse lugar, porém, de um modo mais sutil, para que não impossibilite a convivência pacífica. Ao encontro dessa colocação de estereótipos, Freire (2013) vê essa relação e suas particularidades agindo a favor de uma hierarquia social, em que valores e imagens reafirmam a superioridade do civilizador por meio de demarcações de uma região particular em detrimento de outras.

Lesser (2001), Prado Júnior (2008) e Vasconcelos (2006) em suas contribuições esclareceram essa relação entre o migrante nordestino e a elite sulista, pois a migração dos nordestinos é vista como a chegada de um povo não pertencente ao local, vistos como frutos de uma mistura racial brasileira não desejável, que se propõe a migrar para “roubar” um lugar

que não é seu por direito. Para esses autores a rejeição aos nordestinos deixou de ser simplesmente por um fator regional, e passou a ser vista como uma questão de raça.

Deste modo, a inclusão dos “nordestinos” como uma categoria de análise para os processos de estereotípi, preconceito e discriminação, circunscritos na situação de exclusão social, não se refere apenas a uma extrapolação analítica destes processos junto à problemática racial, mas também a uma busca por padrões de atitudes e comportamentos discriminatórios existentes no Brasil em relação àqueles considerados “os outros” (BATISTA, 2014, p. 24)

Na nossa análise, a própria escolha da construção da personagem Val ser nordestina já demonstra a visão estereotipada em relação aos nordestinos, uma mulher desprovida de vaidade, de beleza e fora dos padrões estéticos brasileiros. Sua fala é tida como “engraçada” pelo filho da família, que comenta, ao conhecer Jéssica, que ela fala “engraçado” igual à mãe. Para o enredo do filme, não seria essencial que a protagonista fosse nordestina, visto que ele busca abordar a ausência da mulher na criação dos filhos, fruto da sobrecarga atribuída a figura feminina do lar e todos os conflitos pertinentes a essa realidade.

Ou seja, o preconceito se nutre dos fatores estereotipados que foram atribuídos aos nordestinos, seu modo de falar, seu local de origem, seus traços culturais passam a serem compartilhados como atributos não só físicos, mas como biológicos e essa identificação desencadeará o modo como será tratado em um ambiente que lhe é hostil (Pereira *et al.* 2011). E isso explica o modo como Jéssica é tratada ao chegar na mansão paulista, mesmo sem conhecê-la, a família elitista já possui um *modus operandi* de como recebe-la, e tudo o que foge dessa concepção, baseada no modo que trataram Val, causa um grande desconforto.

A assimilação do estereótipo não está somente em quem o utiliza como chave para o preconceito, a pressão cultural sob quem o sofre registra comportamentos de aceitabilidade e muitas vezes a própria vítima se coloca em um local onde não deveria estar. Podemos perceber essa realidade na fala de Val ao ser contestada pela filha sobre seu comportamento servil e tolerante perante o tratamento dos patrões.

Jéssica comenta revoltada: Sinceramente, Val, não sei como é que tu aguenta, visse?

Val em tom de raiva: Como é que aguento o quê?

Jéssica: Ser tratada desse jeito, que nem uma cidadã de segunda classe. Isso aqui é pior do que a Índia.

Val: Não vem com essas conversa difícil, negócio de Índia não, que tu é metida, isso que tu é.

Jéssica: Isso tudo é muito escroto, isso sim.

Val: Ooia o palavrão, que eu não gosto de palavrão. Ruuum! Tu é que se acha, tu se acha melhor que todo mundo, tu é superior a todo mundo.

Jéssica: Eu não me acho melhor não, Val, eu só não me acho pior. Entendes? É diferente. *Val:* Tu ainda vai conseguir fazer eu perder esse emprego!

(QUE HORAS ELA VOLTA, 2015. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/que-horas-ela-volta/t/X6KmRdP68Z/>)

Percebe-se nas falas grifadas da personagem Val que a revolta da filha não é legítima, ela se vê ocupando um lugar que é dela, sem nenhum descontentamento. E ainda critica a filha por se incomodar com a sua situação. Val está dentro do círculo que lhe colocaram, usufrui de modo contente ao pouco que lhe foi dado. A subserviência é um sentimento característico que incomoda ambas, à filha pela presença em exagero na mãe e a mãe pela ausência deste na filha.

Batista (2014, p. 26) mostra como é importante romper com os estereótipos atribuídos aos nordestinos, pois os “processos de estereotipia são as bases cognitivas do preconceito” e mantê-las presente em uma sociedade que já caminha há algum tempo com a necessidade de acabar com esse sentimento é no mínimo contraditório.

Para Porfírio (2017, p. 36) a insistência em “construir personagens nordestinos sempre com sotaques carregados, com papéis de baixo prestígio [...] é caminhar para o preconceito cultural, social e linguístico; é menosprezar um povo simplesmente por sua região de origem.”

3.4 Estereótipo 2: O nordestino ignorante e agressivo

Nessa seção mostraremos um exemplo do estereótipo muito recorrente nas telenovelas e demais obras midiáticas da TV aberta do nosso país: o nordestino ignorante, e incapaz de romper com o ciclo violento em que se encontra. Quase sempre inspirados na imagem do cangaceiro, responsáveis pelo cangaço, movimento social que aconteceu na região entre os séculos XIX e XX em que os nordestinos mostravam sua insatisfação com a situação precária resultante da má distribuição de terras e da concentração do poder nas mãos dos fazendeiros.

3.4.1 Jesuíno e Herculano em Cordel Encantado

A novela Cordel Encantado é de autoria de Thelma Guedes e Duca Rachid, foi escrita pelos mesmos autores com colaboração de Thereza Falcão, Manuela Dias e Daisy Chaves.

Dirigida por Amora Mautner, Gustavo Fernandez, Natalia Grimberg e Thiago Teitelroit, sob a direção geral de Ricardo Waddington. Foi exibida na TV Globo no horário das 18h, entre os dias onze de abril de dois mil e onze e vinte três de setembro do mesmo ano e contou com 143 capítulos.

O enredo principal se desenvolve por meio de lendas heroicas do Nordeste que são vistas com olhos atentos pelos colonizadores europeus, relação muito presente na temática dos poemas de cordel. O tema clássico e poético embala o romance dos protagonistas, formados por Açucena (Bianca Bin), uma princesa criada como cabocla brejeira por lavradores nordestinos e Jesuíno (Cauã Reymond), um jovem matuto, filho do cangaceiro mais famoso da região, porém ambos desconhecem suas origens.

O cangaceiro, Herculano (Domingos Montagner) é pai de Jesuíno, ele abandona a mulher e o filho para seguir como chefe do cangaço na região, com a promessa de buscar seu filho para assumir seu posto quando o mesmo chegar na adolescência.

A princesa, criada no anonimato e na vida simples do sertão nordestino, recai a esperança da paz entre as terras vizinhas que se encontram em guerra há anos devido uma revolução popular. A princesa, ainda na barriga da mãe fora prometida em casamento para o príncipe das terras vizinhas, pois a união dos dois cessaria os conflitos, por isso, a realeza procura desesperadamente pela princesa, que outrora fora deixada no Brasil durante uma expedição botânica, para que se livrasse da morte em uma emboscada feita pelos vilões da trama.

Figura 13 - Jesuíno (Cauã Reymond) e Açucena (Bianca Bin) em Cordel Encantado, 2011.



Fonte: Rafael França/Globo. — Foto: Globo

Figura 14 - Herculano (Domingos Montagner), 2011.



Fonte: Rafael França/Globo. — Foto: Globo

Apesar da novela se desenrolar em um misto entre tradição e modernidade, o que vemos na construção dos personagens que caracterizam os nordestinos da trama é um pouco mais do mesmo. Ou seja, personagens que retratam o coronelismo, a servidão prestada a quem lá chega e aos detentores do poder, a renúncia da vida tranquila pela conservação da tradição e assim por diante.

O personagem Jesuíno, apesar de ser o mocinho e ter sido criado longe do pai, que é o

chefe do cangaço, sente por diversas vezes, ao descobrir suas origens, uma espécie de chamado, como se tivesse herdado do pai paixão pela vida violenta do cangaço. Ele luta bravamente para se manter longe dessa realidade e por diversas vezes renega o pai.

Já Herculano, desde sempre criado entre os cangaceiros, abandona a mulher que ama e o filho pequeno para viver a vida nômade do cangaço, segue a trama sendo temido pelos proprietários de terra e cercado por jagunços e seguidores do seu movimento. Está sempre armado e expressa frequentemente o orgulho que tem da vida que leva, não hesita em atirar, ameaçar ou matar quem lhe ofereça perigo ou não se curve aos caprichos que o cangaceiro impõe. O personagem, no decorrer da trama é lapidado para se tornar um anti-herói-romântico, uma espécie de justiceiro acolhido pelos mais pobres.

Para Herculano é uma espécie de obrigação moral que Jesuíno renuncie sua vida e assumo o posto de chefe do cangaço, abrindo mão da vida tranquila para empunhar armas e lutar ao longo do sertão pelos interesses do cangaço. Essa relação entre pai, que mesmo ausente, quer se impor ao filho, que o renega e refuta o posto que lhe é empurrado, é o fio de condução para todo o enredo. Obviamente, no final da trama os dois se acertam e se aceitam.

Herculano, mesmo após o filho ser coroado rei de Seráfia, prefere se manter no posto de chefe do cangaço a acompanhar o filho no seu reinado de paz, reforçando sua paixão pela vida conflituosa e violenta que leva desde pequeno.

Herculano em conversa com Jesuíno: Jesuíno:- “Por que o senhor não vem comigo pra Seráfia”? Herculano: - Eu sou um cangaceiro, meu reino é o Sertão. (CORDEL ENCANTANDO, REDE GLOBO, 2011. Disponível em: http://tvg.globo.com/novelas/cordelencantado/videos/t/cenas/v/cen_a-229-herculano-e-jesuino-reatam/1639057, Acesso em 05 de julho de 2022)

A figura do nordestino como um homem forte, viril e que exalta sua masculinidade por meio das suas atitudes impulsivas e agressivas é recorrente nas obras midiáticas, principalmente fazendo referência à imagem do cangaceiro, sempre um sujeito violento e disposto a matar quem não se alinhe aos seus caprichos.

Andrade (2008, p. 33) explica que

Proveniente dos mitos fundantes da região como o cangaço, os retirantes e o coronelismo, tais discursos tomam idéias regionalistas para estabelecer uma versão molde para a masculinidade do nordestino, baseado de forma essencialista e unitária

no sertanejo, elemento este importante na construção discursiva da região Nordeste.

A repetição desses moldes na construção de personagens nordestinos é muito negativa para a imagem que o telespectador recria e toma para si como sendo verdade. Mesmo sabendo que o cangaço representou um movimento popular na busca por igualdade e é uma vertente positiva deste povo, a exaltação de características depreciativas culminam por estereotipá-los como homens e mulheres agressivos, incapazes de percorrer uma situação por meio do diálogo e acordos pacíficos.

Para Martine (1996, p. 10), essa insistência em apresentar personagens tão repetitivos funciona como uma afirmação de que esta é uma representação verdadeira e imutável.

Quanto mais vemos imagens, mais corremos o risco de ser enganados [...] a utilização das imagens se generaliza e, contemplando-as ou fabricando-as, todos os dias acabamos sendo levados a utilizá-las, decifrá-las, interpretá-las. Um dos motivos pelos quais elas podem parecer ameaçadoras é que estamos no centro de um paradoxo curioso: por um lado, lemos as imagens de uma maneira que nos parece totalmente “natural”, que, aparentemente, não exige qualquer aprendizado e, por outro, temos a impressão de estar sofrendo de maneira mais inconsciente do que consciente a ciência de certos iniciados que conseguem nos “manipular”, afogando-nos com imagens em códigos secretos que zombam de nossa ingenuidade.

Ao assistirmos um produto midiático, como filmes e telenovelas, não o fazemos com o intuito de reflexões e profundidade de conhecimento, o fazemos por lazer, por abstração, o que muitas vezes nos faz aceitar o que nos é passado sem passar por um filtro crítico. (MARTINE, 1996)

Segundo Albuquerque Júnior, (2013, p. 162), a masculinidade nordestina se concretizou do modo como a vemos no final da década de 1920, logo após a Semana da Arte Moderna de 1922, quando foi inaugurado o “mito da brasilidade”. O “nordestino é definido como um homem que se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histórica”. Justamente por se colocar contra os grandes exploradores da sua mão-de-obra, que era vista como barata e efetiva. Ainda neste contexto, o autor define o nordestino como

Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos; um macho

capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise; um ser viril [...] o nordestino é inventado como um tipo regional, como figura que seria capaz de se contrapor às transformações históricas em curso desde o começo do século, vistas como feminizadoras da sociedade e que levavam a região ao declínio. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 162-163)

Outro fator que nos chama a atenção na construção desse estereótipo e que dever ser considerado é o porte de arma branca, uma faca, na construção dos personagens nordestinos, o instrumento é sacado sempre como resultado de uma afronta, um ultimato para a solução de um conflito, o que torna a imagem do homem nordestino ainda mais rude e agressiva. Matar alguém a faca é visto como um símbolo de macheza, alguém que está disposto a matar e se sujar ao mesmo tempo, como um processo rudimentar entre caça e caçador.

Essa repetição na construção dos personagens nordestinos sempre armados, seja com arma de fogo presa ao cinto, seja com uma faca na bainha, como podemos ver nas imagens 3 e 4, se tornou um traço paisagístico na representação do homem nordestino, que para Albuquerque Júnior (2013, p. 206) cria uma imagem “cristalizada, petrificada, [...] de ícones, símbolos, objetos, que perderão o seu caráter fugidio, o seu equívoco, o seu caráter polissêmico, para serem domados pelo discurso e pela prática da estereotipia, da repetição, da identidade, que procuram criar uma paisagem imutável.”

Figura 15 - Herculano portando faca (Domingos Montagner), 2011.



Fonte: Rafael França/Globo. — Foto: Globo

Figura 16 - Herculano (Domingos Montagner) e seu bando de cangaceiros, 2011.



Fonte: Rafael França/Globo. — Foto: Globo

Personagens escritos com os mesmos critérios apenas elevam e reforçam o que Albuquerque Júnior (2013) chamou de “estabilidade acrítica”, em que internalizamos o que nos é passado e nos tornamos seguros em “dizer o que é o outro em poucas palavras”, apenas utilizando dos seus rótulos para uma associação generalizada.

Para Bagno (2009, p. 59) essa insistência em escalar atores que se expressam, principalmente por meio da linguagem e de características estereotipadas nada mais é que “uma forma de marginalização e exclusão” do povo nordestino, que muitas vezes nem é “uma caricatura, um tipo grotesco, rústico, atrasado [...]” e para a sociedade que o conhece por meio dos meios midiáticos, essa é a forma correta de expressá-los.

A construção do “macho-nordestino”, no viés que estamos mostrando, não se limita a viabilizar apenas o preconceito social, regional e linguístico que estereótipos tão maçantes como este podem acarretar, o Nordeste detém o maior índice de mortalidade de mulheres do Brasil, considerando a densidade demográfica em relação às demais regiões do nosso país.

Tabela 2 - Quantidade de feminicídios no Brasil por Região.

Quantidade de feminicídio no Brasil por Região						
REGIÕES	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Norte	484	553	574	614	639	513
Nordeste	1.542	1.452	1.518	1.774	1.610	1.295
Sudeste	1.619	1.502	1.414	1.435	1.282	1.014

Sul	645	625	653	658	559	554
Centro	546	489	486	455	429	361
Oeste						

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM. Observação: Considera os óbitos femininos. Elaboração Diest/Ipea.

Os dados acima nos mostram a importância de combater os estereótipos, de trazer essa discussão e reflexão para sala de aula e demais campos da sociedade, ao mesmo tempo que nos confirma a importância da língua, da linguagem e da cultura sobre um povo, essa influência dessa triangularização não se resume aos interesses de linguísticas e pesquisadores da área, ela transpassa e atinge de modo muito impactante toda a sociedade. Afinal, o que vemos em representações midiáticas do homem nordestino rústico é que ele limpe sua honra, se posicione violentamente perante situações de conflito e faça isso com o mínimo de diálogo possível.

3.5 Estereótipo 3: O nordestino retirante

Nessa análise mostraremos outro arquétipo da estereotipia presente em personagens nordestinos nas tramas midiáticas, a do nordestino retirante. A realidade que inspira essa construção já foi tratada na fundamentação teórica, mas aqui mostraremos traços que se repetem ao longo do tempo na construção do nordestino que deixa sua cidade natal e parte para outras regiões do Brasil na busca de uma qualidade de vida melhor.

3.5.1 Maria do Carmo em Senhora do Destino

Telenovela da Rede Globo de grande sucesso foi exibida entre 28 de junho de 2004 e 12 de março de 2005, um total de 221 capítulos.

Dividida em duas fases, inicialmente a novela conta a história de Maria do Carmo (1ª fase – Carolina Dieckmann), uma nordestina de Pernambuco que ao ser abandonada pelo marido se vê numa situação de extrema pobreza, cruza o sertão com os cinco filhos, ainda pequenos, rumo ao Rio de Janeiro. A viagem da família é sofrida e chegam na cidade maravilhosa em Janeiro de 1968, encontrando assim, o tumulto generalizado em consequência do Ato Institucional Número Cinco (AI-5). Em meio as manifestações e ações truculentas da

polícia, Maria do Carmo acaba tendo a filha caçula sequestrada por uma falsa enfermeira, em um momento que precisou cuidar de um dos filhos que estava machucado.

Ao se dar conta do que havia acontecido, Maria do Carmo se desnorteia e termina por ser presa com outros manifestantes, é na cadeia que ela encontra seus dois maiores pretendentes, Dirceu de Castro (José Mayer) e Giovanni Improtta (José Wilker).

Há então uma passagem de anos e inicia-se a segunda fase da novela. Maria do Carmo (2ª fase – Suzana Vieira) agora é uma empresária de sucesso, mãe zelosa e com um forte vínculo a sua comunidade, Vila São Miguel, onde é conhecida por sua generosidade e história de superação.

Mesmo com o passar dos anos, com os quatro filhos homens já criados, Maria do Carmo nunca deixou de procurar por sua filha desaparecida, batizada por Lindalva (Carolina Dieckmann) e falsamente registrada por Maria de Nazaré Tedesco (Renata Sorrah) como Izabel. Lindalva fora criada como filha legítima da sequestradora, foi amada e teve uma vida feliz na ilusão da sua ignorância.

Toda a trama principal se desenvolve na busca por Lindalva e no embate entre Maria do Carmo e Nazaré Tedesco, esta, que acaba por se tornar uma das vilãs mais icônicas já construídas por telenovelas no Brasil. Nazaré se torna uma assassina fria, ao mesmo tempo que incorpora um humor sagaz e caricata.

É no embate entre a protagonista e a antagonista que surge o termo preconceituoso que se difundiu no Brasil da época, Maria do Carmo era chamada de anta nordestina, fazendo referência ao uso informal da palavra “anta”, que significa alguém burro, incapaz e aprender ou realizar algo corretamente. Nazaré não escondia seu incomodo com o sotaque nordestino da sua rival e por inúmeras vezes este foi motivo de irá e ridicularização.

Figura 17 - Maria do Carmo (Suzana Vieira), Lindalva/Isabel (Carolina Dieckmann) e Nazaré Tedesco (Renata Sorrah) – Senhora do Destino, 2004.



Fonte: Memória Globo, 2022.

Toda a construção da personagem Maria do Carmo é típica ao ilustrar a migração do nordestino nas telenovelas brasileiras, o indivíduo é cercado pela miséria, seca e pobreza na sua terra natal, que nunca é desenhada como um local hospitaleiro e próspero, temos como exemplo o retirante Fabiano, Sinhá Vitória, os meninos e a cachorra Baleia na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Em consequência dessa situação de vulnerabilidade, o sujeito migra para outra região do Brasil, normalmente uma cidade do Sudeste do país, pois essa sim, representa a possibilidade de ascensão social, de fuga da fome e é símbolo de prosperidade.

Ao analisarmos essa realidade, da cena que cerca o migrante nordestino ser sempre representada pela seca e miséria, não estamos negando as consequências dessa verdade, mas destacando que fatores degradantes são sempre utilizados para permear o migrante, mesmo este sendo filho de uma região gigante e com riquezas diversas. Seria claro que o nordestino em situação de miséria não se conformasse com sua vida de pobreza, porém não podemos ter como verdade absoluta e generalizada que este seja o único motivo para a evasão da sua terra natal.

A imagem do nordestino em situação de miséria teve início no final do século XIX, mais precisamente após a grande seca que assolou a região entre os anos de 1877 e 1879, se tornar o tema centra nos discursos políticos regionalistas.

Esse discurso ganha força no terreno artístico na terceira década do século XX e achamos interessante compreender sua origem e o espaço de tempo que ela vem se

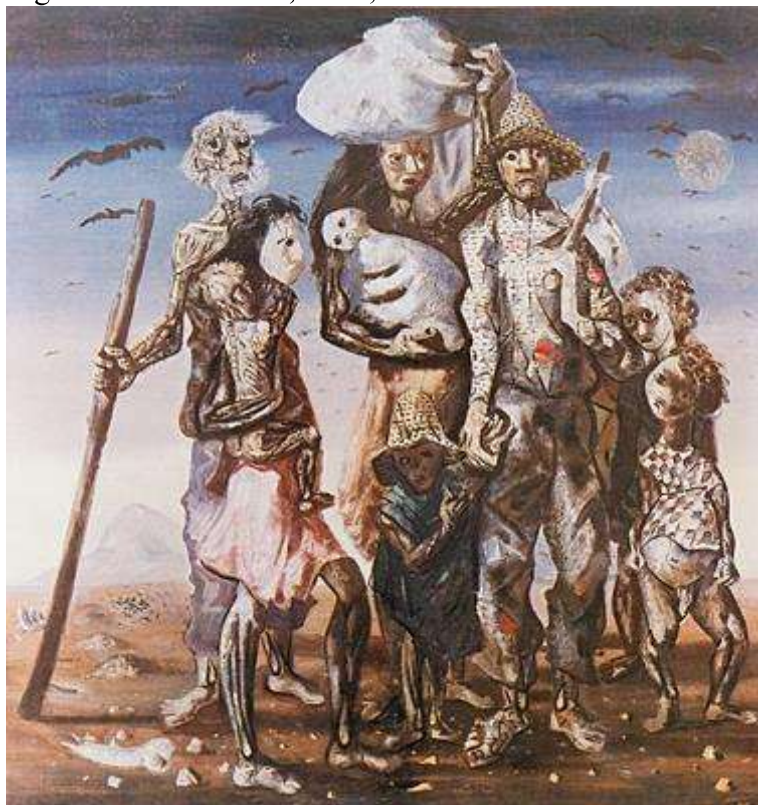
perpetuando como fonte de construções estereotipadas de diversos personagens. Para Graciliano Ramos, autor que serviu de inspiração para as cenas da migração de Maria do Carmo, retratar o nordestino diante dessa miséria ligada à seca é uma forma de denúncia, de protesto. A arte deve ser utilizada como uma fonte de sanar sofrimentos, para que novos possam ocupar o posto em foco e assim, montar-se um ciclo. Ao afirmar isso, o escritor tenta justificar sua inclinação em retratar tal realidade com tanta veemência, acreditando que destacá-la provocaria uma solução. O autor ainda compara sua abordagem com as inspirações estéticas do pintor Cândido Portinari, com quem dividiu uma afinidade artística e pessoal, que também retratou em suas obras elementos degradantes e dramáticos da seca nordestina.

A relação de amizade entre Graciliano Ramos e Cândido Portinari aconteceu entre os anos de 1930 e 1940, e acreditamos que o modo como os dois se referiam e retratavam a seca nordestina em suas obras tem sido o ponto de partida para a inspiração de muitos autores midiáticos que beberam dessa fonte.

Na obra de Graciliano Ramos destacamos a obra “Vida Secas”, publicada em 1938 e que em resumo narra a sofrida migração de uma família que percorre grandes distâncias na fuga da seca, sofrendo diariamente para se manterem vivos.

Em Cândido Portinari podemos ver na obra “Retirantes”, de 1944, a retratação da miséria, da pobreza e aridez do sertão nordestino, o pintor destaca a aparência cadavérica dos retirantes, o que ilustra a fome. Ele retratou um grupo de pessoas, quatro adultos e cinco crianças, de modo sombrio, o que traz para sua obra um ar fúnebre, que podemos ver também nos elementos secundários da obra, em que não há vida, mas sim um ambiente terrestre seco e no ar, urubus sobrevoam como se estivessem esperando um banquete. Para Portinari, a função social da arte é não ser neutra, é buscar sempre provocar o incomodo como um gatilho para os problemas sociais.

Figura 18 - Retirantes, 1944, Candido Portinari - óleo sobre tela.



Fonte: Reprodução fotográfica de Fábio Praça, 2018.





A utilização da arte, tanto na pintura, literatura e obras televisivas, como meio de se provocar uma reflexão é válida, deve ser valorizada e ser contínua. Mas para o objetivo desta pesquisa, o que contrapomos é a estereotipia repetitiva na construção dos personagens que ilustram esse movimento de migração, a divulgação do nordestino como um sujeito que não tem chances de sobreviver em sua terra natal o coloca em uma situação perigosa, já que os outros os veem como pessoas limitadas e sujeitas a qualquer barganha em troca de uma vida diferente da que é representada.

Na novela, a saída de Maria do Carmo com os seus cinco filhos foi encenada com o mesmo viés, uma mulher com cinco filhos deixando para trás sua casa de pau-a-pique em um pau-de-arara, parando essa condução para enterrar a cachorra Baleia que fora atropelada, cena inspirada na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.

Outro fator que chamou muito a atenção do público na construção da personagem foi o seu sotaque, para muitos era carregado demais e não retratava a realidade do seu local de origem, o que provocou nos telespectadores uma “não identificação” com a personagem. O que para essa pesquisa também vale ser considerado, visto que o sotaque construído de forma caricata acaba por viabilizar piadas, chacotas e a depreciação do povo que este sotaque mira representar. Abaixo alguns dos comentários acerca do sotaque apresentado pela personagem

Maria do Carmo que ilustram esse descontentamento do público.

Figura 19 – Seleção de comentários na rede social Twitter acerca do sotaque nordestino da personagem Maria do Carmo na novela Senhora do Destino.

-  mister ricao 2022 @mister... · 21 jul. 21
Em resposta a @freguesto
É isso que dá não chamarem linguistas pra dar assessoria a esse povo! Aí qualquer personagem do nordeste fala igual à **Maria do Carmo**! Que aliás nem **sotaque** de pernambucana tinha! 🤪🤪🤪 Amei o vernáculo! É isso mesmo!! 🤪🤪🤪
-  @marialuizams_ · 08 out. 19
Em resposta a @marialuizams_
eu, pernambucana, quando acham que o nosso **sotaque** é igual o de Susana vieira no papel de **maria do carmo** ????
-  @gilluizmendes · 25 nov. 19
Em resposta a @gilluizmendes
Sou pernambucano, moro aqui no Grande Recife, mas é difícil nós mesmos percebermos nosso **sotaque**. Mas achei a Regina Casé mais autêntica no **sotaque** do que a Susana Vieira quando fez a **Maria do Carmo** em #SenhoraDoDestino.
-  @nauradeto · 27 jan. 21
NAO COMPREM ESSE PERSONAGEM DA SUSANA VIEIRA. Moro a 35 anos na Bahia e nao e não tem NINGUÉM com o **sotaque** da **Maria do Carmo**. Ela não é umadona de loja de construção ce sim uma ATRIZ fingindo ser uma dona de loja de construção



Fernando Neto @fernando... · 20 mar. 21 ⋮
 O **sotaque** de **Maria do Carmo** em “Senhora do Destino” é um show de horrores. E olhe que eu AMO a personagem! Carolina Dieckmann na primeira fase da novela foi muito melhor no jeito pernambucano de falar.



Campanosa das Inhamuns @... · 21 jul. 21 ⋮
 Olar, quando eu falo que sou do Ceará,
 PELO AMOR DE DEUS NÃO TENTA IMITAR
 MEU **SOTAQUE FAZENDO A MARIA DO
 CARMO.**

É o completo sinal de que você **NÃO** me ouviu.
 E eu sinto vergonha. Por você. Não faz isso, falo com amor.

Fonte: Twitter, 2022.

O problema com o sentimento de “não-pertencimento” que acompanhamos em alguns dos comentários acima, também se desdobra em um outro fator depreciativo que alimenta o preconceito social e linguístico que acomete o povo nordestino, que é a generalização da região geográfica como sendo uma terra de um único sotaque. As obras midiáticas em análise dificilmente fazem distinção da região específica ao construir um personagem, a região Nordeste é composta por nove estados, e certamente eles não possuem um único modo de falar, mas para aqueles que assistem suas representações na TV, tudo se resume ao “sotaque nordestino” de um personagem, como se ele representasse todos os cantos falantes dessa região.

Logo, personagens como Maria do Carmo, apesar de ter sido construída e defendida pelo seu autor, Agnaldo Silva, como uma homenagem a sua terra natal, não colabora para a aceitação da variação linguística no nosso país, visto que termina por incomodar até mesmo os seus conterrâneos, que não se sentem representados, mas sim estereotipados.

3.6 Estereótipo 4: O nordestino caricata, ingênuo e bobo

Nesta seção descreveremos outro arquétipo da estereotipia recorrente na construção de

personagens nordestinos, o caricata, disposto a se ridicularizar pela diversão do outro.

A região Nordeste é conhecida como berço de grandes humoristas, dos mais antigos, como Chico Anísio, Tom Cavalcante, Renato Aragão, Rony Cócegas, etc. que desbravaram e se consolidaram na profissão, aos mais recentes, que tem feito sucesso principalmente por meio das redes sociais, como Whindersson Nunes, Carlinhos Maia, Ney Lima, Gêssica Kayane, etc. Certamente o que compete a essa análise não é desmerecer a veia cômica já consagrada pelo povo nordestino, mas sim contemplar a estereotipia de personagens caricatas que são ridicularizados em seus enredos sem a finalidade de retratar esse dom, eles são construídos como sujeitos manipuláveis, ingênuos, uma espécie de bobo da corte.

3.6.1 Fabiano em Caras & Bocas

Caras & Bocas foi exibida pela TV Globo entre abril de 2009 e janeiro de 2010, foi escrita em 232 capítulos por Walcyr Carrasco, com colaboração de André Ryoki e Cláudia Souto, com direção de Ary Coslov, Marcelo Zambelli e Maria de Médicis, na direção geral de Jorge Fernando.

A novela conta no enredo principal a história do pintor Gabriel (Malvino Salvador) e da apaixonada por arte, Dafne (Flávia Alessandra). Os dois vivem uma tórrida história de amor, mas que teve uma pausa de quinze anos, pois o avô de Dafne, um empresário do ramo da mineração, que por acreditar que Gabriel estivesse apenas interessado na herança da neta, concede uma bolsa de estudos no exterior para que eles se afastassem. Gabriel, sem saber da origem da oferta, parte para seus estudos, deixando, sem saber, Dafne grávida no Brasil.

Os dois se reencontram quinze anos depois, mas por mágoas passadas não conseguem se entender facilmente. O que só acontece nos capítulos finais da trama.

O personagem em análise para essa pesquisa é Fabiano (Fábio Lago), baiano e melhor amigo de Gabriel, casado com Ivonete (Suzana Pires), o casal vive em São Paulo com seus dois filhos. Fabiano tem a vida revirada com a chegada de Adenor (Otaviano Costa), que recebe e hospeda em sua casa na certeza de estar acolhendo seu cunhado, porém, Adenor é amante da sua mulher e passa a ser sustentado por Fabiano.

Fabiano é um personagem caricata, que sofre por desconfiar que a mulher está lhe traindo. Se fantasia por inúmeras vezes para segui-la na esperança do flagrante, quando na realidade, o amante estava dentro da própria casa.

Após uma longa peregrinação de humilhação, servindo de risos para telespectadores e demais personagens que compunham a trama, Fabiano descobre a verdade e amarga a notícia

de que Valdemir (Gabriel Kaufmann), que fora criado como ser filho, na verdade é filho do amante. Fabiano sai de casa, mas no final da novela termina por perdoar a esposa e voltam a viver como marido e mulher.

Figura 20 - Fabiano disfarçado – Caras & Bocas (2009) – TV GLOBO



Fonte: (Caras e bocas, Rede Globo, 2009: Disponível em <http://globoTV.globo.com/rede-globo/caras-bocas/t/vejatambem/v/fabiano-e-ivonete-se-reconciliam/1185401/>)

Para muitos telespectadores e jornalistas da época, Fabiano era o alívio cômico da novela, uma espécie de válvula de escape. Enquanto o suporte primo de sua esposa e a própria lhe traíam, ele se matava de trabalhar para alimentar a todos. Seu cunhado, a já conhecida figura do baiano preguiçoso, estereotípiam bem comum, se negava a procurar emprego e se divertia com as loucuras de Fabiano na busca incessante pela verdade.

Um fator que chamou atenção na composição do núcleo nordestino da novela, principalmente em Fabiano e Ivonete é a entonação que eles adotaram ao falar, extremamente exagerada e infiel ao dialeto baiano, o que termina por ridicularizar essa representatividade em favor de se garantir um ar cômico às cenas. Esse fator degradante e distante da realidade é perigoso e termina por fomentar o preconceito linguísticos contra os nordestinos, pois como

afirma Bagno (2006, p. 45), se um nordestino é retratado como “pobre”, “pitoresco”, “bobo” “as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam também ‘devem’ ser consideradas assim”.

O que incomoda na criação desse arquétipo de personagens é a falta de necessidade do intuito de “fazer rir”, visto que a situação de Fabiano não era cômica, mas sim, dramática. Fazendo dele um personagem nordestino caricatural, criado com o intuito de fazer rir e não de emocionar com a dor da traição e da descoberta de que seu filho, que na verdade, era do amante. Coube a ele a figura do “bobo” e não da “vítima”, o que claramente é uma inversão do que se espera de uma história como essa.

O personagem Fabiano tem seu sofrimento oprimido para que abrisse espaço para um ser cômico, que se humilha fantasiando-se de baiana, cachorro-quente, freira e vários outras figuras sempre montadas de forma caricatas para perseguir sua esposa em emboscadas que sempre terminam com uma humilhação moral, ora sendo perseguido e preso pela polícia, ora sendo assediado por homens por estar vestido de mulher, correndo de forma desengonçada de saltos-altos e por ai segue sua sina, sempre se dando mal em suas empreitadas a favor do humor.

É interessante para essa análise destacar como o *ethos*⁸ do personagem pode ser compreendido tão facilmente, ou seja, na sua primeira aparição, já foi possível perceber que ele faria parte do núcleo cômico, que era nordestino e que estava de alguma forma sendo enganado pela esposa. Um “bobo” que se daria mal durante todo o decorrer da trama.

O próprio autor do personagem Fabiano, em entrevista dada a um portal de entretenimento, alimenta a fonte desse *ethos* presente em tantas personagens caricatas e estereotipados, afirmando que “tem muita gente assim no interior da Bahia. Tem muito malandro como Adenor, mas também há homens que gostam de sofrer. Agora, Fabiano não tem solução, né? Não adianta.” Ao fazer tal afirmação, percebemos que as características degradantes de Fabiano estão atreladas ao fato dele ser nordestino, de ser baiano, como se o adultério, o homem enganado, o bobo da vizinhança não existissem em outras regiões do Brasil.

⁸ Conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região. Fonte: Dicionário Aurélio Online, 2022. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=ethos&oq=ethos&aqs=chrome..69i57j0i131i433i512j0i512j46i175i199i51213j0i51214.775j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>> Acesso em: 18/08/2022.

3.6.2 *Chicó e João Grilo - O Auto da compadecida*

A obra de Ariano Suassuna apareceu para o público, inicialmente, como uma peça escrita que retoma elementos teatrais e populares, uma literatura rica em sátiras que usa da riqueza da literatura de cordel para criticar estereótipos facilmente reconhecidos no espaço e no ambiente em que se propõe ilustrar: religiosos fervorosos, figuras poderosas, como senhores de terras, coronéis e aqueles que se atêm apenas as questões materiais.

Foi escrita em 1955 e estreou para o grande público, sendo um sucesso de bilheteria nos teatros do Rio de Janeiro em 1957, sendo responsável por abrir portas às demais obras que viriam ao público escritas de forma tão popular, o que inegavelmente, era um grande diferencial para a época, visto que havia a identificação e representatividade das classes mais pobres com o enredo, neste caso, o povo nordestino.

O enredo da obra gira em torno de João Grilo (Matheus Nachtergaele) e seu amigo Chicó (Selton Mello), que juntos se envolvem em uma aventura de moral questionável, visto que envolvem vários personagens na tentativa de realizar uma cerimônia de enterro para a cachorrinha da mulher do padeiro, visando lucrar com isso. Os dois juntos tecem uma teia de mentiras, usando da ganância de alguns e da vaidade de outros para se darem bem, o que culmina com o julgamento dos envolvidos, ao final da trama, por Jesus, pela Virgem Maria e pelo Diabo.

Ariano Suassuna, por meio da sua obra, constrói uma leitura da moral religiosa, da ganância humana e do individualismo, sentimentos que crescem entre a briga do bem *versus* o mal e que ilustram o fervor religioso, característica comumente atribuída aos nordestinos. A sátira do autor não se restringe unicamente a esse campo, os personagens principais flertam muito com as características do teatro de Gil Vicente, são palhaços e estão dispostos a fazerem graça nos momentos mais tensos vividos no enredo. São anti-heróis que se envolvem nas próprias mentiras e as tomam como verdade em razão dos seus interesses.

A análise dos personagens principais desta obra não possui o intuito de desmerecer a importância e a representatividade que a obra trás ao descrever os costumes e a cultura nordestina, mas por se tratar de uma peça que foi posteriormente aproveitada ao seu extremo, visto que se transformou em filme e também em minissérie, percebeu-se nela que a presença de estereótipos é marcante até para obras reconhecidas e premiadas mundialmente, como foi “O Auto da Compadecida”.

João Grilo (Matheus Nachtergaele) é o responsável por exprimir o maior tom cômico da obra, ele atua e tem seu suporte para isso em Chicó (Selton Mello), que por vezes é tido

como o bobo, o inocente que é levado pela esperteza do amigo. O que não o desqualifica, visto que é ele o mentor das histórias mais absurdas narradas durante a trama e que trazem consigo momentos hilários. O contraste entre os dois fornece ao público momentos cômicos, João Grilo tem total consciência da sua classe, do lugar que ocupa na sociedade, enquanto Chicó faz as vezes de um sonhador galanteador, uma espécie de Don Juan do sertão.

Figura 21 - Chicó (Selton Mello) e João Grilo (Matheus Nachtergaele) – O Auto da Compadecida – O Filme. (2000) – TV GLOBO



Fonte: O Auto da Compadecida, Rede Globo, 2000: Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/minisseries/o-auto-da-compadecida/noticia/ficha-tecnica.ghtml>

Todos os personagens da obra possuem, de certa forma, um ar cômico, podemos presenciá-lo principalmente nas obras visuais, pois temos a performance e as expressões corporais dos atores, além da riqueza do sotaque atribuído na construção física de cada figura da obra. A mistura de drama e comicidade é recorrente a quase todos eles. E, ao que se atem a proposta desta pesquisa, não podemos deixar de citar o papel fundamental do sotaque e das expressões linguísticas nordestinas, que são essenciais para amarrar todo o enredo e conduzir o telespectador dentro dele, sendo para muitos, a parte mais rica e marcante da obra visual.

Para o que concerne à pesquisa, a presença do estereótipo se encontra nos dois personagens principais, João Grilo e Chicó que apesar de serem extremamente ricos em nuances, vagando entre o cômico e o drama, sendo anti-heróis da trama, culminam para propagar a imagem do nordestino fanfarrão, aquele que é incumbido de fazer graça para todos durante o tempo todo, ora assim, ora como um parvo, uma espécie de bobo da corte que está a

servir os mais poderosos.

João Grilo ludibria seus patrões, o padre, o bispo e até a Virgem Maria com sua esperteza e sagacidade, sempre cômico e cheio de expressões de caráter identitário, que nos remetem a todo o momento, sua região - João Grilo: “Deixe de ser **frouxo** e fique aqui!”; “[...] **deixe de agonia!**”; “Lá vem você com suas **latomias!**” e etc. Os destaques em negrito são exemplos da variação regional nordestina, que são muito frequentes na obra e utilizadas por todos os personagens.

Para Chicó a língua e suas nuances são mecanismos melódicos, o modo como ele se utiliza do sotaque nordestino, do jogo de palavras e expressões regionais dão ao seu personagem um ar de pureza e ingenuidade, que podem ser interpretadas de diferentes modos, ora como ferramentas de um conquistador barato, ora como características de bobo. Mas que também se encaixam perfeitamente a proposta do enredo, vejamos: Chicó: “É, ou não é?”; “Não sei, só sei que foi assim!”; “Ô promessa desgraçada, ô promessa sem jeito!”.

A presença de expressões regionais não é, de modo algum, visto como negativas por essa pesquisa, elas fazem parte da composição essencial dos personagens, estão ligadas a eles, muitas expressões regionais e falas se popularizam em razão das adaptações para TV aberta (que tem um alcance maior em comparação ao teatro e cinema). Mas com isso, com a presença marcante destes personagens, termos estereótipos ligados a eles é prejudicial para quem não consegue distinguir a realidade da ficção.

O estereótipo do nordestino caricata, disposto a fazer todos rirem a todo o momento não pode ser a parte mais marcante de um personagem tão bem construído, do mesmo modo que o estereótipo do bobo/ingênuo também não. E é com isso que esta pesquisa se preocupa, o modo como até personagens consagrados, que marcaram a vida profissional dos atores que os interpretaram, são construídos de modo estereotipado, servindo como referencia a generalizações para aqueles que carregam consigo o preconceito.

CONSIDERAÇÕES

Presenciar, rotineiramente, como o preconceito linguístico pode ser devastador na vida de pessoas tão próximas, que de algum modo já se encontram em uma situação de vulnerabilidade social, pois estão inseridas dentro de um movimento migratório condenado por muitos, é sufocador. Ter que comprovar para toda uma comunidade que está cercada de mazelas visivelmente cruéis, como a fome, a violência, o desemprego, entre outras, que um sentimento ligado à língua também merece atenção, é por muitas vezes desafiador. Há sempre o sentimento de que temos urgências maiores para combater e discutir, o que não podemos aceitar é que só se luta uma única batalha por vez. E que combater um sentimento que vai contra a língua, a cultura e a identidade de um povo pode ser um meio eficiente para romper com o sistema opressor que excluí, dos mais diferentes âmbitos sociais, os nordestinos.

Vale ressaltar que esta pesquisa não se propôs a realizar uma análise das falas dos personagens *corpus*, ou tampouco demonstrar o preconceito linguístico sofrido por eles, mas sim o de elencar os fatores degradantes que tais personagens transmitem por meio do produto midiático que foram construídos, fatores estes que interferem no modo como vemos e percebemos o povo nordestino, pois o produto midiático tem o poder de passar a ideia de uma homogeneidade ao retratar uma região, um nicho e etc. Com isso, o que vemos é a falsa existência de um bloco linguístico único, criado sob estereótipos que se baseiam em critérios de baixo prestígio social.

Na busca por alcançar o objetivo geral desta pesquisa, que foi apresentar uma análise da presença de personagens midiáticos que foram construídos sob diferentes estereótipos nordestinos, mostrando que por não condizerem com a realidade do povo representado por eles, rompem o entretenimento e terminam por servir de reforço e legitimação de diferentes tipos de preconceito, mais especificamente o preconceito linguístico, ao que nos propusemos, foi contemplado mediante o levantamento e análise dos personagens *corpus* da pesquisa, os quais nos permitiram identificar a presença repetitiva de estereótipos degradantes do povo nordestino. Vimos, por meio do constructo teórico que a língua está ligada de modo inseparável aos fatores sociais do seu falante, por tanto, acreditamos que a presença de tantos personagens nordestinos estereotipados termina por viabilizar uma interpretação massificada deste povo, sugerindo que de modo geral são inferiores por serem servís, ingênuos, migrantes e caricatas, ou que não merecem respeito por serem ignorantes e incapazes de uma socialização pacífica, como se todos fossem herdeiros do cangaço, vítimas da seca e da miséria.

Respondendo a hipótese e as perguntas da pesquisa, acreditamos sim que os meios de comunicação estejam contribuindo com a propagação dos estereótipos nordestinos, e conseqüentemente do preconceito linguístico, visto que imprimem a ideia de um povo sofrido, que vive constantemente em situação de vulnerabilidade, cercados pelas mais cruéis mazelas sociais, logo, seu modo de falar também é visto como uma variedade menos prestigiada, exatamente por estar ligada a fatores sociais tão degradantes. Os fatores históricos que influenciam na composição destes personagens estereotipados são complexos, mas podemos perceber pela teoria levantada que está ligada às questões ambientais, econômicas e sociais da região Nordeste, constantemente associada à seca e a miséria trazida por ela. O cangaço também está ligado a esta realidade, o movimento social de décadas atrás serve de referência para as mais distintas adaptações televisivas, que vão da vestimenta ao modo de lidar com situações adversas, o que nos mostra que não há uma atualização no modo que os criadores enxergam a região. O movimento migratório, fruto da má distribuição de renda e dos recursos naturais, também coloca o povo nordestino em uma situação de vulnerabilidade social, pois muitos partem para novos lugares desprovidos de recursos e com isso se sujeitam a situações degradantes na busca pela sobrevivência, essa realidade os associa a um *status* social inferior aos demais, o que faz com que toda a carga social desde povo, língua, culinária, sotaque, vestimenta, música e etc. Seja vista, por muitos brasileiros, também como algo inferior.

Bagno (2006, p. 44) já condenava a presença de estereótipos nordestinos, deixando claro sua interferência no modo como este povo é apresentado as demais regiões do nosso país:

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum no Brasil, muito menos no Nordeste.

Dentro desta constatação, alcançamos um dos objetivos específicos desta pesquisa, que foi elencar os tipos que servem como base de inspiração para a estereotipagem dos personagens nordestinos, chegando à conclusão de que o nordestino servil, o migrante, o caricato e o homem grotesco/valentão estão constantemente presentes nas obras midiáticas que visam descrever o nordestino. Os demais objetivos estão sujeitos a interpretação e alcance

desta pesquisa por parte de quem a tome, visto que demonstrar as consequências negativas do preconceito linguístico e a vontade de combatê-lo requer um exercício de reflexão e empatia, há nesta pesquisa fatos e resultados de pesquisas incontestáveis que destacam essa necessidade, mas mudar um sentimento ou despertá-lo é um exercício subjetivo. Por fim, a ajuda para que tal feito aconteça foi concretizada na construção da proposta de intervenção, a Sequência Didática foi pensada e desenvolvida para ajudar professores a contribuir com o fim do preconceito linguístico.

Em síntese, a pesquisa alcançou seus objetivos, confirmou sua hipótese e respondeu suas perguntas, mas vemos o problema elencado como algo não solucionado, nem tínhamos tamanha pretensão. O preconceito linguístico é um sentimento excludente que está enraizado na nossa sociedade e ele disputa atenção com problemas de questões urgentes, mas por meio da educação, da reflexão e da quebra da repetição estereotipada de personagens tão amplamente divulgados, podemos amenizar e erradicar, ao longo do tempo, este sentimento excludente que assola o povo nordestino. Logo, manter esse tema em foco, trazer essa discussão à luz por meio de novas pesquisas é fundamental, visto que o caminho é longo e a mudança é lenta.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, A. N. **Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida**. Universidade de São Paulo, v. 13, n. 36, p. 7-59, 2007.

ADORNO, T. W.; FRENKEL-BRUNSWIK, E.; LEVINSON, D. J.; SANFORD, R. N. **La Personalidade Autoritária**. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1965.

ADORNO, T. W.; HOIKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. **A invenção do Nordeste e Outras Artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. **Preconceito Contra a Origem Geográfica e de Lugar: as fronteiras da discórdia**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

ALKMIN, T. M. **Sociolinguística**. In: MUSSALIM, F.; BENTES. (Org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras I*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ALLPORT, G. W. **The nature of prejudice**. New York: Basic Books, 1954.

ANDRADE, M. C. **A seca: Realidade e Mito**. 1. ed. Recife: Asa Pernambuco, 1985.

ANDRADE, M. C. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANDRADE, M. C. **O Nordeste e a Questão Regional**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

ANDRADE, V. G. **Laços entre a história e a tela: a forjadura da identidade do “Cabra-macho”**. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 2008.

ANDRÉS, M. **Televisión y Contextos sociales en a infancia: hábitos televisivos y juego infantil**. Lisboa: Revista Comunicar, v. 6, p. 129-139, 1996.

BACCEGA, M. A. **O estereótipo e as diversidades**. 13. ed. São Paulo: Comunicação & Educação, 2012. p. 7 a 14.

BAGNO, M. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, M. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola, 2014.

BAGNO, M. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2004.

BAGNO, M. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2009.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

- BAGNO, M. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 2006.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BATISTA, J. R. M. **Os estereótipos e o efeito do contato virtual no preconceito contra negros e nordestinos.** 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
- BAUMAN, Z. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** 37. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2001.
- BELINE, R. A variação lingüística. In: FIORIN, J. L. (Org.) **Introdução à lingüística - Objetos teóricos.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 121-40.
- BENVENISTE, E. Categorias de pensamento e categorias de língua. In: _____. **Problemas de Lingüística Geral I.** Campinas: Pontes, 2005, p. 68-80.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem (1958). In: _____. **Problemas de lingüística geral, I.** Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2006b. p. 284-293.
- BERGIEKER, H. B.; LESLIE, L. M.; CONSTANTINE, V. S.; FISKE, S. T. **Stereotyping by omission: Eliminate the negative, accentuate the positive.** J Pers Soc Psychol, v. 102, p. 6. 2012. Disponível em: doi: 10.1037/a0027717. Acesso em: 12 fev. 2022.
- BERNARDES, D. M. **Notas sobre a formação social do Nordeste.** São Paulo: Lua Nova, 2007.
- BHABHA, H. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do Território. In ROSENDHAL, Z. e CORRÊA R. L. (orgs.) **Geografia Cultural (3).** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.
- BOSI, A. **Dialética da colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-345.
- BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular: leitura de operárias.** Petrópolis: Vozes, 1977.
- BRASIL. In: Intercom – **Revista Brasileira de Comunicação.** São Paulo: Intercom, vol. XIX, n.1, 1996, p. 33-57.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base. Brasília: MEC/SEB/Consed/Undime, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 12 fev. 2022.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUCCI, E.; KEHL, M. R. **Videologias: ensaios sobre televisão.** São Paulo: Bontempo, 2004.

- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Linguística**, 10. ed. São Paulo: Scipione, 2004.
- CALABRE, L. **O rádio na sintonia do tempo: radionovelas e cotidiano (1940-1946)**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, R. G. Norma culta e variedades linguísticas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 11, p. 34-49, 2011.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística (Parte II). In: MUSSALIM, F., BENTES, A. C. **Introdução à linguística. Domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 49-76.
- CÂMARA JR, J. M. **Língua e cultura**. Revista Letras, v. 4, 1955.
- CARAS&BOCAS**. Direção: Jorge Fernando. Produção: Ary Coslov, Marcelo Zambelli e Maria de Médicis. Rio de Janeiro: Rede Globo, Plataforma Globo Play, 2009.
- CASHMORE, E. **E a televisão se fez!** São Paulo: Summus, 1998.
- CASTELL, M. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CAVALCANTI, C. Piauí: Bolsão de Miséria no Nordeste do Brasil. In: WERNER, B., GEIGER, P., HADDAD, P. **Dimensões do Desenvolvimento Brasileiro**. Rio de Janeiro: Campus, 1993.
- CHAUÍ, M. A linguagem. In: _____. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 136-151.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez 2001.
- COELHO, M. C. Sobre agradecimentos e desagradados: trocas materiais, relações hierárquicas e sentimentos. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (Orgs.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p. 267-291.
- CORDEL** Encantado. Direção: Amora Mautner. Produção: Ricardo Waddington. Rio de Janeiro: Rede Globo, Plataforma Globo Play, 2011.
- CROCHÍK, J. L. **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- CROCHÍK, J. L. **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo: Robe Editoria, 1997.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática de português contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUCKITT, J. **Psychology and prejudice - a historical analysis and integrative framework American Psychologist**. Campinas, 1992.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Abril Cultural, 1912.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FERRÉS, J. **Vídeo e Educação**. 2. ed. trad. Juan Acuña Llorens, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FIGUEIREDO, C. **Dicionário da língua portuguesa**. 10. ed. Lisboa, 1945

FIGUEREDO, C. J. **A produção de materiais didáticos para o ensino de língua inglesa como LE no ciclo 2 a partir de uma abordagem intercultural**. SILEL. Anais. v. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

FIORIN, J. L. **Política linguística no Brasil**. Niterói: Gragoatá, v. 5, n. 9, p. 221-231, 2000. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/49048>. Acesso em: 12 mar. 2022.

FLORES, T. **La acción socializadora de la televisión en una época global**. Lisboa: Revista Comunicar, 18, 35-39, 2002.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANKLIN, P. (Ed.). **Intercultural interaction; a multidisciplinary approach to intercultural communication**. New York: Palgrave MacMillan, 2009. p. 13-49.

FREIRE, A. **O nordestino na Globo: novos personagens, velhos estereótipos**. São Paulo: Carta Potiguar, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31043/1/O%20estere%C3%B3tipo%20do%20Nordestino%20na%20televis%C3%A3o%20brasileira%20-%20Priscila%20Chammas.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2022.

FREUD, S. El malestar em la cultura. In, N. Braunstein (Org.) **A Médio Siglo de el Malestar em la Cultura de Sigmund Freud**. México: Siglo XXI Editores, 1986.

GADAMER, H. **Truth and method**. 2. ed. New York: Continuum, 1988.

GALISSON, R.; COSTE, D. **Dicionário de didáctica das línguas**. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

GERALDI, W. *et al.* **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GILES, H. **Accent mobility: a model and some data**. *Anthropological Linguistics*, v. 15, p. 87-105, 1973.

GILES, H., & MARLOW, M. Theorizing language attitudes: Past frameworks, an integrative model, and new directions. In C. Salmon (Ed.). **Communication yearbook**, v. 35, p. 161-197, Thousand Oaks: Sage, 2011.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades, In: **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, Mar./Abr. 1995a, p. 57-63, 1995.

GOFFMAN, E. **Stigma: notes on the management of spoiled identity**. New York: Touchstone, 1963.

GOMEZ, M. (1995). **A influencia de la televisión en nuestros alumnos**. Huelva: Revista Comunicar, v. 4; p. 103-105.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

IBGE: Coordenação de Trabalho e Rendimentos. (2012). **Características étnico-raciais da produção: Um estudo das categorias de classificação de cor ou raça: 2008**. Rio de Janeiro: IBGE.

IBOPE. 16ª Pesquisa PTN. **Brasileiro ainda é fiel às novelas e aos telejornais**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/brasileiro-ainda-e-fiel-as-novelas-e-aos-telejornais,608a3a896e8c2ba1494bcbda6ba16f56n7mi22de.html>. Acesso em: 07 abr. 2022

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Brasil em desenvolvimento: Atlas da violência, homicídios mulheres. Brasília: Ipea, 2019. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/40>. Acesso em 09 ago. 2022

JAMBEIRO, O. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2002.

KATZ, M., COFFMAN, T. L., & WALTERS, G. **On the fading of social stereotypes: Studies in three generations of college students**. Hillsdale: Journal of Personality and Social Psychology, 1969, p. 1-16.

KELLNER, D. **A Cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

KINZLER, K. D., SHUTTS, K., DeJESUS, J., & SPELKE, E. S. **Accent trumps race in guiding children's social preferences**. Social Cognition, 2009.

KOLLER, H. **Die Mimesis in der Antike: Nachahmung, Darstellung, Ausdruck**. Bern: Francke, 1954.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

LABOV, W. **Sociolinguistics patterns**. Oxford: Basil Blackwell, 1972.

LARAIA, R. **Cultura. Um conceito antropológico.** Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

LEAL, O. F. **A leitura social da novela das oito.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LESSER, J. **A negociação da identidade nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** São Paulo: UNESP, 2001.

LIMA, T. R. S. **Saussure: a escrita e a tradução dos conceitos de linguagem, língua e fala.** 2014. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/18485/214-7LTQKU>. Acesso em: 15 jan. 2022.

LIPPMANN, W. Estereótipos. In: STEINBERG, Charles S. (org.). **Meios de comunicação de massa.** Trad. Otávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1972. p.151.

LOPES, M. I. V.; BORELLI, S. H. S.; REZENDE, V. R. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade.** São Paulo: Summus, 2002.

LURÇAT, L. **Tempos Cativos: as crianças TV.** Lisboa: Edições 70, 1995.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa.** 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARCUSCHI, L. **A Linguagem e classes sociais.** Porto Alegre: Movimento, 2008.

MARIANE, B. **Entre a evidência e o absurdo: sobre o preconceito linguístico.** Niterói: UFF, 2007.

MARTINE, J. **Introdução à análise da imagem.** Campinas: Editora Papyrus, 1996.

MATIAS-PEREIRA, J. **Manual de metodologia da pesquisa científica.** São Paulo: Ed. Alas, 2007, p. 151.

MATTOS, S. O Impacto da Revolução de 1964 no Desenvolvimento da Televisão. In: **Cadernos do INTERCOM:** São Paulo: INTERCOM/Cortez Editora, ano 1, n. 2, p. 29- 43, 2002.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix Ltda, 2007.

MELLO, J. A. G. **Por uma história do Império vista do Nordeste.** São Paulo: Estudos Universitários, 1975.

MEMÓRIA Globo. Memória das telenovelas (página inicial). Rio de Janeiro: Rede Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

MODESTO, A. T. T. **Linguagem, Ideologia e Preconceito Linguístico na sociedade.** Periódico de Divulgação Científica da FALS, n. 04, p. 1-27, Jan/Mai 2009. Disponível em: <http://www.fals.com.br/revela10/ideologia.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2002

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística**, Vol. 3. Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004, p. 439-473.

O AUTO da compadecida. Direção: Guel Arraes. Produção: Guel Arraes. Cabeceiras: Globo Filmes, 2000.

PEREIRA, M., ÁLVARO, J., OLIVEIRA, ANDREIA, C., & DANTAS, G. S. **Estereótipos e essencialização de brancos e negros**: um estudo comparativo. *Psicologia & Sociedade*, 2011, 144-153

PINDADO, J. **Adolescentes y televisión: la pantalla amiga**. Porto: Revista Comunicar, v. 6, p. 22- 28, 1996.

PINTO, M. **Televisão, família e escola**. Lisboa: Editora Presença, 2002.

PORFÍRIO, C. W. **Preconceito linguístico e estereotipagem do nordestino**: Uma análise de personagens da teledramaturgia brasileira. Trabalho de conclusão de curso. UAG/UFRPE. 2017.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola?** Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

REIA-BATISTA, V. **Educação para os media: uma aposta necessária face aos novos media urgente e com futuro**. Huelva: Grupo Comunicar, 2005.

REZENDE, C. B. Entre mundos: sobre amizade, igualdade e diferença. In: VELHO, G.; &

KUSCHNIR, K. (Org.). **Mediação, cultura política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

ROCHA LIMA, C. H.. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

ROKEACH, M. **The Open and Closed Mind**, Nova Iorque, Basic Books, 1960.

SANTOS, C. A. N. **Crenças e atitudes de variedades linguísticas no nordeste brasileiro**: como universitários de uma zona de fronteira dialetal percebem a língua portuguesa? *Revista Leitura* v. 2, nº 59 – Maceió – Jul./Dez. 2017, p.168-184.

SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Tradução: Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. In: SCHNEUWLY, B.; Dolz, J. (Org.). Gêneros orais e escritos na escola. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 71-91.

SE/CENP, **Proposta Curricular para o ensino de Português: 2º grau**. São Paulo, 1992.

SENHORA do destino. Direção: Luciano Sabino, Marco Rodrigo e Cláudio Boeckel. Produção: Wolf Maia. Rio de Janeiro: Rede Globo, Plataforma Globo Play, 2004.

SEVERO, R. T. **Língua e linguagem como organizadoras do pensamento em Saussure e Benveniste**. Entre textos: Londrina, v. 13, n. 1, p. 80-96, jan./jun. 2013.

SHISHITO, A.; COGUETO, J. V. **Formação territorial da região Nordeste do Brasil: uma perspectiva espacial, ideológica e política**. Porto: Faculdade de Letras, 2010.

SILVA, A.; ESTAVAM, P. **A questão da norma culta e a variação linguística: um estudo de caso**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1125/ALDR-7LTQK>. Acesso em: 12 fev. 2022.

SILVA, E. F. G.; SANTOS, S. E. B. **O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade**. Ipojuca: Abrapso, 2009. Disponível pelo site http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/anais_XVENABRAPSO/447. Acesso em: 12 fev. 2002

SILVA, T. T. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, W. **Que horas ela volta**. Globo Filmes, 2015, Rio Grande do Sul.

SINCLAIR, J. Corpus and Text - Basic Principles. In: M. WYNNE (ed.), **Developing Linguistic Corpora: a Guide to Good Practice**. Oxford: Oxbow Books, 2005, p. 1-16. Disponível em: <http://ahds.ac.uk/linguistic-corpora/>. Acesso em: 30 maio 2022.

SOARES, M. **Linguagem e Escola - uma perspectiva social**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2002.

SPENCER-OATEY, H.; FRANKLIN, P. **Unpacking culture**. In: SPENCER-OATEY, H.;

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TÁVOLA, A. da. **A telenovela brasileira: história, análise e conteúdo**. São Paulo: Globo, 1996.

TECHIO, E. M. Estereótipos sociais como preditores das relações intergrupais. In: TECHIO, E. M.; LIMA, M. E. O. (Org.). **Cultura e produção das diferenças: estereótipos e preconceitos no Brasil, Espanha e Portugal**. Brasília: Technopolitik, 2011.

VASCONCELOS, C. P. **A construção da imagem do nordestino/sertanejo na constituição da identidade nacional.** Trabalho apresentado no II Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, em Salvador, Bahia, 2006.

WEBER, M. **Conceitos básicos de sociologia.** São Paulo: Centauro, 2005.

XAVIER, N. **Telenovela Brasileira: Uma breve história.** Tele Dramaturgia. 2020.
Disponível em: <http://teledramaturgia.com.br/telenovela-brasileira-historia/>. Acesso em: 25 fev. 2022

APÊNDICE: INTRODUÇÃO PARA UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

O homem é um ser que tem consciência da sua existência, talvez seja o único ser vivo com essa habilidade. Somos regados à subjetividade, singulares por natureza e capazes de nos envolvermos em diferentes universos, interagindo em sociedade, criando mundos individuais e explorando tudo o que a mente humana nos proporciona. Esta por sua vez, a mente humana, sempre foi alvo da curiosidade popular e de pesquisas, das mais sérias às mais mirabolantes. Dominar a mente humana, ler pensamentos, decifrar, alcançar seu total potencial, ser capaz de realizar ações apenas com o poder da mente são assuntos que instigam as mais ecléticas rodas de conversa.

Mas será que a mente humana já não está sendo influenciada, ou até mesmo dominada? Temos as mídias comunicativas que são um bom objeto de reflexão para se construir uma resposta à pergunta acima. Nós vemos o mundo hoje pelas lentes da TV, dos smartphones, dos computadores e etc. Somos bombardeados por propagandas muito bem elaboradas, estratégias de *marketing* que são capazes de nos despertarem os mais ímpetos desejos consumistas, programas que nos fazem sonhar e brotar novos modos de pensar, de agir, nos vestir, construindo arquétipos do imaginário, contextos sociais, novos sentidos e que modificam nossa subjetividade constantemente. É importante lembrar que não estamos invalidando o lado positivo de tudo isso, muito menos criando uma teoria de dominação em massa, dessas que os mais fanáticos propagam por meio de *fake news* e discursos de ódio, o objetivo é despertar a ciência de que somos influenciados, não temos como fugir desse processo, somos o fruto da construção que fazemos por meio da interação com o meio que vivemos.

Não podemos desprezar o que é considerado um dos maiores segmentos econômicos do mundo, que é a indústria midiática, muito menos o seu poder de alcance. Segundo pesquisa realizada pelo IBGG (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) em 2019, a televisão está em 96,3% dos lares brasileiros, dos quais em 89,8% já contam com conversores para o recebimento do sinal digital. A TV ainda é a maior ferramenta de comunicação e entretenimento utilizada por todas as classes sociais.

Com uma representatividade tão grande na vida do brasileiro não podemos deixar de considerar os efeitos negativos que esse meio de comunicação espalha pelas casas em que está presente, aqui trazemos para a discussão a presença maciça de personagens fictícios que compõem o elenco de novelas, minisséries e filmes, diariamente exibidos pelos canais de TV aberta, personagens estes carregados de estereótipos, que fogem da representação real da

cultura a que se propõem representar. Neste caso, apesar de termos um leque de opções em que minorias sociais não são corretamente construídas, escolhemos os nordestinos e os caipiras, personagens que são comumente carregados de estereótipos, construídos sobre um viés raso e preconceituoso, servindo como chacota, válvulas de escape para o humor e disseminação errônea de toda uma cultura que já é a décadas tratada como inferior pelas demais.

O que ignoramos é que um meio de comunicação tão comum está há anos servindo de veículo para a propagação de uma visão prejudicial à língua, aos costumes culturais das minorias e dos povos que já são excluídos por diferentes fatores. Silva e Santos (2009, p. 3) nos mostra que:

O poder de manipulação da mídia pode atuar como uma espécie de controle social, que contribui para o processo de massificação da sociedade, resultando num contingente de pessoas que caminham sem opinião própria. Subliminarmente, através da televisão, das novelas, jornais e internet, é transmitido um discurso ideológico, criando modelos a serem seguidos e homogeneizando estilos de vida.

Por tanto, é necessário a discussão para uma possível intervenção a essa realidade, podemos não conseguir romper com o ciclo de fabricação de personagens tão problemáticos, mas inevitavelmente podemos nos preparar para criticá-los e mostrar para a sociedade que eles não representam a suma da cultura de um povo, com isso, sermos capazes de não absorver conceitos que nos são passados que inferiorizam nossos semelhantes pelo simples fato de falarem com um sotaque diferente. Logo, combater o preconceito linguístico e social que os nordestinos e caipiras sofrem em razão do que foi e é ilustrado e reforçado pela TV por meio dos estereótipos.

1. O nordestino em Caldas Novas

A cidade de Caldas Novas está localizada no sudeste do estado de Goiás e segundo o último censo, realizado em 2010 conta com uma população de 70.473 (a estimativa para o ano

de 2021 é de 95.183) dos quais 12.430⁹ são migrantes nordestinos, certa de 17,6% da população da cidade.

Os nordestinos migram para Caldas Novas a procura de trabalho na rede hoteleira (fonte maior de empregabilidade local), de condições de uma vida mais digna. E hoje representam a força motriz que move, em sua maioria, a economia braçal da cidade, trazendo com eles os aspectos culturais que lhes são característicos: a alegria, a força, a resiliência, além de um sotaque marcante e um léxico peculiar.

Porém, o falar nordestino, que é facilmente identificado, não é tão bem aceito por todos, muitos sofrem o preconceito linguístico, são tratados de maneira desigual e por vezes, excluídos da sociedade. A cidade possui uma feira popular, conhecida por “Feira dos Nordestinos”, que comercializa produtos característicos da culinária nordestina, como as variedades de farinha e outros preparos de grãos, tecidos, doces e etc. Além de um bairro, popularmente chamado de “Bairro Nordestino”, cujo os moradores são na sua maioria migrantes de estados do Nordeste.

Com uma diversidade tão grande presente no dia a dia de uma cidade turística, visto que Caldas Novas é a maior instância de águas termais do mundo e recebe, segundo o IBGE, mais de 3 milhões de turistas por ano, o preconceito linguístico não deveria ser uma realidade, afinal, um local que recebe pessoas de diferentes lugares deveria ser receptivo ao que lhe é diferente. Não é o que retrata os migrantes moradores da cidade.

Muitos professores já se depararam com o preconceito linguístico em diferentes estágios da Educação Básica no município, relatos de alunos que foram vítimas desse mal também é frequente, além de ser possível tal constatação quando se levanta o assunto em sala de aula, muitos desabafam sobre o que passaram e passam por terem um sotaque que claramente não é daqui.

Logo, vemos que a identificação para o alvo do preconceito sofrido é o falar, o sotaque que tão bem representa o local de origem, por isso, por ser uma proposta que se aplica a uma cidade do interior de Goiás, e com a finalidade de mostrar que se aqui praticamos o preconceito linguístico com os migrantes nordestinos, somos também passíveis de sofrê-lo ao deixarmos nosso estado natal, afinal, um “[porrrta], [porrrteira]” e outras expressões regionais características do falante goiano, chamado vulgarmente de caipira, também são motivo de piada em muitos outros estados do Brasil. Combater o preconceito linguístico, nos colocando

⁹ Em 2010, segundo o censo a população real era de 70.473, o valor apresentado é a estimativa, realizado pelo órgão para o ano de 2019, visto que em 2020 não houve o recenseamento por negativa financeira do Governo Federal.

no lugar de quem o sofre, por fazermos parte de uma minoria linguística que também é tida como menos prestigiada, pode ser um reforço para a erradicação desse mal, por meio da conscientização social.

É relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico.

2 Uma proposta de intervenção em comum com os documentos norteadores: PCNs, BNCC

Alguns avanços por parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCNs, e da Base Nacional Curricular Comum, doravante BNCC, podem ser sentidos no que se refere à variação linguística, novas propostas de abordagem foram inseridas nas reformulações educacionais a que esses documentos se aplicam, e tanto o preconceito linguístico, quanto a variação linguística passaram a compor os conteúdos obrigatórios a serem trabalhados em sala de aula.

Na apresentação de práticas pedagógicas para se trabalhar a variação linguística, os PCNs, documento norteador do ensino publicado em 1998, já abrem com uma afirmação que nos conforta enquanto professores e pesquisadores, pois deixa claro que “a variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa.” É importante esse reconhecimento, não que ele estivesse estreando no meio educacional, mas por citar as “ações normativas”, visto que muitos linguistas, como por exemplo Bagno (1999), afirmam que a ideia de uma língua normativa defendida pela escrita e pela gramática ajudam a fixar as variações linguísticas e o ato da fala como sendo errôneos, e conseqüentemente inferiores. O que vai contra o posicionamento do supracitado documento, pois ele tem traz como objetivo para a sala de aula que o educando, por intermédio do professor, seja capaz de se “posicionar contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (BRASIL, 1998, p.7).

A BNCC, documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagem fixada no ano de 2018, também reforça a necessidade de se

trabalhar a variação linguística, apresentando no seu eixo de análise de linguagem e semiótica a seguinte afirmação:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2018, p. 81)

O documento também toma ciência da existência de uma lacuna entre o falar e escrever e reforça que “em função do privilégio social e cultural dado à escrita, tendemos a tratar as outras linguagens como tratamos o linguístico [...] sem muitas vezes prestarmos atenção em outras características das outras semioses que produzem sentido”. Com isso, propondo intervenções na prática de ensino com o objetivo de diluir esse afastamento, o que consequentemente ajudaria a combater o preconceito linguístico.

O documento ainda traz algumas outras orientações em seus eixos temáticos afim de orientar o planejamento e a sequência didática a ser seguida para se atingir objetivo de ensino, algumas delas estão presentes na parte constituinte de apresentação, outras na parte de “Competências específicas de Língua Portuguesa”, abaixo elencamos as mais pertinentes e que justificam a proposta de intervenção desta pesquisa.

<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos. (BRASIL, 2018, p. 83)
<ul style="list-style-type: none"> • Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica. (BRASIL, 2018, p. 83)
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. (BRASIL, 2018, p. 161)
<ul style="list-style-type: none"> • Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico. (BRASIL, 2018, p. 87)
<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos

linguísticos. (BRASIL, 2018, p. 87)
<ul style="list-style-type: none"> • Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos. (BRASIL, 2018, p. 113)

O apanhado acima, coletado da BNCC, vem ao encontro do objetivo central dessa proposta, que é oferecer aos professores e alunos a chance de reconhecer os prejuízos ocasionados pelo preconceito linguístico, antes que ele se instaure ou deixe suas marcas traumatizantes. Todo o conteúdo aqui apresentado já está proposto pelos documentos normativos que fundamentaram essa discussão, as diretrizes de trabalho já existem e estão sendo abordadas pelas escolas, mas uma cidade que conta com mais de 17% da sua população sendo migrantes nordestinos que relatam episódios de preconceito, sentimento de não pertencimento e exclusão social, além de estar localizada no interior de Goiás, berço do “caipirez”, é válido uma reflexão mais eficaz para combater tal realidade, a própria BNCC (2018, p. 70) afirma que “é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico.”

Em suma, o que essa proposta almeja é uma adequação mais consciente da sua realidade, que venha combater o preconceito linguístico na fonte do saber – a escola. Adequando seus Projetos Políticos Pedagógicos (doravante PPP) com a finalidade de atender melhor às necessidades sociais dos educandos, reforçando os conteúdos sugeridos pelos livros didáticos, regionalizando a abordagem a ser discutida ao mesmo tempo que construa educandos mais conscientes dos danos ocasionados pelo preconceito linguístico e pela refuta de estereótipos tão frequentemente mostrados na TV aberta, o que influencia tal mazela social.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO – COMBATENDO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E OS ESTEREÓTIPOS POR MEIO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Para buscar contemplar os objetivos desta pesquisa, a melhor opção pensada para o momento se encaixa em uma sequência didática (doravante SD), cujo objetivo será auxiliar o professor a compreender os benefícios das contribuições dos estudos linguísticos e evoluir na contemplação final dos seus benefícios, sanando as dificuldades dos alunos em reconhecer as variedades linguísticas, os efeitos do preconceito linguístico e assim, serem capazes de combatê-lo.

Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” Para esses autores, a SD “procura favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação”.

Para a construção da sequência didática será considerada as contribuições de Marcuschi (2008), que afirma ser possível ensinar diferentes conceitos de maneira ordenada, que é o que a SD propõe em sua essência, orientando os professores a fim de sanar e/ou diminuir as dificuldades dos alunos durante as aulas que contemplaram o foco desta proposta.

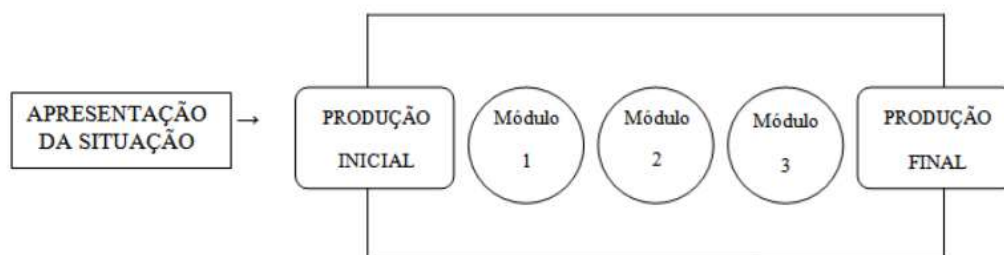


Figura 1 – Representação esquemática da estrutura de uma sequência didática
Fonte: (MARCUSCHI, 2008, p. 213)

Nessa SD, inicialmente contemplará uma seção de abertura, apresentando a situação de estudo por meio oral ou escrita, em que os alunos conhecerão de maneira detalhada a tarefa a ser realizada. A “produção inicial” servirá para um diagnóstico em que o professor avaliará as dificuldades apresentadas e os conhecimentos já adquiridos sobre o tema, possibilitando assim escolher qual será o melhor *feedback* para ajudar na próxima etapa. Os “módulos 1, 2 e 3” consistem em atividades sistemáticas e evolutivas e suas quantidades podem variar de

acordo com a necessidade de cada aluno/turma, abordando características temáticas que forem necessárias após a “produção inicial”, são na verdade as atividades que estão propostas, cabendo ao professor selecionar as que contemplem melhor a realidade de cada sala. A “produção final” é a aplicação dos conhecimentos adquiridos nos “módulos” na melhoria da “produção inicial”, em que o aluno internaliza os conhecimentos adquiridos por meio das atividades propostas, em que essas contemplarão todo o processo anterior.

A construção da SD será feita com a possibilidade de uma interdisciplinaridade de diferentes matérias, mobilizando professores e suas frentes a trabalharem juntos, o que potencializará as chances de um produto final bem sucedido.

A apresentação da SD aos professores e membros da unidade escolar poderá se dar na semana de preparação didática, que acontece na primeira semana letiva de cada ano escolar, em algum encontro coletivo ou formação pedagógica previstos no calendário escolar.

Para isso, segue um material de apoio sugerido para inclusão no PPP das unidades de ensino que atendam desde o Fundamental I até o Ensino Médio, com suas respectivas orientações e sugestões de adaptação. O material busca combater o preconceito linguístico iniciando a abordagem pelo processo de migração, mostrando suas diferentes nuances, contemplando a variação linguística, fazendo refletir sobre a influência midiática em nossa sociedade e finalizando com os efeitos negativos do preconceito linguístico, não com o objetivo de substituir o que já é proposto pelos livros didáticos e demais materiais de apoio, mas de somar e reforçar o trabalho que tem sido desenvolvido, afinal, a soma de conhecimento não resultará em prejuízos e um material que possibilite uma maior identificação pessoal, local e social pode ocasionalmente arrebatrar maiores entusiastas, que além de aprenderem em sala de aula, poderão também se transformarem em propagadores das boas novas.

3 Guia metodológico para elaboração e apresentação dos dados da proposta de intervenção

DIVULGAÇÃO
<input type="checkbox"/> Filme
<input type="checkbox"/> Hipertexto
<input type="checkbox"/> Impresso
<input checked="" type="checkbox"/> Meio digital

- Meio Magnético
- Outros. Especificar: _____

FINALIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

Sequência Didática abordando o ensino de uma aula a professores a partir de 5º ano na Educação Básica – Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio.

PÚBLICO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ensino Fundamental II – Em foco

IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional apresenta:

- Alto impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.
- Médio impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.
- Baixo impacto** – Produto gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.

O impacto do Produto Educacional é:

- Real** - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc.) Isso é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo.
- Potencial** - efeito ou benefício de uma produção previsto pelos pesquisadores antes de esta ser efetivamente utilizada pelo público-alvo. É o efeito planejado ou esperado.

REPLICABILIDADE E ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daqueles em que o mesmo foi produzido.

A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é local com possibilidade de alcance nacional.

COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL
--

O Produto Educacional possui:

() **Alta complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes tipos de conhecimento e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.

() **Média complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Apresenta método claro e explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, resulta da combinação de conhecimentos pré-estabelecidos e estáveis nos diferentes atores - segmentos da sociedade.

(x) **Baixa complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação. Resulta do desenvolvimento baseado em alteração/adaptação de conhecimento existente e estabelecido sem, necessariamente, a participação de diferentes atores - segmentos da sociedade.

() **Sem complexidade** - Não existe diversidade de atores - segmentos da sociedade. Não apresenta relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento do produto.

INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL
O Produto Educacional possui:
<input type="checkbox"/> Alto teor inovativo - desenvolvimento com base em conhecimento inédito. <input checked="" type="checkbox"/> Médio teor inovativo - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos. <input type="checkbox"/> Baixo teor inovativo - adaptação de conhecimento existente.
FOMENTO
Não houve fomento para elaboração ou desenvolvimento do Produto Educacional.

REGISTRO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL
O registro de depósito de propriedade intelectual é de domínio público, podendo ser utilizado por quem se interessar sem custos financeiros.

TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL
O Produto Educacional não foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos até o momento.

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL
O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc) ou ministrado em forma de oficina, mini-curso, cursos de extensão ou de qualificação etc. em eventos acadêmicos, científicos ou outros? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não

REGISTRO E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL
Produto Educacional disponível, como apêndice da Dissertação de Mestrado do qual é fruto, na Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Catalão (UFCAT) . Link para acesso:



PREFEITURA MUNICIPAL DE CALDAS NOVAS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA

PLANO DE AULA – SEQUÊNCIA DIDÁTICA – Preconceito linguístico
Assunto(s): Reflexões sobre migração e variedade linguística

INFORMAÇÕES DA TURMA

Escola	
Nível de Ensino	Ensino Fundamental I
Disciplina	A proposta maior se manifesta na intenção de combater o preconceito linguístico, o que não cabe somente a disciplina de Língua Portuguesa, por isso perpassa por conteúdos pertinentes à Geografia e à História, sendo uma boa possibilidade para se trabalhar a interdisciplinaridade.
Série/Turma	Adequar à realidade da unidade escolar
Contemplanção:	4 aulas com pesquisa extra classe

DESCRIÇÃO DAS AULAS

Assunto(s)	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os possíveis motivos de processos migratórios ao longo do tempo a partir de um contexto local; • Refletir sobre as diferenças regionais do Brasil; • Despertar a empatia pelo reconhecimento das limitações regionais, climáticas e socioeconômicas que influenciam no processo de migração; • Reconhecer a presença de estereótipos regionais nordestinos nas obras midiáticas do nosso país;
Habilidades Específicas	<ul style="list-style-type: none"> • EF69LP55 - Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. • EF35LP11 - Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos. • EF02GE01 - Descrever a história das migrações no bairro ou comunidade em que vive. • EF04HI09 - Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino. • EF08GE02: Relacionar fatos e situações representativas da

	<p>história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial.</p> <ul style="list-style-type: none"> • EF05HI09 - Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes históricas, incluindo orais, capazes de levar a outras perspectivas acerca dos processos históricos.
Duração	<ul style="list-style-type: none"> • 200 minutos (quatro aulas) – As habilidades específicas apresentadas não contemplam um conteúdo pontual, portando não serão trabalhadas em suas totalidades apenas com essas aulas.
Procedimentos metodológicos: Aquecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas e dialogadas, com utilização de materiais de apoio. O professor deve conduzir o conteúdo propondo uma reflexão sobre o motivo de sair do seu local de origem, fazendo questionamentos e elencando depoimentos dos alunos que já moraram em outros lugares. O professor pode projetar as perguntas, ou escrevê-las no quadro. • Perguntas para o aquecimento: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Como foi morar em um lugar desconhecido? ▪ Como foi fazer novos amigos? ▪ Por qual motivo você se mudou? ▪ Do que você mais sentiu falta quando se mudou? ▪ Você assiste novelas? Quais suas novelas preferidas? ▪ Você consegue identificar um falante de outra região pelo modo de falar? ▪ Conhece algum personagem de novela/filme que é nordestino? • Sugestão 1: Caso nenhum aluno da turma tenha vivido essa experiência, peça-os que imagine como seria; • Sugestão 2: Você pode utilizar a imagem 1 (Anexo 2) e sugerir uma leitura não verbal; • Sugestão 2: Utilize as imagens em anexo para ilustrarem as perguntas, tornará o procedimento mais lúdico e interessante.
Procedimentos metodológicos: Problematização	<ul style="list-style-type: none"> • Com a ajuda de um mapa, mostre aos alunos o tamanho do Brasil, discorra um pouco sobre as particularidades de cada região, aquelas que são mais marcantes e de conhecimento comum, como o clima, a vegetação, a alimentação e etc. • Perguntas para problematização: <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que leva uma pessoa ou uma família a se mudar para locais mais distantes? ▪ Existe um único modo de falar? ▪ Você consegue citar algum personagem de novela, série ou filme que te lembre de alguma região do Brasil?

	<ul style="list-style-type: none"> • Anote as possíveis respostas no quadro, instigue os alunos a considerarem fatores maiores, como a realidade econômica da região, a falta de oportunidades de trabalho, violência, falta de infraestrutura básica e etc.
Procedimentos metodológicos: Leitura e Interpretação	<ul style="list-style-type: none"> • Pergunte aos alunos se eles acham que há migrantes em Caldas Novas, ouça as respostas e sugira a leitura do texto. (Anexo 1) • Utilizando o texto em anexo, peça para os alunos o lerem (Escolha a melhor forma de leitura de acordo com sua realidade: leitura silenciosa, leitura dinâmica, etc.). • Comente as informações mais importantes do texto, repita a pergunta inicial desta etapa; • Peça para que os alunos respondam as questões sobre interpretação do texto. • Sugestão 1: Caso as perguntas tenham que ser passadas no quadro, planeje melhor o tempo, adeque o número de questões ao tempo necessário para que consigam responder e contemple o restante na aula seguinte. • Sugestão 2: Caso seja possível incluir as questões na fotocópia, insira linhas para direcionar as respostas dos alunos.
Recursos didáticos	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro branco e pincel; • Mapa do Brasil (pode ser utilizado por meio de projeção); • Fotocópias do texto (Para a realização deste plano de aula, o professor deverá fazer uma pesquisa antecipada sobre quem são os povos que migraram para a região onde a escola se localiza, e os motivos que levaram essas pessoas a migrarem, traços culturais de cada região do país, tais como alimentação, clima, vegetação e etc.) (Anexo 1); • Data show (Utilize as imagens sugeridas no Anexo 2).
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Participação efetiva e colaboração na discussão; • Leitura e interpretação do texto; • Resolução das atividades; • Elaboração de opinião crítica sobre estereótipos nordestinos e do preconceito linguístico; <p>▪ Sugestão 1: Caso o texto não possa ser reproduzido para cada aluno, as opções podem ser uma leitura colaborativa, projeção no quadro ou a leitura ser realizada pelo professor.</p> <p>▪ Sugestão 2: Caso as perguntas não possam ser inseridas na folha fotocopiada, utilize o quadro.</p>
Referências	<ul style="list-style-type: none"> • SILVA, Thamires Olimpia. "O que é migração?"; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-migracao.htm. Acesso em 26 de janeiro de

2022.

PARTE 1

ANEXO I: Texto e questões de interpretação sobre migração

O que é migração?

Migração é o deslocamento populacional pelo espaço geográfico, no caso, dentro do próprio país, de forma temporária ou permanente, que desde o início da humanidade têm contribuído para a sobrevivência do ser humano. O homem quem migra o faz por alguma razão e, muitas vezes, a sobrevivência de um determinado grupo social depende de seu deslocamento pelo espaço, como, por exemplo, durante a pré-história, quando os primeiros seres humanos migravam em busca de alimento.

Dentre as principais razões para a migração estão as de origem:

- Econômica, quando o migrante sai em busca de melhores qualidades de vida, empregos, salários, muito comum em regiões subdesenvolvidas.
- Cultural e religiosa, no caso de grupos sociais que migram para o local com o qual se identifica, muitas regiões são intolerantes com religiões minoritárias, principalmente com as de raízes africanas.
- Políticas, ocorre com bastante frequência durante crises políticas, guerras, ditaduras, nas quais vários contingentes políticos migram, de forma livre ou forçada, para evitar os problemas de sua região.
- Naturais, muito comum em lugares com a ocorrência de desastres ambientais, secas, frio intenso, calor excessivo etc.

Na nossa cidade há um número considerável de migrantes, sua maioria vinda do Nordeste, Sudeste e Norte, muitos procuram Caldas Novas em busca de uma condição de vida melhor, vindo atrás de oportunidades de trabalho que são geradas pela cidade ser a maior estância hidrotermal do mundo. Caldas Novas é uma das maiores cidades turísticas do país, e recebe milhares de turistas por mês, o que faz com que restaurantes, hotéis, pousadas, padarias, supermercados e etc. precisem de mão de obra para atender essa grande demanda.

Adaptado: UOL – Brasil Escola, Thamires O. Silva

Interpretação do texto:

1) Responda as questões:

- a) O que é migração e quais os motivos que provocam esse processo?

- b) Você conhece algum migrante? De que região ele é?
- c) Há migrantes em Caldas Novas? Qual região do Brasil melhor representa esses migrantes?
- d) Na sua opinião, quais os fatores positivos e negativos de se mudar de uma região para a outra?
- e) Você acha que os migrantes recebem o mesmo tratamento social que os moradores nativos da cidade?
- f) Muitas vezes é possível identificar um migrante ao conversar com ele, mesmo sem perguntar sua origem. Como?

PARTE 2

ANEXO II: Imagens sugeridas para elaboração dos slides e texto para questões sobre a migração nordestina

Slide 1 - Orientações: Selecione as imagens abaixo para ilustrarem as perguntas de aquecimento:



Imagem 1 – Movimento migratório.
Disponível em: <https://2.bp.blogspot.com>



Imagem 2 – Ônibus dos refugiados de Vector Migração ilegal Ilustração colorida dos desenhos animados do estilo liso. Disponível em: encurtador.com.br/eDGIW



Imagem 3: Desenho representando a migração nordestina.

Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/a-cultura-nordestina-em-sao-paulo-muito-alem-do-chapeu-de-couro/>



Imagem 4: Releitura de obra "Os Retirantes", feita pelo artista brasileiro Cândido Portinari — Foto: Rômulo Timóteo

Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2021/10/08/dia-do-nordestino-arqueologo-do-piaui-retrata-whindersson-e-outros-famosos-em-telas-com-inspiracao-no-sertao.ghtml>

Texto 2:**A migração nordestina**

O ato de migrar é realizado há milhares de anos, sendo caracterizado como uma forma de mobilidade espacial da população. Migrar é trocar de país, região, estado, município ou até de domicílio. No Brasil, os movimentos migratórios estão mais diversificados, no entanto, os habitantes do Nordeste protagonizaram grandes fluxos migratórios com destino às outras regiões do país, sobretudo para o Sudeste.

Ao trabalhar esse tema em sala de aula é fundamental explicar a diferença de emigrante e imigrante. O primeiro consiste no indivíduo que deixa (sai) seu lugar de origem com destino a outro lugar. O imigrante, por sua vez, é aquele que chega (entra) em um determinado lugar para nele viver. Outro ponto importante é a forma de abordar esse conteúdo, evitando análises preconceituosas.

Esclarecidos esses conceitos, destaque que, no Brasil, o fator econômico é o principal motivo responsável por desencadear os fluxos migratórios. No entanto, esse fenômeno pode ocorrer por aspectos políticos, religiosos, culturais, desastres ambientais, entre outros. No caso dos nordestinos, esses movimentos sempre estiveram relacionados à busca de melhores condições de vida.

Utilize o mapa político do Brasil para representar o trajeto do primeiro grande fluxo migratório dos nordestinos (século XIX), cujo destino foi a porção norte do país. Essa população foi motivada nesse século pelo Ciclo da Borracha, que se repetiu também durante a Segunda Guerra Mundial, conflito que ocorreu entre os anos de 1939 a 1945.

Posteriormente, esclareça que a região Sudeste alcançou rápida industrialização durante a década de 1950, fato que atraiu pessoas de várias partes do Brasil em busca de emprego, em especial do Nordeste. Durante os anos seguintes, cidades do Sudeste passaram a ter imigrantes de praticamente todos os estados nordestinos.

Em seguida, cite que a construção de Brasília e a expansão da fronteira agrícola nas Regiões Centro-Oeste e Norte atraíram fluxos migratórios de nordestinos. Um ponto muito importante a ser enfatizado é que na última década ocorreu uma modificação nas correntes migratórias internas, uma vez que muitos migrantes estão retornando para as suas cidades de origem. Esclareça que esse processo é consequência do aumento do desemprego nas grandes cidades.

Por Wagner de Cerqueira e Francisco
Graduado em Geografia
Equipe Brasil Escola

Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/a-migracao-nordestina.htm>

Questão 1: Na sua opinião, quais as principais dificuldades que os migrantes nordestinos enfrentam ao chegarem no seu novo local de moradia?

Questão 2: Você conhece alguma obra midiática que ilustrou/ilustra essa realidade?

PARTE 3

Anexo III: Trabalhando estereótipos e personagens midiáticos estereotipados.

1) Leitura e interpretação:

Os estereótipos e suas complicações

O Estereótipo é um conceito, ideia ou modelo de imagem atribuída às pessoas ou grupos sociais, muitas vezes de maneira preconceituosa e sem fundamentação teórica.

Em resumo, os estereótipos são impressões, pré-conceitos e “rótulos” criados de maneira generalizada e simplificada pelo senso comum.

Foi com o desenvolvimento das sociedades que os estereótipos surgiram e padronizaram diversos aspectos relacionados ao ser humano e suas ações.

De tal modo, esses modelos ou clichês foram se repetindo com o passar do tempo, resultando em padrões impessoais e ideias preconcebidas.

Como ele surge?

Os estereótipos são reproduzidos pelas culturas e veiculados em diversos meios, tal qual a televisão, internet, e muitas vezes são representados em programas humorísticos. Geralmente, utilizamos os estereótipos de maneira inconsciente, já que são conceitos relacionados com a história, geografia, culturas e crenças de diversas sociedades.

Note que esses modelos de estereótipos estão relacionados, sobretudo, aos aspectos físicos, por exemplo, quando vemos uma menina vestida de maneira mais masculina, logo intuímos que ela é homossexual.

No entanto, essas apreciações podem ser errôneas e muitas vezes de teor depreciativo e preconceituoso.

Embora os estereótipos podem apresentar apreciações positivas ou negativas, quase sempre ele carrega aspectos negativos.

Estereótipos Étnicos e Culturais

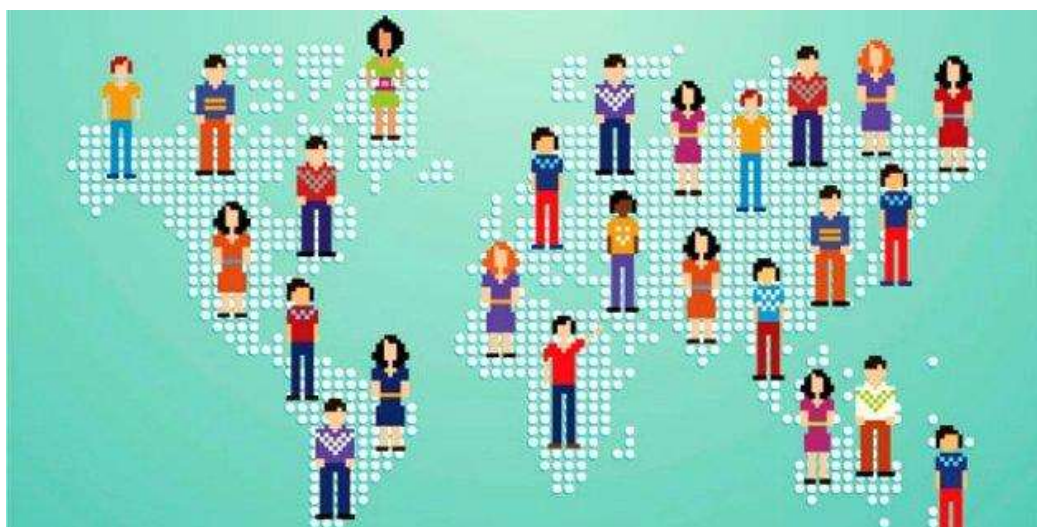
Outro estereótipo muito desenvolvido é aquele associado às raças, etnias e culturas. Assim, quando pensamos num chinês, logo atribuímos diversos juízos de valor, como se todos os chineses fossem iguais e comessem cachorro e gato. Ou mesmo, que todos os árabes são terroristas, os portugueses são burros ou as brasileiras são oferecidas.

Além disso, e não menos importante, está aquele estereótipo associado à cor da pele, onde os negros e asiáticos são taxados de diversas maneiras pejorativas.

Com o processo de globalização, muitos estereótipos culturais foram desenvolvidos pela sociedade. Quanto a isso, podemos pensar na xenofobia, um preconceito que define a aversão aos estrangeiros, ou tudo aquilo que é diferente da nossa cultura.

Além disso, o etnocentrismo é um outro tipo de preconceito, reproduzidos pelos estereótipos culturais, donde o termo é aplicado para definir a superioridade de uma cultura sobre a outra.

Estereótipo e Preconceito



Se o estereótipo são impressões utilizadas para julgar as pessoas e seus comportamentos, podemos intuir que muitas vezes, essas avaliações estão intimamente relacionadas com o preconceito.

O preconceito, tal qual o estereotipo, surge com as atribuições feitas sobre as pessoas. Assim, são lançados juízos de valor sobre determinado aspecto da sociedade, seja a classe social, a cultura, a religião, a etnia, a cor da pele, a preferência sexual.

Assim, chegamos à conclusão de que os estereótipos fortalecem as ideias preconceituosas, ou seja, são a base de diversos tipos de preconceitos, os quais geram violência verbal ou física entre os indivíduos.

Daniela Diana – Portal Toda Matéria

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/estereotipo/>

Questão 1: Por meio de uma pesquisa, analise os links abaixo e debata com seu grupo se há a presença de algum estereótipo no personagem citado.

Personagem 1 – Maria do Carmo – Novela: Senhora do Destino

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=1IQIUtEcHVU>



Maria do Carmo: a heroína em busca da filha | Senhora do Destino | Novelei | TV Globo

Personagem 2 – João Grilo e Chicó – Filme: O Auto da Compadecida

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=2a8exUe0xhE>



AS EMBRULHADAS DE JOÃO GRILLO

Personagem 3 – Herculano e Jesuíno – Novela: Cordel Encantado

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=aB4aHNBvHOs>



Jesuíno, seu bando e os cangaceiros resgatam Herculano/cordel encantado

Questões:

- 1) Qual região os personagens pertencem?
- 2) Há algum tipo de estereótipo nos personagens?
- 3) É possível reconhecer a região por meio da ambientação das cenas? Se sim, quais as principais características observadas?
- 4) Você acredita que o modo como os personagens são apresentados representa a população local do enredo?

PARTE IV

ANEXO IV – Produção de texto – Opinião

Questão 1: Dê sua opinião sobre como os estereótipos da aula anterior podem ser prejudiciais na imagem do nordestino, aponte uma possível solução para esse problema.